

ISSN 0006-5218

BLUMENAU

em Cadernos



Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau/SC

Acervo: Biblioteca Pública SC - Hemeroteca Digital Catarinense

BLUMENAU

em Cadernos

PREFEITURA MUNICIPAL DE BLUMENAU

João Paulo Kleinübing
Prefeito Municipal

Edson Brunsfeld
Vice-Prefeito

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Marion Bubeck Willecke
Presidente

Iúry Bugmann Ramos
Diretor Administrativo-Financeiro

Sueli M. V. Petry
Diretora Histórico-Museológica

Dirceu Bombonatti
Diretor do Centro de Publicação, Documentação e Referência em Leitura

Roseli Hoffmann Schmitt
Diretora do Museu de Arte de Blumenau – MAB

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

Fundada em 1957 por José Ferreira da Silva

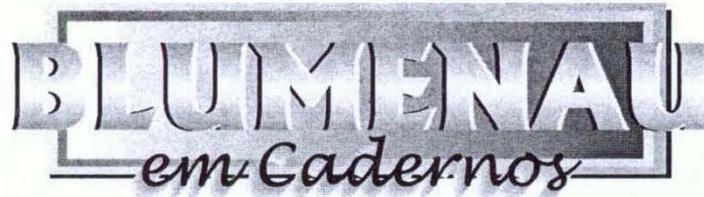
Sueli Petry
Diretora

CONSELHO EDITORIAL

Cristina Ferreira (*Presidente*)
Annemarie Fouquet Schünke
Cezar Zillig, Ivo Marcos Theis,
Méri Frotscher, Urda Alice Klueger

FUNDAÇÃO CULTURAL DE BLUMENAU

Arquivo Histórico “José Ferreira da Silva”



Prêmio Alm. Lucas Alexandre Boiteux,
na Área de História – edição 1998, concedido
pelo Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina
Prêmio Destaque - 2002
concedido pela Academia Catarinense de Letras.

© 2001 by Fundação Cultural de Blumenau

REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS

Expediente: Alameda Duque de Caxias, 64 – Caixa Postal, 425 - 89015-010 –
Blumenau (SC)

Fone (0**47) 326-6990 - E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br

Capa: Vistas do Spitzkopf

Silvio Roberto de Braga

Revisão: Valdir A. Petry

Digitação: Dayana de Cássia e Garperin Andrade



EDITORA CULTURA EM MOVIMENTO

Rua XV de Novembro, 161 – Centro – Caixa Postal 425 - 89010-001 - Blumenau - SC

Fone (0**47) 326-7511 - E-mail: editora@fcblu.com.br

<http://www.fcblu.com.br>

Ficha Catalográfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação

Biblioteca Pública Dr. Fritz Müller - Blumenau - SC

Blumenau em Cadernos. (Fundação Cultural de
Blumenau) Blumenau, SC, 1 (06) 1957 -

II.

Bimestral

ISSN 0006-5218

Depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto n° 1.825, de 20 de dezembro de 1907
© Reservados todos os direitos de publicação total ou parcial pela Editora Cultura em Movimento

“Impresso no Brasil / Printed in Brazil”

SUMÁRIO

Apresentação 07

Documentos originais - artigos

Um passeio pela cidade de Destêrro em 1858

Pastor Flos..... 09

Ein spaziergang durch die

Stadt desterro im jahr 1858. 10

Artigos

A influência do “Talian” na fala catarinense

José Curi 20

Arquitetura de Blumenau

Arquiteta Rosália Wal 64

Memórias

Dr. Amadeu Prada Beduschi

Alvaro Correia 74

Pesquisa & Pesquisadores

Turismo e história no Parque Ecológico Spitzkopf

Aurélia Maria Santos..... 76

Esporte & Lazer

G.E. Olímpico - Campeão da Liga Blumenauense
de Futebol em 1949

Walmor E. Belz 91

Fragmentos da nossa história local

Acidentes de trabalho nas fábricas de Blumenau (SC)

Lourenço Mário Prunes 94

Greve de 1919 106

Correspondências

Correspondências

Tradução Curt Heise 110

Autores Catarinenses

Os “Monges” – história e lenda

Enéas Athanázio 118

Apresentação

“Blumenau em Cadernos” abre a edição deste bimestre com a coluna **Documentos Originais**, na qual publica o texto “Um passeio pela cidade de Desterro em 1858”. O autor, reporta-se às observações registradas pelo Dr. Robert Ave-Lallemant, durante a sua passagem por Santa Catarina na segunda metade do século XIX. No seu teor tece as tramas do cotidiano da capital da Província, as suas relações com os personagens, muitos deles de ascendência alemã.

A seguir, o professor José Curi, do Instituto Histórico Geográfico de Santa Catarina, brinda a revista com “A influência do ‘Talian’ na fala catarinense”, demonstrando muita propriedade e domínio de quem realmente conhece e conviveu no ambiente da forte presença italiana do Vale do Itajaí. O autor, ao fazer o estudo lingüístico-etnográfico das falas dos imigrantes italianos, presta a sua homenagem àqueles colonizadores estabelecidos há 130 anos na região do Rio dos Cedros. Fica para os leitores e pesquisadores a primeira parte do texto, o qual, pela sua extensão, será finalizado na próxima edição.

Ainda na “**Coluna Artigos**”, publica-se “Arquitetura de Blumenau”, de autoria da arquiteta e especialista em restauro pela Universidade Federal da Bahia, Rosália Wal. Aborda a arquitetura de Blumenau dentro de um contexto que expressa o processo evolutivo urbano e arquitetônico da cidade.

Na seção **Memórias**, o ex-deputado Álvaro Correia escreve uma breve biografia do médico Dr. Amadeu Prada Beduschi, nascido em Gaspar (SC), falecido recentemente. Sua vida profissional foi intensamente desenvolvida na cidade de Curitiba.

Em **História & historiografia**, a geógrafa, e mestre na área de Turismo e Hotelaria, Aurélia Maria Santos, publica “Turismo e história no Parque Ecológico Spitzkopf”. Ao trabalhar a temática, procura trazer para o leitor o processo de utilização deste parque, historicizando os vários movimentos de grupos excursionistas, visando preservar a fauna e a flora desta área florestal tão importante para a nossa região.

Na coluna **Esporte & Lazer**, publica-se o texto “G.E. Olímpico”, escrito pelo colaborador Dr. Walmor E. Belz. O autor busca nas lem-

branças relatar o campeonato de 1949, ano em que o G.E Olímpico sagrou-se campeão de futebol da Liga B.D.

Em **Fragmentos da nossa história local**, reproduzimos na íntegra um relatório, contendo dados sócio-econômicos coletados entre os anos de 1963 a 1965, realizado pelo professor Lourenço Mario Prunes, da Universidade do Rio Grande do Sul. Na mesma coluna apresenta-se aos leitores uma variedade de tópicos de textos que relatam a greve têxtil ocorrida na Empresa Industrial Garcia no ano de 1919 em Blumenau. Esta reunião de dados foi compilada pela mestre em História Ellen Annuseck..

Na coluna **Correspondência & Tradução**, publica-se a segunda parte do trabalho da pesquisadora alemã Irene R. Lauterbach, no qual comenta a troca de cartas entre Hermann Blumenau e o farmacêutico, fabricante de produtos químicos, Hermann Trommsdorff. As traduções estão sendo realizadas pelo Sr. Curt Heise, colaborador da revista.

Encerrando esta edição, na coluna **Autores Catarinenses**, o escritor Enéas Athanázio comenta sobre autores e livros publicados no nosso Estado.

Para os interessados em colaborar com esta Revista, solicitamos enviar textos para as colunas **Artigos, História & Historiografia, Memórias e Crônicas do Cotidiano**.

Sueli M. V. Petry
Diretora da Revista Blumenau em Cadernos

Um passeio pela cidade de Desterro em 1858

*Pastor Flos**

Trad. Dr. Ivo von Wangenheim.

*Documentos
Originais - Artigos*

Livros sobre o Brasil, há-os numa quantidade espantosa. Alemães, ingleses, franceses e outros escreveram suas aventuras nos tempos da Colônia e do Império. Negociantes e técnicos, cientistas e diplomatas, soldados das tropas estrangeiras, agenciadores de imigrantes, artistas, sacerdotes e colonos, todos relatam sob as mais diversas perspectivas e permitem um claro retrospecto. Dentre os alemães há muitos nomes ilustres, que até hoje são conhecidos e o serão por muito tempo. Já em 1818 surgiu o “Journal von Brasilien de Eschwege”, um pouco mais tarde “Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817, de Maximilian, Príncipe de Wied-Neuwied”. Desde 1835 apareceram em Munique os volumes de mais uma viagem pelo Brasil cujos

* Extraído do livro “Nossos Pais”.

Publicado sob os auspícios do Sínodo Evangélico de Santa Catarina e Paraná pelo Pastor Max-Heinrich Flos.

Os originais encontram-se na Biblioteca de Apoio do AHJF.



„ Die Herren sind nämlich Protestanten!“

oder

EIN SPAZIERGANG DURCH DIE STADT DESTÊRRO IM JAHR 1858.

Reisebücher über Brasilien gibt es in erstaunlicher Anzahl. Deutsche, Engländer, Franzosen und andere haben ihre Erlebnisse aufgezeichnet, die sie in der Kolonialzeit und im jungen Kaiserreich hatten. Kaufleute und Techniker, Wissenschaftler und Diplomaten, Soldaten der Fremdenbataillone und Siedler, Künstler und Geistliche, Einwanderungswerber und enttäuschte Kolonisten, sie alle berichten aus verschiedenster Perspektive und vermitteln einen klaren Einblick in vergangene Zeiten. Unter den Deutschen haben viele Namen einen guten Klang, der bis heute aushielt und noch für einige Jahrhunderte gültig sein wird. 1818 schon erschien Eschwege's Journal von Brasilien, ein wenig später die Reise nach Brasilien in den Jahren 1815 bis 1817 von Maximilian Prinzen zu Wied-Neuwied, ab 1823 erschienen in München die Bände einer weiteren Brasilienreise, deren Verfasser berühmte Namen tragen: Spix und Martius, 1835 brachte einen ausgezeichneten Bilderband, die Malerische Reise in Brasilien von der Hand des Augsburger Moritz Rugendas, und so fort in langer Reihe. Es ist nicht nötig, hier alle wichtigen Veröffentlichungen aufzuzählen; einen kleinen Einblick nur in die Fülle wollten wir geben. Wer sich weiter orientieren will, findet in Handelmann's Geschichte von Brasilien (Berlin 1860) alles Notwendige für die ältere Zeit.

Es liegt nahe, diese Fülle auszunutzen und in unserem Büchlein zu verwerten. Wir greifen zunächst zur, Reise durch Süd-Brasilien im Jahr 1858, von Dr. Robert Avé-Lallemant, Leipzig Brockhaus 1859“. Der Verfasser war ein Lübecker Arzt, der sich in Rio de Janeiro niedergelassen hatte. Nach etwa zwei Jahrzehnten kehrte er in die Heimat zurück und kam wenige Jahre später wieder hinaus, um seine grosse Reise durch Süd – und Nord-Brasilien anzutreten. Wir lesen also nicht den Bericht eines eiligen Touristen, sondern eines Kenners, der mit dem Lande voll vertraut war. In Rio lebten zeitweilig vier Angehörige der Familie Avé-Lallemant, ein Makler, ein Kaufmann, unser Arzt und sein Bruder der Pastor der Deutschen Evangelischen Gemeinde. Unser Dr. Med. hat in der Rio-Gemeinde gerne mitgearbeitet, war lange Zeit im Vorstand und füllte als Schriftführer viele Seiten des Protokollbuches mit seiner charakteristischen Handschrift. Beim Lesen des Reiseberichtes werden uns die umfassenden Kenntnisse und treffsicheren Beobachtungen auffallen. Die Göthezeit mit ihrem Wissen

autores são portadores de ilustres nomes: Spix e Martius. 1835 trouxe-nos ótimo livro ilustrado, a “Viagem Pitoresca através do Brasil” do pintor augsburguês Moritz Rugendas. E assim por diante. A lista é longa. Não é necessário recontar aqui todas as publicações; queremos apenas dar uma idéia de seu volume. Quem quer se orientar melhor, achará na História do Brasil de Handelmann uma bibliografia detalhada até 1859.¹

É interessante aproveitarmos algo desta quantidade em nosso livrinho. Lançamos mão primeiro da “Reise durch Südbrasilien” (Viagem pelo Sul do Brasil no ano de 1858), de Dr. Robert Ave-Lallemant, Leipzig Brockhaus 1859. O autor era um médico de Lübeck, radicado há muito no Rio de Janeiro. Após aproximadamente dois decênios retornou à pátria, para voltar ao Brasil e iniciar sua grande viagem pelo norte e sul brasileiro. Não é portanto o relato de um turista apressado, mas de um conoisneur, plenamente familiarizado com o país. No Rio viviam naquela época quatro membros da família Ave-Lallemant: um corretor, um negociante, nosso médico e seu irmão, pastor da Comunidade evangélica alemã. O Dr. Robert também ajudou a Comunidade, ficando por muito tempo na direção, enchendo como secretário muitas páginas do livro de atas, com sua letra característica. Durante a leitura de suas memórias, notaremos seus conhecimentos globais e suas observações certas. O tempo de Göthe com sua sabedoria sobre a “universitas” não estava longe, não se dava por satisfeito com resumos e retalhos. Nosso Dr. Ave-Lallemant, cuja visão ia muito além dos horizontes da profissão, sendo ainda um amigo de Humboldt, parecemos um dos últimos sábios desta florescência clássica. Porém não devemos perder mais tempo, e fazer um passeio pela cidade de Nossa Senhora do Desterro, como era cem anos atrás.

“O Imperator”, um paquete da Companhia Brasileira de Navegação a Vapor, havia deslizado no mar em direção norte, e já no dia seguinte (27 de maio de 1858) fiz uma caminhada para o cimo do Morro do Sinal, idêntica àquela que já descrevi na minha prévia visita à ilha durante a viagem para o Rio Grande. Estava muito menos quente que daquela vez; menos insetos dançavam no ar e não havia flores colorindo a encosta. No entanto o cenário era magnífico; talvez ainda mais devido ao seu colorido verde-escuro. O labirinto da serra desenhava-se no continente distante num azul esfumaçado, além da bela laguna. Em centenas de pequenas baías o

um die „universitas“ war noch nahe, da man sich nicht mit Teilausschnitten zufrieden gab. Unser Dr. Avé-Lallemant, der weit über die Grenzen seines Berufes hinausschaute, zudem ein Freund Humboldt's war, erscheint uns wie ein letzter Ausläufer jener verklungenen Zeit. Doch nun wollen wir nicht länger säumen und das Städtchen Nossa Senhora do Desterro durchwandern, wie es vor hundert Jahren war.

„Der Imperator, ein Packetboot der brasilianischen Dampfschiffahrtscompagnie, war hinausgerauscht aufs Meer gegen Norden, und schon am nächsten Morgen (27 Mai) machte ich eine Wanderung zur Höhe des Signalbergs, wie ich eine solche schon bei meinem Anlaufen der Insel auf meiner Reise nach Rio-Grande erwähnt habe. Es war viel weniger warm als damals! Viel weniger Insekten schwärmten, viel weniger Blumen blühten, und doch war die Scenerie herrlich, ja eben in ihrem einfachern, dunkelgrünen Colorit womöglich noch herrlicher. Blauduftig lagen die Labyrinth der Serren auf dem Festlande jenseits der lieblichen Lagune. In Hundert kleine und grosse Küsteneinbuchtungen drängte sich das Meer murmelnd oder brausend hinein. Tief unten lag die kleine Stadt Destêrro freundlich da, umgeben von anmuthigen Villen und Gärten; weiter nördlich hinauf lag an einer tiefen Bucht der kleine Kirchfleck St. Antônio mit einigen ganz stattlichen Häusern. Nach Osten hin sieht man in eine ziemlich weite Ebene hinab, die am Meere selbst zwar mit einem Sumpfe beginnt, dann aber in Culturboden übergeht und von einem prachtvollen Amphitheater von Gebirgen umzogen ist, welche die abgeschlossene Übersicht der Insel nach Osten und Süden verhindern. Dagegen erblickt man auf der Westseite der Insel noch das hübsche Kirchspiel Ribeirão, dem an tiefer Bucht des Festlandes halb versteckt liegenden Rosario gegenüber.

Es war Spätherbst und dennoch blühten noch einzelne Billbergien, viele kleine Rubiaceen, die allerwegs wachsende *Asclepias Curaçavica*, einige hübsche Lantanen, mehrere Arten *Melastomen*, *Commelynen*, *Convolvulus* und *Ipomöen*. In herrlicher Pracht glühten in den Gärten unten in der Tiefe die *Bougainvillien* und *Poinsettien*, beide so ausgezeichnet wegen der lebhaft gefärbten *Bracteen* und eben deswegen scharf hervortretend aus dem dunkeln Colorit der mit reifenden Beeren überladenen Kaffeegebüsche und der düsternden Orangenbäume, welche Tausende ihrer Goldfrüchte boten ... Man braucht wirklich nur einige Monate in vegetationsärmen Gegenden gewesen zu sein, um von neuem zu staunen über die saftigen *Pisange*, die ungeheuern *Agaven* der Abhänge, die dichten Kaffeepflanzungen und Orangenpartien, nebst den seltsamen *Caricabäumen*, die mir immer von allen Tropenformen am seltsamsten vorkommen ...

mar avançava, às vezes murmurando, às vezes rugindo. Ao longe, em baixo jazia a cidade de Desterro, rodeada de belas vilas e jardins; mais ao norte numa profunda baía, o lugarejo de Santo Antônio com algumas casas bem imponentes. Para o leste a vista alcança, à distância, uma baixada que começa com pantanal à beira mar e vai-se lentamente transformando em terra cultivável, rodeada de montanhas qual fantástico e gigantesco anfiteatro, impedindo a vista ao leste para o sul. No lado oeste da ilha se vê a freguesia de Ribeirão, defrontando no continente Rosário, meio escondida numa baía.

Era no fim do verão, mas ainda florescia bilbérgias isoladas, muitas ribiáceas pequenas, asclepiadáceas, que crescem em toda parte; algumas bonitas lantanas, várias espécies de melastomáceas, comelinas, convolvuláceas e ipoméias. Nos pomares, avermelhavam as buganvilas e poinsetias, ambas tão distintas pelas vivas cores de suas brácteas e que por isso mesmo contrastavam com o colorido escuro dos cafeeiros carregados de bagas sazonzantes e as sombrias laranjeiras, que ostentavam milhares de seus frutos dourados ... Basta ter estado alguns meses em regiões pobres de vegetação para de novo surpreender-se a gente com estas suculentas bananeiras, as enormes agavas das encostas, os densos cafezais e laranjais e o estranho mamoeiro, que me pareceu a mais estranha das formas tropicais...

A ilha feliz produz quase todo o necessário à vida: carne e verduras de toda a sorte, frutas saborosas e até ótimas uvas, café, algodão, fumo, cana de açúcar etc., se bem que devido ao tamanho da ilha não haja exportação digna de nota.

O mesmo pode-se dizer da capital Desterro. Dentre os 6 a 7000 habitantes não se nota nenhum ramo de atividade especial que pudesse dar importância à cidade. Vê-se todas as profissões e comércio em regular desenvolvimento, sem os grandes armazéns e casas de negócio; não posso deixar de confessar que cidades menores e mais distantes como Itaquí e Uruguaiana, São Gabriel e Alegrete têm coisas muito melhores. A marca de uma certa riqueza e elegância aqui falta completamente. Não há ruas principais; apenas laterais. Uma velha cadeia, um velho palácio presidencial, um antigo correio, um novo mercado de peixe e um horrível teatro, além de algumas igrejas apresentáveis, são os principais edifícios.

Muito bonita é no extremo da cidade a Misericórdia agora quase pronta, onde as incansáveis soeurs de charité fazem muito por crianças e doentes, para com o acúmulo de boas ações chegar ao céu. Ah, as boas

Das glückliche Eiland erzeugt eigentlich alles, was zum Leben nothwendig ist: Fleisch und Gemüse aller Art, herrliche Früchte, sogar ausgezeichnete Weintrauben, Kaffee, Baumwolle, Taback, Zurkerrohr u. s. w., obgleich bei der Kleinheit der Insel eigentlich kein Artikel als ein besonders wesentlicher Exportartikel hervorzuheben ist.

Dasselbe ist auch von der Hauptstadt Destêro selbst zu sagen. Unter den 6 - 7000 Einwohnern hat sich kein besonderer Zweig von Thätigkeit ausgebildet, wodurch der Stadt irgendeine Bedeutung zukäme. Man sieht alle Gewerke und den Handel in gleichmässiger Entwicklung, ohne irgendeine glänzende Seite zu zeigen. Es fehlt nicht an grossen Häusern, doch scheint es mir sehr an grossen Läden und Waarenmagazinen zu fehlen ja ich kann nicht umhin einzugestehen, dass ich in fernliegenden, viel kleinern brasilianischen Städten wie z. B. Itaquí und Uruguayana, in S.-Gabriel und Alegrette viel Besseres derart gesehen habe. Der Anstrich einer gewissen Eleganz, einer anscheinenden Wohlhabenheit fehlt hier gänzlich. Man sieht keine Hauptstrassen, sondern nur Nebenstrassen; ein altes Zuchthaus, ein alter Präsidentenpalast, ein altes Posthaus, ein neuer Fischmarkt, ein grässlich altes Theater und einige leidliche Kirchen möchten die Hauptgebäude der Stadt sein.

Sehr hübsch ist am entgegengesetzten Ende der Stadt die neue, halb ausgebaute Misericórdia, in der die unermüdlichen Soeurs de charité sich mit kranken Leuten und kleinen Kindern ausserordentlich viel Mühe geben, um durch alle nur möglichen guten Werke in den Himmel zu kommen. Die guten katholischen Schwestern! Ich freue mich immer, wenn ich die lieben freundlichen Gesichter unter den weissen Cornettes zu sehen bekomme! So manch Stück Arbeit habe ich mit ihnen vollführt in den Hospitälern von Rio, so manche ernste Stunde verlebt in Gelbfieberzeiten, in der Misericórdia, im Hospício de Pedro II, im Nossa Senhora da Saúde! Gerade die Superiorin vom Hospital von Destêro, Soeur Roza Vialla, erinnerte mich an so ernste, schwere Zeiten. Viele von den Schwestern in Rio waren am gelben Fieber erkrankt, so manche starben in ihren Reihen, freudig getrost, todesmuthig. Auch Soeur Roza war damals sehr krank; während meiner Anwesenheit in Europa war sie Superiorin in Destêro geworden, und ich freute mich von Herzen, als ich die liebe Schwester wiedersah.

Sonst habe ich in Desterro wenige Menschen kennen gelernt. Der Präsident der Provinz, Dr. Coutinho, nahm mich freundlich auf und verhiess mir seinen Beistand zur glücklichen Vollführung meiner Reise, sowie ich auch einige sehr zuvorkommende Angestellte in seinem Bureaux kennen lernte. Eine freundliche und erquickliche Menschengruppe bildeten einige

irmãs católicas! Sempre me alegro quando vejo seus rostos suaves sob as severas cornettes! Muito trabalhamos juntos nos hospitais do Rio, muitas horas amargas em luta com a febre amarela passamos na Misericórdia, no hospício D. Pedro II, na Nossa Senhora da Saúde! Acima de tudo a irmã superiora do hospital, irmã Roza Vialla lembra-me das horas amargas e tristes; muitas das irmãs no Rio adoeceram da febre amarela, e muitas vieram a falecer dentre suas fileiras, alegres, consoladas, corajosas. Também soeur Roza esteve muito doente naquela época; durante minha ausência tornou-se superiora em Desterro, e minha alegria era genuína quando a encontrei.

Fora isso, conheci pouca gente em Desterro. O presidente da província. Dr. Coutinho recebeu-me amistosamente, garantindo-me seu auxílio no feliz término de minha empresa; também no seu bureau, alguns funcionários mostraram-se muito amáveis. Um grupo aprazível e amigoso formavam alguns cientistas alemães, professores no liceu. O diretor era o Sr. Becker, o professor Burkart e Dr. Müller, todos os três límpidos e fortes caracteres alemães, de bons conhecimentos, em cuja companhia sempre me sentia bem. Exatamente nestes dias de minha permanência em Desterro, a imprensa azedava-lhes a vida. Acontece que eles eram protestantes, e havia quem achasse sua influência perigosa para a juventude. Se os denunciantes pelo amor de Deus parassem com estas acusações ridículas! Primeiro não nos querem deixar o Evangelho e depois querem tirar-nos ainda o nosso saber. Mas podemos ficar tranqüilos, francamente não creio que os três jornais de Desterro “Argos”, “St.-Elmo” e “Cruzeiro”, por mais importantes que sejam, possam deter o progresso no nosso século.

Uma personalidade agradável e interessante em Desterro é o Sr. Schüttel, suíço ou norte-italiano, uma natureza livre, de muitas facetas e duma cultura universal. Originalmente químico e técnico, familiarizou-se com as ciências físicas, fez inúmeras viagens interessantes que por fim o levaram a Santa Catarina, onde sua influência no desenvolvimento de algumas colônias é indiscutível. E mais ainda. Sua própria boa educação estendeu-se beneficentemente a muitos círculos da cidade. Também é musicista amador e grande violinista. Quando há alguns anos, ótimo músico de Stettin, Sr. Hautz, chegou em Desterro e lá procurou trabalho, os dois abriram fronteiras para uma música melhor, aprimorando os gostos existentes. Introduziram concertos amadores com orquestra e coro onde muitos habitantes da

deutsche Gelehrte, Lehrer am Lyceum zu Destêrro. Der Director ist ein Herr Becker; einer der Professoren ist ein Herr Burkart, welchen beiden sich ein Dr. Müller hinzugesellt, alle drei frische, offene deutsche Naturen von guten Kenntnissen, in deren Umgang ich mich wohl fühlte. Gerade in den Tagen meines Aufenthaltes in Destêrro machte man ihnen seitens der Tagespresse das Leben etwas sauer. Die Herren sind nämlich Protestanten und das findet man gefährlich für die Jugend. Wenn man doch um Gottes willen still sein wollte mit dem widerlichen Gezanke! Erst wollen sie uns das Evangelium nicht lassen und hinterher noch unser Wissen nehmen. Doch können wir vollkommen ruhig sein, denn ich glaube ganz offen gestanden nicht, dass die drei Zeitungen von Destêrro: „Argos“, „St.-Elmo“ und „Cruzeiro“ den Gang und die Entwicklung unsers Jahrhunderts zu hemmen im Stande sind, wie bedeutend sie auch sonst immer sein mögen.

Eine mir sehr angenehme und interessante Persönlichkeit in Destêrro ist Herr Schüttel, ein Schweizer oder Norditaliener, eine freie, vielseitig ausgebildete Natur. Ursprünglich Chemiker und Techniker, hat er sich mannigfach mit physikalischen Wissenschaften befreundet und hat interessante Reisen gemacht, die ihn denn zuletzt nach Sta.-Catharina führten, wo er auf manche Colonieentwicklung unverkennbaren Einfluss gewonnen hat. Und noch mehr! Seine eigene gute Erziehung hat sich auch auf manch Kreise der Stadt wohlthuend ausgedehnt. Herr Schüttel ist auch ein tüchtiger Dilettant in der Musik, ein wackerer Violinspieler. Als nun vor einigen Jahren ein vortrefflicher Musiker aus Stettin, Herr Hautz, nach Destêrro kam und sich dort seine Thätigkeit bildete, haben beide mit vereinten Kräften einer gediegenen Musik die Bahn gebrochen und den Geschmack entschieden geläutert

Aber auch den Europäer regen solche alte bekannte Töne mächtig an. Beim Herrn Hautz im Hause hörte ich, eben von den Guaranis am Uruguay zurückgekehrt, Beethoven'sche Sachen, Lieder von Mendelssohn und Schubert und Schumann'sche Klänge! Solche Töne schlagen mächtig in die innerste Seele, und das um so tiefer, je weniger man auf dieselben vorbereitet war! So geht denn die heilige Orphische Kunst in stillem Wandel noch heute um den Erdball und mildert die Sitten und zähmt das Wilde und Ungebändigte am Rande der Urwälder selbst von Südamerika...“

Weiter ging die Reise des Dr. Avé-Lallemant, bis er im Juli 1858 zum dritten Male die Insel besuchte: „In Destêrro traf ich meine alten Bekannten und ward von ihnen, wie immer, herzlich aufgenommen.

Meine gelehrten Freunde vom Lyceum waren unterdess noch von den läppischen Angriffen katholischer Blätter bewegt worden. Der Professor Burkart hatte eine würdige Widerlegung jener Schreibereien abgefasst, eine

cidade achavam prazer. Tocava-se tanto peças de Mendelssohn ou Schubert como cavatinas de Verdi ou Bellini.

Também os europeus foram estimulados por estes sons tão familiares. Na casa do Sr. Hautz posso ouvir, recentemente vindo dos Guaranis no Uruguai, peças de Beethoven, Lieder de Mendelssohn e Schubert ou acordes de Schumann. Tais notas tanto mais fundo alcançam a alma quanto menos se está acostumado a elas. Assim, a sagrada arte de Orfeu dá melódica volta ao mundo, suavizando os costumes, domando, mesmo nas margens das florestas da América do Sul, o selvagem e o rude...

“Em Desterro encontrei de novo meus velhos amigos, e sempre fui muito bem recebido por eles. Muitos agradecimentos devo especialmente ao amigo Schuttel, que me elucidou e esclareceu sobre as colônias próximas de Biguaçu, Tijucas, Loro etc., com cartas e memoriais, mostrando-se homem de excepcionais conhecimentos e inteligência.

Meus amigos do liceu tinham entretanto tomado conhecimento dos ridículos ataques dos jornais católicos. O professor Burkart havia escrito digna refutação aos artigos publicados, dando um parecer sobre a base fundamental do protestantismo, e após havia pedido e conseguido a demissão.

Não poderia ter tomado atitude mais nobre! Que mais poderia ele fazer? Descobrir as partes podres da qual sofre a causa de seus adversários, e cauterizá-los com verdade crua? Talvez devesse ter feito isto, talvez não. Eu em todo caso não teria abandonado o campo com tanta docilidade e paciência, se o tivesse feito.

O liceu de Desterro sofreu com a saída de Burkart uma perda muito sensível, pois ele era um perfeito escolástico prussiano. Todos o reconhecem, inclusive o “St.-Elmo”, aquele jornal que dirigiu os ataques e cujo redator ganhou as esporas de cavaleiro à custa do ilustre mestre alemão.

O inteligente e culto presidente da província, J. J. Coutinho, cujo único defeito eram as suas más estradas rurais, que, sem preocupar-se com o “St.-Elmo”, deu as maiores provas de apreço ao mestre do liceu, foi quem mais perdeu no caso. Assim, a liberdade da imprensa tornou-se contra ele em insolência da imprensa ...

Os meus negócios em Desterro logo estavam resolvidos. Mas, infelizmente o mau tempo prendeu-me lá alguns dias, mais do que me aprazia e sobretudo mais do que era necessário. Soprava do sul uma tempestade e

kurze Ansicht von der Grundbasis des Protestantismus gegeben, und dann – seine Demission gefordert und erhalten.

Wuerdiger konnte er unbedingt nicht handeln! Was sollte er anders thun? Etwa schmutzige Geschwüre aufdecken, an denen die Sache seiner Gegner leidet, und sie mit dem Ätzstein der Wahrheit unbarmherzig cauterisieren? Vielleicht wäre das auch thunlich gewesen, vielleicht nicht. Ich hätte kaum mit so viel Geduld und Nachsicht das Feld geräumt, oder vielmehr ganz bestimmt nicht.

Das Lyceum in Destêrro leidet durch den Rückzug Burkart's, der ein vollkommen gebildeter preussischer Schulmann ist, einen höchst empfindlichen Verlust, von dessen Bedeutung sich jedermann überzeugt hält, sogar der St. – Elmo, jenes Blatt, was den Krieg führte und dessen Redacteur am gesitteten deutschen Gelehrten zum Ritter geworden ist. Der bis auf seine schlechten Landstrassen so wohlgesinnte und gebildete Präsident der Provinz, J. J. Coutinho, der, unbekümmert um den St.- Elmo, den deutschen Gelehrten vom Lyceum alle nur mögliche Hochachtung bewies, ist eigentlich am schlechtesten bei der Geschichte weggekommen. Die Pressfreiheit ist gegen ihn zu einer vollkommenen Pressfrechheit geworden ...

Meine Angelegenheiten in Destêrro waren bald geordnet. Leider aber hielt mich schlechtes Wetter einige Tage auf ... Und doch hatte auch diese unfreiwillige Verlängerung meines letzten Aufenthaltes in Destêrro ihr Gutes. Sie gab mir Gelegenheit, einen wackern Deutschen, den allgemein gekannten und geachteten Herrn Häberle aus Württemberg kennen zu lernen, welcher schon über dreissig Jahre in Brasilien sich befindet. Anfangs Militär, dann Kaufmann, hat er sein mit Umsicht und Glück betriebenes Handelsgeschäft abgegeben und lebt auf einem sehr schönen, prachtvoll an der Aussenpraya von Destêrro mitten in einem Garten liegenden Landhause der Pflege seines trefflichen Grundstücks und jener Contemplation, zu welcher ein vielbewegtes Leben reichlich Stoff bietet. Herr Hackradt, ein thätiger und wohlerzogener Deutscher, der das Geschäft des Herrn Häberle übernommen hat, führte mich zu seinem Vorgänger. Schon vor vielen Jahren war ich Herrn Hackradt – in Rio de Janeiro, wenn auch nur flüchtig, begegnet. Seit einiger Zeit ist er mit einer in Brasilien geborenen deutschen freundlichen Frau verheirathet. So tauchte denn auch in Destêrro deutsches Leben, deutscher Fleiss, deutsche Zufriedenheit überall auf, wohin ich nur nur den Fuss setzte, und ich konnte beim Verlassen der Insel meinen lieben Landsleuten daselbst nur dasselbe Gedeihen auch ferner wünschen...“¹

¹ Unsere Väter – Ein Heimatbuch, in dem wir aus unserer hundertjährigen Geschichte hören. Bearbeitet von Pfarrer Max-Heinrich Flos. Herausgegeben von der Evangelischen Synode von Santa Catarina und Paraná zu ihrem 50-jährigen Bestehen 1911-1961.

eu não podia embarcar para São José; o tráfego com o continente, com a província, era quase impossível e sujeito a perigo certo e eu sentia mui vivamente a inconveniência de estar numa ilha.

Mesmo assim teve seu lado bom essa involuntária delonga de minha última estada em Desterro. Deu-me ocasião de conhecer um digno alemão, o Sr. Häberle de Württemberg, geralmente conhecido e estimado, que se acha no Brasil há mais de trinta anos. A princípio militar e depois negociante, vendeu sua casa comercial que havia dirigido com prudência e felicidade, e vive na sua bela residêcia sita num magnífico jardim da Praia de Fora, dedicando-se às suas flores e à contemplação, para o qual só uma vida agitada e trabalhosa fornece matéria. O Sr. Hackradt, um alemão ativo e bem educado, que comprou o negócio do Sr. Häberle, levou-me a seu antecessor. Já há muitos anos havia encontrado o Sr. Hackradt no Rio de Janeiro, mas apenas de passagem. Desde há muito tempo está casado com uma amável senhora alemã nascida no Brasil. Assim também aqui, em Desterro, em toda parte, onde quer que eu pusesse os pés, a operosidade germânica causava felicidade e alegria, e não posso deixar a ilha sem desejar aos meus patrícios que ela se prolongue eternamente...”

A influência do "Talian" na fala catarinense*

José Curi

Artigos

Introdução:

Profectusque Israel cum omnibus quae habebat.

Audivit eum per visionem noctis vocantem se, et dicentem sibi:

- Jacob! Jacob!

- Ecce, adsum!

Aut illi Deus: . . . noli timere, descende in Aegyptum, quia in gentem magnam faciam te ibi. (G. 46, 1, 2, 3).

(E partiu Israel com tudo quanto tinha. . . E nas visões da noite ouviu ele a Deus que o chamava e lhe disse: - Jacó! Jacó! - Eis-me aqui, Senhor! Disse-lhe Deus: Não temas descer ao Egito, porque eu te farei ali uma grande nação). (Gênesis, 46, 1, 2, 3).

Assim como os judeus no Egito, as novas comunidades italianas que vieram para Santa Catarina a partir de 1875, se constituíram ao redor do altar, da escola e do cemitério, e se transformaram em um florescente, culto e laborioso povo, impulsionado pelo amor ao trabalho,



* Estudo lingüístico-etnográfico em homenagem aos 130 anos da chegada dos primeiros imigrantes italianos a Rio dos Cedros.

pelo culto da parcimônia, da temperança, da frugalidade, da poupança, e de um pouco de inveja de superação.

Hoje podemos dizer que os imigrantes italianos e seus descendentes estão presentes em todos os lugarejos, inclusive tifas, vilas e cidades, e sua presença é marcante, incisiva, em todos os campos sociais do Estado. Encontramo-los no sacerdócio, no magistério, na política, no exército, no desporto, na indústria, no comércio, nas profissões liberais diversíssimas, nas letras, nas artes, deixando o Estado mais rico e muito mais alegre.

Por que as primitivas comunidades se constituíram ao redor do altar? Porque, diferentemente do imigrante alemão que vinha com a bíblia debaixo do braço, e se utilizava de uma língua difícil de penetrar, o imigrante italiano tinha no altar o seu ponto de partida e no altar sempre estava o sacerdote católico, guardião da fé e da moral do povo através do confessor, utilizando um “talian” fácil de penetrar. O régio cônsul italiano em Florianópolis, Cav. Gherardo (dei Principi) Pio de Savoia(1) em seu relatório de 1901, via com preocupação o avanço do luteranismo em Santa Catarina (principalmente no Vale do Itajaí) através da colonização alemã e achou uma sábia decisão a do governo imperial a de misturar ao elemento germânico (luterano), o elemento latino(católico). Diz o cônsul: “a imigração italiana começou a afluír em 1875, atraída pelo governo imperial a quem pareceu sábia decisão misturar o elemento latino ao germânico que prevalecia em todo Sul do Brasil, e que, desde então começava a ser argumento de alguma preocupação.”(1983, p. 105). Teria o filósofo e grande sábio Dr. Blumenau a idéia de fundar uma colônia de luteranos alemães? E seria possível num país cuja religião oficial era a católica? Se assim pensasse, por que os maiores colégios e as mais belas igrejas católicas estariam no meio de luteranos? Teria o sábio abandonado a idéia por achá-la impossível ou nunca a teria tido? E chi lo sa?

Mas de que lugares da Itália vieram os imigrantes italianos de Santa Catarina? Destefani(2), com a visão mais voltada para o Vale do Itajaí, refere-nos que grande parte dos imigrantes italianos veio dos “paeselli”, como: Trento, Rovereto, Pergine, Civezano, Fornace, Vigolo, Vatarro, Levico, Matarello (lugarejos estes sob o domínio austríaco), e muitos outros vieram de Gênova, Milão, Mântua, Verona, Veneza, Pisa, e estes centros desde 1870 pertenciam ao Reino da Itália”. Infelizmente, ainda não se fez um

estudo pormenorizado de imigrantes reinóis e paeselistas, diferenciando-os quanto ao nível sócio-econômico e cultural, mas a culpa da não diferenciação é explicada, ainda que de maneira superficial, pelo Frade Lucínio Korte(3) (grande latinista e primeiro pároco de Rodeio). Diz-nos o Padre: “ Em quase todas as valadas se encontram imigrantes de diversas nações; mas os tirolezes e os italianos por causa da língua que falavam eram considerados de uma única nacionalidade. ”(1977, p. 47). E o Frade tem toda razão, pois, ainda que a maioria absoluta dos imigrantes italianos falasse dialetos italianos e não a língua italiana toscanizada, todos esses dialetos, se eram díspares na configuração, eram iguais na essência, isto é, todos eles tinham base latina.

É preciso que nos fique claro que a partir da terceira geração dos imigrantes italianos, todos esses falares, diversos entre si, trazidos pelos imigrantes, através dos múltiplos contatos havidos, se transformaram aqui em Santa Catarina no “ talian”, isto é, numa koiné ou língua comum na qual se fundiram os dialetos. É esta koiné que irá enriquecer o português de Santa Catarina, italianizando até termos alemães, e tornando a língua portuguesa, aqui falada, menos nasalizada e muito mais cantada. A influência dos dialetos italianos já tinha sido percebida pelo filólogo Höybe(4) dizendo-nos: “ nós temos procurado salientar que as palavras italianas que passaram para muitas outras línguas não são palavras toscanas mas são principalmente do Norte da Itália (Milão, Gênova, Veneza), fato muitas vezes negligenciado por aqueles que se ocupam do estudo das palavras como empréstimos”(Nous avons essayé de souligner que les mots italiens qui ont passé dans beaucoup d'autres langues ne sont pas de mots toscans mais qu'ils viennent principalement du Nord de l'Italie (Milan, Gênes, Venise) fait trop souvent négligé par ceux qui sont occupés de l'étude des mots d'emprunt). (1951, In Memoriam KR Andfeld. Apud Boleo, M. P. Estudos de Lingüística Românica. – Conferência).

A amizade do imigrante italiano com o pessoal da terra, principalmente no Sul, pessoal este formado por caboclos, brasileiros falantes quase todos do dialeto caipira, foi o grande passo para a interinfluência lingüística e de costumes. Aliás, todo contato entre povos de línguas diferentes deixa inúmeros traços de uma língua na outra, afora técnicas e costumes. Tenho por mim que o imigrante italiano levou vantagem no aspeto assimilativo

com o pessoal da terra, bem mais que o eslavo (polonês), e muito mais que o alemão. Expliquemo-nos: melhor seria dizermos: levou vantagem ao polonês e ao alemão aqui em Santa Catarina porque tanto a língua polonesa, quanto a alemã, (a primeira eslava e a segunda germânica) são muito diferentes da italiana, uma língua neo-latina como é o português, mesmo que seja o dialeto caipira. O contato com o bantu foi nulo (os imigrantes não podiam ter escravos negros). O contato com os índios (tirando, talvez, o Dois de Ouro que viveu entre comunidades do Sul e ensinou aos colonos a buscar a saúde com chás de ervas, sementes, folhas, cascas e raízes) também foi nulo porque os índios foram dizimados, em parte, pelos “bugreiros”, liderados pelo célebre Martinho Marcelino de Jesus Martins e os seus bugreiros, praticamente todos luso-serranos, e os índios que escaparam da morte foram expulsos das Colônias de imigrantes, tanto das italianas quanto das alemãs. Nas Colônias ítalo-alemãs de Santa Catarina dificilmente encontramos topônimos calcados em bantu ou tupi-guarani. Tanto os caboclos (dentre eles lembremo-nos de Zé Dias) quanto os tropeiros muito ensinaram aos imigrantes do Sul no campo da comida e da saúde.

Visualizemos a cronologia da imigração aqui em Santa Catarina, mas antes tenhamos em mente que a história da colonização aqui no Estado é complexa, e isto é explicável: aqui não tínhamos fazendeiros de café para mão-de-obra em substituição à escrava; os governos de então, aproveitaram-se da imagem das colônias bem sucedidas de Santa Catarina para ter à mão a imigração européia no Brasil todo, direcionando-a para as fazendas; quanto ao branqueamento da raça, sugerido pelo Imperador, não me parece argumento tão necessário para trazer imigrantes europeus; quanto ao argumento de povoar a região desabitada para não perdê-la, e fortificar as fronteiras, parece-me argumento válido. Santa Catarina não possuía latifundiários de café ou algodão e nem mesmo grandes latifúndios, daí o seu crescimento.

a) 1836 : foi fundada a 1ª colônia de Imigrantes Italianos no Estado de Santa Catarina. Chamava-se “NOVA ITALIA”. Foi organizada por dois empreendedores: Dr. Henrique Ambauer Shütel (suíço) e Carlo Demaria, cidadão inglês, nascido na cidade de Gênova. Receberam eles em 1836 uma concessão de terras e trouxeram 186 colonos em sua maioria italianos. Eram umas 30 famílias de origem sarda principalmente. Schütel

era um agente consular do rei da Sardenha. A Colônia faliu, segundo dizem, pelo comportamento escravocrata de Shütel e Demaria e por uma grande cheia do rio Tijucas. Outras causas apontadas pelo falimento foram: a) o ataque de índios que mataram 5 colonos, e b) o golpe fatal defechado pelo Presidente da Província de SC Antero José Ferreira de Brito, considerando devolutas as terras da concessão Demaria & Schütel, e mudando o nome de Nova Itália para o de Dom Afonso.

b) 1850, chegam os primeiros 17 imigrantes alemães. Fundação de Blumenau. No mesmo ano 5 imigrantes alemães voltam para a Alemanha. Em 1851 chegam mais 8 novos colonos, mas 4 logo deixam a colônia. Em 1851 o Dr. Blumenau desmancha a sociedade com Hackradt e volta-se para o Imperador pedindo ajuda financeira e a recebe. Em 1852 chegam mais 104 colonos. Entre eles se achavam artesãos, um médico e um professor. O professor era Fritz Müller, naturalista de fama internacional. Em 1853 veio um farmacêutico. Em 1854 o Dr Blumenau faz um contrato com o governo Imperial e recebe mais recursos além do Imperador comprometer-se a pagar um pastor protestante. Em 1860, pressionado por dívidas, o Dr. Blumenau passa a Colônia sob o controle do governo. Porém, ele continuou a ser do diretor da Colônia. Em 1863 criaram-se as primeiras duas escolas e a Sociedade “Kultur Verein”, a qual promoveu até exposição de produtos brasileiros na Alemanha e também em Paris(1867). Entre 1865 e 1869 o Dr. Blumenau voltou à Alemanha para solucionar problemas de imigração entre Alemanha e Brasil. Para tal fim ele foi nomeado “Representante do governo brasileiro nos Estados Alemães”. Pela grande estima que o Dr. Blumenau tinha pelo Imperador batizou um filho com o nome de Pedro. Em 1869 o número de imigrantes na Colônia superou as 1. 000 almas. A partir de 1863 os agrimensores exploraram o Vale. Em 1874 Blumenau dispunha de um médico, 6 parteiras, uma farmácia, 17 professores pagos pelos colonos com escolas frequentadas por mais de 600 alunos. Blumenau contava, então, com 7. 621 habitantes. É na Colônia Blumenau que irão se instalar, a partir de 1875, as colônias italianas de Rio do Cedros, Acurra, Rodeio, com os deslocamentos de imigrantes italianos e também de outras etnias para Aquidabã (hoje Apiúna), Porto Franco, Luís Alves, etc. 1874. Dezembro. Porto de Trieste, Itália. 15 famílias de Matarello,

Província de Trento, ainda sob o domínio austríaco, com a ajuda monetária do Comendador Caetano Pinto Júnior, e com a orientação da Direção Colonizadora de Blumenau, embarcam num navio a vapor rumo à Colônia Blumenau. Chegam ao porto de Itajaí e daí com canoas e barcaças sobem o rio Itajaí Açu e chegam à cidade de Blumenau, e são acolhidas nos barracões. Enquanto as mulheres, as crianças e os velhos descansam nos barracões, seguem os desbravadores matarellos pelo rio, chamado então, Rio dos Cedros até Timbó, e de lá tomam a estrada POMMESTRASSE e... eis os primeiros colonizadores de Rio dos Cedros.

c) 1851: fundação da Colônia Dona Francisca – Joinville. Note-se que Dona Francisca era uma princesa e casou-se com o príncipe de Joinville, filho do rei da França Luís Filipe. O casal recebeu como dote a colônia. Melhor, o dote era da princesa, filha de D. Pedro II, segundo uma lei de 1840 que regulava a concessão dos dotes dados às princesas brasileiras. Só na 2ª metade do século XIX Joinville será praticamente invadida por filhos dos imigrantes italianos e isto, por causa de suas indústrias principalmente.

d) 1875 foi criado o distrito colonial de Nova Trento. Diz-nos Piazza, W. F. (5). : “ Em junho desse mesmo ano (1875), no recém criado distrito colonial foram colocadas as primeiras vinte famílias originárias de Valsugana, no alto vale do Brenta, no Trentino, e de Monza, província de Milão, que foram encaminhadas pelo Porto de Itajaí e daí a Brusque e se estabeleceram a 16 quilômetros da atual cidade de Nova Trento”(1950, p. 21)

e) 1877, fundação da Colônia da Azambuja, às margens do rio Pedras Grandes. Aí se instalaram 291 famílias vindas do Vêneto.

f) 1878, chegam as primeiras 76 famílias, todas italianas, e funda-se a Colônia de Urussanga. Tais colonos italianos, provavelmente, vinham de algum lugarejo das Províncias vênetas de Rovigo, Padova, Vicenza, Treviso, Verona, ou de algum vilarejo pobre do Vale do rio Piave (pertencente, outrossim, à região Vêneta, e onde se acha a cidade de Belluno, hoje com quase 50 mil habitantes). Após 27 dias de mar no navio Saint Martin, saído

do Havre, chegaram ao Rio de Janeiro. Devem ter permanecido no Rio de Janeiro mais de 10 dias, pois, só chegaram a Laguna em meados de maio, e a saída deles de Havre foi a 27 de março.

g) 1879. “ Afirram Sachet, C. & Sachet, S. (6) “ Em dezembro de 1879, uma nova leva de imigrantes, ao todo 22 famílias, 130 pessoas, não encontra lotes disponíveis em Urussanga. Empurrados mato-a-dentro, por um grupo de soldados, impedindo-lhes o retorno, depois de 25 quilômetros de floresta, em 6 de janeiro de 1880, os talianos acampam. Era o começo do Núcleo de Criciúma. ” (1997, p. 127).

h) 1891. Criação de Nova Veneza. “ Diz-nos, Cabral, O. R. (7) Em 1891, a antiga colônia de Azambuja via-se dividida em quatro centros coloniais: Azambuja, Urussanga, Accyoli Vasconcelos e Presidente Rocha. Accyoli Vasconcelos compreendia Cocal e Criciúma. Presidente Rocha foi criado com a localização de famílias brasileiras, italianas e alemãs. Às margens do Sangão, neste mesmo ano, installava-se o Núcleo Torrens, com 63 famílias. . . Ainda por efeito da Lei Glicério, em 1890, Angelo Fiorita obteve uma concessão de 30 mil hectares de terras a sudoeste de Urussanga, com fim de encaminhar para ali uma outra corrente imigratória italiana. De início foram os trabalhos entregues a Miguel Napoli e mais tarde à Companhia Metropolitana, com sede no Rio de Janeiro, que comprou aquela concessão à Fiorita. Em 1891, já esta Companhia localizava 1600 colonos, criando-se assim a colônia Nova Veneza sobre o Rio Mãe Luzia, tributário do Araranguá. Com a entrada neste mesmo ano de cerca de 4. 300 imigrantes, ficou grande área povoada, resultando a instalação, além de Nova Veneza, dos núcleos de Nova Treviso, Nova Beluno e Belvedere. ”(1937, p. 149). É de se notar que Nova Veneza teve uma colonização anunciada e também bem preparada. Basta salientar que em 1894 já possuía uma farmácia, 3 serrarias, 2 casas de comércio, 3 padarias, 2 ferrarias, 6 sapatarias, 2 fábricas de pólvora, 2 chapelarias, 5 fábricas de salame e 3 açougues.

NB. : A imigração não portuguesa começa nos começos do século XIX a partir de um decreto de D. João VI de 1808 que permitia a posse de terras a estrangeiros. Mas só em 1818 chegariam os primeiros 1. 682 colonos suíços que viriam a fundar a cidade de Nova Friburgo no Rio de Janeiro.

Observação: Na capital Florianópolis, a migração de filhos dos imigrantes italianos, saídos das colônias, despovoando-as praticamente, começa com a criação das universidades: Universidade Federal de Santa Catarina e ESAG, a partir da segunda metade do século XIX. Apesar de termos até a Fratellanza Italiana instalada na Capital no final do século XIX, Florianópolis nunca teve uma Colônia de Imigrantes Italianos.

Este nosso trabalho pretende não só elencar termos e explicá-los, pretende historiar os termos, pois cada palavra tem a sua história, e onde ocorre a assimilação da linguagem, outras feições culturais são assimiladas. Este nosso trabalho gira em torno do *modus vivendi et agendi* dos nossos imigrantes italianos e por isto mesmo adentra o sentido antropológico como o queria Herskovits(8) “ em que a língua é vista como um instrumento mediante o qual o homem anuncia e transmite no sistema verbal conceitos e valores que constituem a sua cultura”(1964, p. 246). Mesmo pensamento de Edward Sapir (9) “ Por fatores sociais se entendem as várias forças da sociedade que modelam a vida e o pensamento de cada indivíduo. Entre as mais importantes dessas forças sociais estão a religião, os padrões éticos, a força de organização política e a arte. ”(1961, p. 44). Os nossos imigrantes italianos traziam ciumentamente o seu estilo de vida, a sua língua, a sua música, a sua arte, a sua religião.

A contribuição italiana lingüística é riquíssima no português – quer clássico, quer moderno- vem de longe, e muitos lingüistas dela nos falaram, haja vista: B. Migliorini(10)(1962, pp. 400-466), F. da S. Bueno(11)(1953, p. 3), R. M. Guerios(12) (1973-separata), João Ribeiro(13) em seu Dicionário Gramatical diz-nos: “ A influência do italiano tem duas épocas notáveis. A primeira, dos séculos XIV e XVI, notificou-se pela intromissão dos vocábulos da arte náutica, que muito florescera entre os genoveses. . . . A segunda época é comprovada pela imitação clássica dos poetas e escritores italianos do período da Renascença. Além destas duas fases capitais convém notar que muitos vocábulos foram tirados do italiano do século XIX. ” O mesmo João Ribeiro em sua Gramática Portuguesa, Curso Superior, 20ª edição, p. XV, salienta que os quinhentistas tinham grande cultivo do italiano e introduziram modismos e termos dessa língua. Segundo Horácio Rodrigues da Costa(14) em seu artigo: Genoveses no Brasil, na Revista Genealógica Latina, S. P. nº 3, 1951, p. 217 a 224 desde o século XVI os italianos andaram

por aqui. Agora, achar alguma influência deles naquela época é empresa supérflua, máxime no campo da influência lingüística aqui no meio dos índios. A nossa pesquisa ater-se-á aos domínios semânticos na primeira parte do estudo, deixando para a segunda parte as contribuições gramaticais.

a) TRABALHO E INSTRUMENTOS DE TRABALHO

Na paremiologia, bem como nos modos-de-dizer, e nas comparações do imigrante italiano em Santa Catarina, sente-se o seu culto sagrado ao trabalho. Haja vista. : “ El bon cristian el laora ncoi e anca doman”(o bom cristão trabalha hoje e também amanhã). “Chi dorme col sol e laora con la luna nol fa fortuna”(quem dorme com o sol e trabalha com a lua não faz fortuna, isto é: o preguiçoso). “Chi stá al’ombra nel’está, patisce fredo nel’inverno”(quem fica à sombra no verão padece frio no inverno). “ Fame, miseria e carestia: tre sorele in compagnia”(fome, miséria e carestia: três irmãs em companhia). “ En mestier fat a forsa, nol val na scorsa. ”(trabalho feito sob pressão não vale a casca de uma árvore). “ L’ossio l’é maridá con la miséria”(o ócio está casado com a miséria). “Laori fati a festa i va for per la finestra”(trabalhos feitos em dia festivo saem pela janela, isto é, não se deve trabalhar em dias santificados pela Igreja. “ Balar senza gurnial, polenta senza sal. ”(dançar sem o avental, polenta sem sal, alusão à mulher que sempre levou consigo o símbolo maior do trabalho, o avental). “Aver le lugáneghe tacae-su . ” (Ter as lingüiças dependuradas, isto é, ter abundância, além é claro, de fazer uma referência ao costume dos nossos colonos italianos de dependurar sobre o fogão-à-lenha as lingüiças para defumá-las). “ Cavar soche”(arrancar tocos, isto é, trabalhar duro, fazer grande esforço). “ El magna del soo”(come do seu, isto é, nada deve e a ninguém tem que dar satisfação. É dono do seu nariz. É independente). “ Farse-su le máneghe”(arregaçar as mangas, isto é, trabalhar com afinco, não ter preguiça), etc. etc. Do homem colono imigrante italiano já falei em outros artigos, e neste estudo falo dele nas páginas 36 e 37. Agora vou deter-me um pouco na mulher do nosso colono, ao menos naquela mulher da 2ª e 3ª geração que eu conheci. Todas as que conheci escondiam-se em enormes vestes que desciam até aos tornozelos enquanto a cabeça era coberta por um lenço amarrado na nuca. A não ser um rosto emagrecido e sofrido, lábios flácidos, dentes mal cuidados, mãos encrespadas e manchadas pelo

árido trabalho da roça, da horta, do jardim, do tanque, do fogão-à-lenha, as velhinhas que conheci me pareciam completamente alheias à vaidade. A minha madrinha, Teresina Mattedi, que morreu com 90 anos, costumava dizer que uma vez casadas as filhas dos colonos italianos não cuidavam mais de si mesmas. Talvez, a madrinha exagerasse um pouco, mas é bom que se diga que a mulher do colono italiano não conhecia o ócio e nem as férias, vivia exclusivamente para a família (filhos e esposo), para o trabalho e para a oração. Lembremo-nos que a média de filhos era de 10, 8 por família e ela aguentava sozinha o peso da luta doméstica. Nesta específica luta, a do lar, o homem (el me omo) como costumavam chamar o marido, era uma negação. Isto porque o homem imigrante italiano da 1ª, 2ª e quem sabe até da 3ª geração, dentro de sua orgulhosa broncosidade, tinha vergonha de lavar um prato, fazer ou desfazer uma cama, lavar roupas no riacho ou no tanque, ferver roupas no bandon (latão de querosene vazio), varrer a casa, pôr a mesa, levantar da mesa para buscar um garfo, um copo ou uma faca. E se caísse doente a mulher do colono imigrante italiano? Quem faria as tarefas caseiras? Se ela tivesse uma filha “grandota” crescidinha, o que era comum, competiria a ela fazer tudo, isto é, substituir a “mama” (mamãe). Caso, porém, não tivesse essa grandota, havia sempre uma bondosa mulher da vizinhança a dar a mão, a substituir gratuitamente a mulher doente e isto, dentro daquela divina fraternidade que existia na colônia dos imigrantes italianos. A figura da empregada doméstica só vai aparecer lá pela 4ª geração. A mulher do colono italiano, forte e preciosa, quando ia para a roça usava sempre sobre o lenço amarrado na nuca um chapéu, e debaixo da saia larga e comprida, calças de algodão e uma camisa de riscado meio escondida pelo avental com grandes bolsos. Se os pés não conheciam sapatos, às vezes, eram escondidos em dâmberras (sapatos com sola de madeira e cobertos de couro cru). Para entender bem a mulher do colono italiano, ouçamos o que nos diz a nona (vovó) Maria Bona (2ª geração), que faleceu com seus 85 anos. Entrevistei-a em 1960. Não falava o português e teve pouco estudo em italiano. O dialeto dela percebe-se ser da Val Sugana, precisamente do lugarejo de Samon. Ouçamo-la: “Laoro come en bó. Dela matina ala sera, su e dô: far da magnar, molder le vache, tair-su legna, darghe da magnar ale galine, snetar le stale, lavar robe, sopressar. . . Oh! Dio mi! E mi sola. . . e dopo el nono, tênderghe, rancularlo come a en pópo! E l’altro dí a far pastura táieme con la false. Ma se fusse solo questo.

Bison anca ndar en colonia, sapar patete, snetar el sorgo, giutar i toseti col tabaco, ah! Giusepe! Son propio straca. Varda che bruta strassa che son vegnúa-su Sétu che se no fosse la Madona e el Signoredio seria bele che morta. Ma mi laoro e prego. (Trabalho como um boi. Da manhã à noite, sem parar: cozinhar, ordenhar as vacas, picar lenha, alimentar as galinhas, limpar os chiqueiros, lavar roupas, passar-a-ferro...Oh! Deus meu! E eu sozinha. . . e depois vem o vovô, olhar por ele, cuidar dele como se cuida de um nenen. E noutro dia, fazendo trato, para os animais cortei-me com o zenzo. Mas se fosse só isto. É preciso também ir para a roça, capinar batatas, limpar o milho, ajudar aos meninos na colheita do tabaco. Ah! José! Estou bem cansada. Olha que feio trapo fiquei. Sabes que se não fosse Nossa Senhora e Deus teria morrido há tempo. Mas eu trabalho e rezo). Para entender o que a nona Maria Bona queria dizer com: tênderghe al nono (zelar pelo vovô) é preciso dar atenção ao provérbio muito conhecido no talian: “ A sei ani se é putei e a sessanta se é ncor quei” (com seis anos somos crianças, e com sessenta voltamos a ser crianças). É incrível, que apesar da mulher trabalhar tanto, quase sempre vivia mais que o homem.



Fonte: Arquivo pessoal do autor, 1958.

Na foto abaixo vê-se a nona Maria Bona colhendo tabaco com o filho Mário e esposa e seus dois netos, cujas idades não vão além de 10 anos. Não nos esqueçamos que o colono imigrante italiano, além de ter sido um grande trabalhador, tinha muita saúde, e, principalmente, muita força de vontade, e era uma pessoa sóbria, honesta, pacífica e de bons costumes.

PALAVRAS: (e etnografia)

Badil (a palavra é do latim hipotético *battilis ou *battilus e chegou até nós através do vêneto: badil). É uma pá recurva com a qual a pessoa que a usa pode remover terra, areia, pedregulhos, brita, argamassa, etc. Caldas Aulete(15) traz-nos badil, s. m. (Trás os M.), pá com que se remove o lume ou a cinza da cozinha(1954, verbete badil). Giovanni Pedrotti (16) refere que “badile è un arnese di ferro a forma di pala, con un lungo manico di legno. Si adopera per scavare fossi, levar il letame di stalla, ecc. Ha i seguenti nomi dialettali: badil nei dintorni di Trento, Val de Non, ecc. Bail a Roveretto ed in Val Lagarían, ecc. (Badil é um instrumento de ferro em forma de pá, com um comprido cabo de madeira. Usa-se para escavar ou limpar fossas, tirar o estrume do estábulo, etc. Tem os seguintes nomes dialetais: badil ao redor de Trento, Vale de Non, etc. Bail em Roveretto e no Vale Lagarina etc.). (1936, p. 58). Aqui no Brasil o termo badil não teve aceitação até agora e só é usado nas colônias italianas de Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Espírito Santo.

Barracão: de barraca mais o sufixo aumentativo -ão. Até ao momento, pelas pesquisas que tenho feito sobre a origem desta palavra, nenhuma foi a contento. Talvez se pudesse dizer que o termo se prende ao árabe “barr”(campo) e “carr”(habitar). Para este específico estudo lingüístico-etnográfico em homenagem aos 130 anos da colonização italiana em Rio dos Cedros, a origem desta palavra não é tão importante. De suma importância é a descrição que nos legou o pastor Hoermann Stoer (17) de 1856 sobre uma visita que ele fez ao barracão dos imigrantes em Blumenau. Diz-nos ele no artigo “O barracão dos imigrantes em Blumenau:” Não era muito convidativo nem por fora e nem por dentro. Comprido e estreito com muitas divisórias, com uma triste semelhança a um estábulo onde se separam os bodes das cabras com crias. O único material utilizado era o palmito cujas folhas serviam de cobertura. As paredes por algum tempo eram cobertas de lama mas as freqüentes chuvaradas, desde muito tinham lavado tal lama que se acumulava fora e dentro, misturada à lama do chão-de-terra. Janelas e aberturas eram consideradas supérfluas. A porta não tinha sido porta e o lugar dela era indicado por uma larga abertura na

parede, que servia ao mesmo tempo de ventilação. O chão era de terra batida sem ser nivelada. ”(Apud Blumenau em Cadernos, -XX BLC Blumenau, 20 (6), jun. 1979 pp. 154-155). Contudo, em 1875 os barracões deviam ser melhores, cobertos de telhas de barro e com paredes de tábuas. Em Florianópolis serviu de barracão dos imigrantes o belo prédio onde hoje funcionam as informações turísticas, logo à entrada da ponte Pedro Ivo Campos. Os imigrantes doentes que vinham para a Ilha passavam quarenta dias na Armação, perto do Morro das Pedras, lugarejo daqui da ilha de Santa Catarina. Note-se que a descrição feita pelo pastor H. Stoer foi feita após somente 5 anos da fundação de Blumenau. Se no cinquentenário da fundação de Blumenau em 1900 ainda tudo era pequeno e novo, imagine-se em 1856! Por falar no cinquentenário de Blumenau, Giovanni Rossi (18), grande incentivador da agricultura(era agrônomo) assim se expressa, referindo-se ao espanto dos primeiros colonos italianos chegados à cidade: “Il primo gruppo di immigranti che arrivò a Blumenau nel 1875 provò una certa delusione nel trovare, invece dell’aspettata città, un gruppo di baracche e poche casette di legno. ”(Apud Commemoração do 50º Aniversário de Blumenau, 2 set. 1900, p. 3). Traduzindo: O primeiro grupo de imigrantes que chegou a Blumenau em 1875 ficou um tanto desiludido em encontrar, ao invés da esperada cidade, um grupo de barracas e poucas casas de madeira.).

Brustolim, s. m. (torrador de café em grão). O termo originou-se nas colônias italianas com a criação deste utensílio. Quem dele faz uma bela descrição é Monsenhor Quinto Davide Baldessar(19): “ o Brustolim era uma peça cilíndrica de latão atravessada por um ferro munido de pequenas pás com uma manivela na ponta a um metro do cilindro, para fazê-lo girar. Havia no cilindro uma abertura pela qual se punham os grãos de café e depois era fechada. Posto ao fogo, faziam-se girar as pás internas para movimentar os grãos, até chegar ao ponto que se percebia pelo odor que exalava. ”(1991, pp. 79-80). E por falar em Brustolim, lembro-me do café-sombreado que era largamente cultivado pelo colono imigrante italiano o qual deixava para tanto um pequeno capão de mato num canto da colônia. No meio de árvores nativas o colono costumava plantar ingazeiros para mais sombrearem o café. Ser convidado para tomar um café:” vegné

entro a bêver en café”(Entrem para tomar um café) era hábito quase que obrigatório em casa do colono imigrante italiano. O fim do café-sombreado, deu-se, segundo me informou o amigo Júlio Wiggers (professor de sociologia da UFSC) por influência no governo na década de 60 dos grandes fazendeiros de café de São Paulo, medrosos de alguma praga, ou talvez, da concorrência. O governo ouve por bem erradicar os pés-de-café indenizando o colono com um mil réis (um real de hoje) cada pé. Era principalmente em tais cafezais sombreados que eu quando menino, aos domingos, após a Santa Missa, costumava caçar com o estilingue: sabiás, rolas-domato, pica-paus, e um que outro tucano que às vezes aparecia.

Carriola: do lat. Carru(m) mais o sufixo italiano -olla. A palavra veio-nos dos arredores de Trento, Pergine, Cembra, Giudicarie:carriola. É o carrinho-de-mão que nas colônias de imigração italiana recebe o nome de “barela”.

Carroça : Meyer-Lübke (20)prende a palavra ao latim “carrum” e diz-nos que ela veio do italiano, precisamente do lombardo carrozza. (1935, verbete carrum-1721). A nossa carroça é uma carreta de quatro rodas com tração animal (cavalos e burros) e muito usada nas colônias italianas. É rústica e nada tem a ver com a carrozza italiana do século XVI, introduzida na França por Catarina dos Médicis. O rebaixamento social da “carrozza” deveu-se à entrada da carruagem. Como curiosidade vale a pena visitar o Museu dos Coches em Lisboa, pois ele possui uma riquíssima coleção de carruagens históricas. Dentre os milhares provérbios que recolhi, não encontrei um que se referisse à carroça.

Clava: (a palavra prende-se ao latim clava e nos veio através do dialeto de Livo, Val de Non: clava). O colono italiano utiliza-se da clava, que é uma grande colher de pau, para mexer a polenta, a minestra e também, a roupa suja que esteja fervendo num tacho, dito bandon. Mas o termo deve ser empregado de modo literário porque em minhas entrevistas nenhuma mulher que estivesse mexendo a polenta, a minestra ou a roupa suja falou em clava. O termo mais usado é o talian “mêscola”. Como instrumento de suplício para os alunos mal-educados, a clava recebia o nome

de “sardela” que é um termo tipicamente trentino. A sardela era usada para os célebres “bolinhos” na mão aberta. “Chi obedisce da zoven, comanda da vecyo” (quem obedece quando criança, o mandará quando velho). “Massa libertà, scavessa el colo” (muita liberdade quebra o pescoço). “Boca de miele, cor de fiele” (boca de mel, coração de fel). Sente-se em tais provérbios uma pedagogia severa, mas foi ela, a pedagogia da severidade, que dominou a escola até a Segunda Guerra Mundial. O filho do colono sempre foi obediente e muito livre, autoconfiante; além de estudar, trabalhava, pescava, caçava, fazia arapucas, bodoques, estilingues. Se não recebia muitos beijos (é que o pai imigrante não tinha o costume de beijar os filhos, deixava isto para a mamãe) era, contudo, bem cuidado, e o andar descalço era um costume da colônia igual ao uso da calça curta. N. B. : muitas palavras têm origem obscura, pois nascem, desenvolvem-se e desaparecem com os colonos. É pena que os dicionários da Língua Portuguesa não as registrem.

Cerla (s. f. originou-se no dialeto de Non:serla). Não há em português um termo que defina corretamente a palavra “cerla” que é uma ferramenta de ferro ou aço, não muito larga e recurva, usada principalmente para cortar arroz e trigo, ou mesmo para fazer trato (pastura) para os animais. Alguns colonos chamam-na de cierla e outros de ziesla. O nono Vigilio Bona (entrevistado por mim) chamava-a de falciuola e ainda acrescentava que a melhor marca era a de San Cipriano. Fora da colônia italiana o termo não é usado. Ouvimos em loja de ferramentas o vendedor chamar à cerla de gadanha, mas gadanha é uma foice de cabo comprido, chamada pelo colono italiano de zenzo e nada tem a ver com a cerla. Se existiu no latim deve ter sido chamada sob o termo universal de falx-falce (foice).

Colônia, (do latim colonia, pelo vêneto colonia). O termo possui dois sentidos, pois pode significar o lote ou a região. Os lotes no Vale do Itajaí mediam em média 200 metros de frente por 1. 000 de fundo, correspondiam a 40 hectares. No Sul eram um pouco maiores, pois a maioria possuía 220 de frente por 2. 200 metros de fundo, correspondendo a 48, 4 hectares. Os colonos não ganharam de graça os lotes. Eram pagos à vista ou semestralmente em 1, 3 ou 5 anos. Os valores eram variáveis. Nas colônias do Sul a braça quadrada (4, 84m²) valia aproximadamente 4 ou 5 réis e a colônia 400 mil réis em média, equivalentes a 200 dólares. O dólar

era cotado a 2 mil réis. Muitíssimos colonos trabalhavam em aberturas de estradas (de rodagem ou ferro) grande parte do ano para ter o dinheiro com que pagar o lote. É bom notar que os nossos imigrantes italianos batizavam o mil réis de fiorim. Um mil réis era chamado de um conto e os 20 réis vintim e os 40 réis doe vintim. Nas colônias situadas sob o governo do Doutor Blumenau (Rio dos Cedros, Rodeio, Ascurra, etc.) em menos de um mês cada família de colonos imigrantes italianos que chegava já recebia seu lote. No dia 20 de setembro de 1875, pouco depois da chegada, o Doutor Blumenau já tinha dado os primeiros títulos provisórios aos imigrantes italianos: 19 aos trentinos e 1 a um turinês. Muitas colônias estavam situadas em lugares retirados, e até hoje tais lugares retirados recebem o nome de TIFAS, palavra vinda do alemão Tiefe, através do talian tifa, com o sentido de lugar retirado; os fundos de um povoado ou vila ou mesmo de um vale até ao sopé de montanha. Colônias em encostas muito altas de montanhas também existiam, mas eram colônias de terras devolutas e muitos imigrantes italianos buscavam lugares altos com medo da malária (mala aria) acreditando que a malária provinha de charcos, terras alagadas. Para o plantio do arroz, as valadas, mesmo pantanosas mostraram-se úteis com a técnica do arroz irrigado que os vênets trouxeram de Rovigo e outros lugares da planície Padana. Nos lugares demarcados para centro das colônias com igreja, escola e cemitério, no Vale do Itajaí os colonos compravam MORGOS de terra. A palavra morgo veio do alemão Morgan, pelo talian morgo. São terrenos medindo 50X50 m². Incrível, mas nas colônias do Vale do Itajaí, ainda hoje os colonos perguntam quantos morgos tem uma colônia quando a querem comprar.

Credência, espécie de tablado, armado logo abaixo da janela da cozinha. Nele era colocada uma grande bacia com água para lavar os pratos e os talheres. A credência deu lugar à pia.

Escândola: do latim *scindula, embora existisse no latim a palavra scandula mas sob esta forma significa cevada. A palavra veio-nos através do dialeto bresciano "scandula" e significa "bregota", isto é, telha de madeira. Era uma acha de madeira rachada, tipo uma aduela (a tabuinha usada nos barris). Os alemães a chamavam de Brett. A palavra não entrou na

língua portuguesa, e praticamente com as olarias e o fabrico da telha de barro tende a desaparecer também nas colônias de imigração italiana. É bom que se diga que quando os nossos imigrantes italianos começaram a construir suas rústicas casas de madeira, eles improvisaram uma engenhoca para serrar as tábuas e o madeirame necessário: uma engenhoca acionada por dois serradores movimentando uma grande serra, dita “siegon” num andaime. Um serrador colocava-se sobre o andaime onde se achava a madeira, (quase sempre uma grande tora falquejada ou não) e o outro serrador colocava-se embaixo do andaime. O que tivesse a infelicidade de ficar embaixo sofria com a serragem. Em movimentos de sobe-e-desce contínuos serravam-se tábuas e todo madeirame necessário para a construção da casa de madeira (casa de breghe).



(Arquivo fotográfico Centro Studi Imigraz. - Roma)

Observamos nesta foto a utilização no telhado das chamadas “escândolas”.

Escaiola: prende-se ao dialeto vêneto: scagliola, sendo que o “gli” é pronunciado “li”: é o nome que se dá nas colônias ao estuque. É, outrossim, uma massa preparada com gesso e cola para revestir colunas nos altares principalmente. Este termo já está dicionarizado em português.

Escanhel: prende-se ao latim scamnum mais o sufixo diminutivo italiano-ello. Veio o termo para as colônias italianas através dos dialetos falados ao redor de Trento. O termo nunca é usado sozinho, e sim, acompa-

nhado da palavra “molzer”(ordenhar): escagnel da molzer. É um banquinho com três pés, utilizado quase que exclusivamente para sentar ao ordenhar as vacas. A palavra não entrou ainda no português, mas sobrevive nas colônias de imigração italiana.

Eslita: do alemão Schlitten, pelos dialetos trentinos e do Vale do Adige: slita. É uma espécie de trenó ou carro sem rodas. Em lugar das rodas acham-se dois paus com extremidade dianteira recurvada para cima. A armadura da eslita quase sempre são ripas (mata-junta) parafusadas ou pregadas. A eslita é muito usada para transportar milho, aipim, batata-doce, bananas, tabaco, pastura(trato para os animais), etc. A tração pode ser animal ou humana. O nosso caipira do interior dá-lhe o nome de “zor-ra”, contudo, zorra é um carro baixinho com rodas para transportar grandes pesos.

Falce: do latim falx -ce. Do Borgo Valsugana falze. No entanto, encontramos também “falz” em Cavedine, Primiero, ao redor de Trento, Pergine, Rovereto e arredores. A falce é uma ferramenta com uma comprida e larga lâmina de ferro ou aço ligeiramente recurvada, com dorso mais reforçado, cabo comprido de madeira munido no meio por um manípulo. Para fixá-la ao cabo de madeira o colono utiliza-se de cunhas de madeira ou ferro. No Vale do Itajaí nas colônias de imigrantes italianos é chamada de “zenzo” do alemão Sense. O caboclo do Vale do Itajaí a batizou com o nome de foice-da-morte. A falce ou zenzo, é muito utilizada para limpar pastos.

Forca, do latim furca. É o tridente de ferro. Ao dente de ferro, Angelin Lenzi (o homem do centenário, entrevistado por mim em 1970) dava o nome de “rebio”:"sá crepá en rebio ala forca” – partiu-se um dente da forca.

Grapa, do dialeto da Val Sugana grapa. É um instrumento agrícola para esterrear o terreno arado. É formado por um patamar de tábuas como suporte de muitos ferros pontiagudos. Puxado por cavalos ou bois deixa terra arada pronta e lisa para o plantio. O nono Vigilio Bona, entrevistado

por mim em 1958, chamava de “érpice” a grapa e Ferdinando Valandro (outro dos meus entrevistados em 1961) dava à grapa o nome de “répega”. O termo grapa ainda sobrevive nas colônias de imigrantes italianos.

Fusaiola: do vêneto fusaiola ou fusaiol, pequeno disco com furo no meio por onde passa a extremidade do fuso (instrumento roliço onde se forma o rolo de linha ao fiar, chamado também de moçoroca em português. O termo está no português.

Manara: termo utilizado para nomear o machado na Val Sugana. Scure do latim securis, é o nome dado ao machado em Cembra. Segür do latim scuris, é o nome do machado em Riva, em Cavedine. Em algumas colônias italianas aqui do Estado, como Rio dos Cedros, Ascurra, Luís Alves, o machado é dito manera.

Malho, do latim malleus pelo dialeto vêneto malyo. É um martelão de ferro sem unha para bater aros de ferro das rodas das carroças. Diz-se também “massa” do vêneto mazza, grande marreta para quebrar pedras ou enfiar postes para cercas de arame farpado. N. B. : malho, marreta e martelo são termos já dicionarizados na língua portuguesa.

Molinelo, do vêneto molinelo, é o nome dado ao monjolo: rústico pilão movido a água para esfarrelar arroz, café, milho.

Picareta, do latim piconum mais o sufixo diminutivo -eta do italiano. O termo já está dicionarizado em português. Os nossos colonos utilizavam-se da picareta para arrancar desde as raízes troncos de árvores cortadas, a fim de preparar o terreno para uso do arado.

Pria, talvez do latim prius (um advérbio:antes?). É um pedaço de pedra-de-amolar apto a afiar facas, facões, tesouras, etc. O importante é que a pria esteja sempre molhada, e por isto os colonos italianos a levavam num corno(chifre de boi) com água.

Riçar, do latim sectiare, pelo dialeto trentino rizar, chamado em

alemão “aufrichten” levantar cocurutos. É o processo de levantar pequenos montes de terra e prepará-los para o plantio da batata-doce principalmente, e do amendoim. J. Corominas (21) também deriva o termo do vêneto. (1961, v. rizar).

Restelo, pelo dialeto vêneto restelo. Em italiano rastello. Instrumento agrícola manual com dentes de ferro e cabo de madeira, utilizado para limpar jardins e pátios. Ouve-se principalmente nas colônias do Vale do Itajaí o termo “cral” para o restelo. Mas isto explica-se pela vizinhança de tais colônias com as colônias alemãs. Em alemão restelo tem o nome de “Kralle”(garra). Além da forma restelo ouve-se também a forma rastelo.

Sapa ou zapa, do dialeto da Valsugana zapa. É a enxada que bem podia aparecer como símbolo do trabalho do colono italiano. O termo aparece em Santo Isidoro(22) mas não me parece tenha o mesmo sentido do instrumento de trabalho, da enxada. (MCMLI, p. 497). Como a polissemia é comum nas línguas, é possível que o termo sapa ou zapa seja polissêmico, pois até Meyer-Lübke o registra com outro sentido.

Tina, do vêneto tina. Não tem o mesmo significado do português, já que não é uma banheira, mas uma vasilha de aduelas em forma de pipa, onde se coloca a uva para fermentar

Vanga, prende-se ao dialeto da Val Sugana, vanga. O termo é registrado no latim hipotético *vanga. É o nome que o colono italiano dá à pá-de-corte. (Alemão:Spaten).

Versor, do latim versorium pelo dialeto da Val Sugana versor. No vale del Sole é chamado de ploff e em alguns outros dialetos de ará. Os termos versor ou ará só aparecem nas colônias de imigração italiana nos fins do século XIX quando começam a aparecer os arados alemães ou americanos.

Observação. : hoje o arado foi substituído pelo tobata. A 3^a, a 4^a, a 5^a geração dos imigrantes italianos, hoje, têm o orgulho de ostentar além da casa confortável tudo em DOPIO (em duplicata) dentro e fora de casa. É por isto que encontramos ainda hoje a geladeira e o caselo, o fogão a gás

e o fogão-à-lenha, o ferro elétrico e o ferro de passar roupas alimentado com brasas feitas de sabugos de milho, o automóvel e a carroça, o cachimbo e a bosca, o cigarro e o palheiro, o tênis e a bota de couro cru, o chinelo e a dâmbra (tamanco de madeira), o estofado e o banco de madeira, o colchão anatômico de espuma e o colchão de palha-de-milho, o edredom e o piumim (acolchoado de penas), o travesseiro de penas de ganso e o travesseiro de marcela, etc. (Caselo é uma pequena casa de aproximadamente um metro quadrado, alta um metro e meio do chão, dividida por dentro com prateleiras e coberta quase sempre com telhas ou folha de zinco, tendo apenas uma portilhola de madeira, pois, toda a casucha é cercada por uma tela ou por estaquetas de madeira. Quase sempre é construída sobre quatro estacas e próxima ao bosque ou a um regato ou mesmo a um poço. Há caselos postos sobre um único pau rodeado tal pau por água a fim de evitar o assédio das formigas. É no caselo que os nossos imigrantes italianos guardam (os que não têm geladeira) o leite, o queijo, a manteiga, frutas e verduras).

Zenzo, do alemão Sense. O mesmo que falce. Vide acima falce.

Observação. : Segundo o Padre Victor Vicenzi(23) cada colono ao chegar a Blumenau, recebia das mãos do Dr. Blumenau: “ foice (el roncon), machado (la manara), facão (el facon), serrote (la siega), enxada (la sapa ou zapa), martelo(el martelo) e pregos (i cioi)”(1975, p. 28)N. B. : a versão dos instrumentos para o talian é nossa. Acho que devemos acrescentar enxós, plainas, limas, etc, porque com o tempo nas colônias de imigrantes italianos, começam a surgir açougueiros, alfaiates, caldeiros, carpinteiros, carroceiros(fazedores de carroças), ceramistas, cesteiros, chapeleiros, charuteiros, construtores de moinhos, fabricantes de sabão, ferreiros, fotógrafos, funileiros, marceneiros, oleiros, padeiros, pedreiros, sapateiros, segeiros, seleiros, serralheiros, torneadores, etc. Uma verdadeira plêiade de peritos artesãos e mestres em tudo que faziam.

Dove te vet ó Marietina?

(canto. Apud Corradin G. , Cerato A. (24) (Emma P. A. s/d p. 138).

Dove te vet, ó Marietina?(3 vezes)

Cosí bonora in medo al prá?
 Mi me ne vago in campagnola.
 In campagnola a laorar.
 Se ti te fossi propri sola
 Te vegnarissi acompagná.
 Se la rosada la se alsa
 La te bagnerá el scossá.
 El grembiolim l'ho già bagnato
 Stamatina in mezzo al prá.

Este canto pode ter vindo da região trentina ou da região vêneta lá da Itália, como pode ter sido composto por algum “bandoniero” da Serra Gaúcha ou do Planalto Catarinense. Ele nos mostra nitidamente o talian: dove te vet(ou ndove te vé, dove vai), vago(vao, vado), vegnarissi (vegnerisci, verristi), etc. O talian não diferencia aonde de onde e talvez por causa disto o catarinense confunde os dois advérbios quando fala: aonde mora? Quando devia ser: onde mora? E onde vais? Quando devia ser: aonde vais?)

Traduzindo: Aonde vais, ó Marietina/ assim tão cedo no meio da colônia?(ou da roça).

Eu vou para a colônia (para a roça)/ para a colônia a trabalhar.

Se tu fosses, na verdade, sozinha (sem namorado)/ virias acompanhada de alguém.

Se o orvalho começa a levantar /vai te molhar o avental.

O avental eu já molhei/ hoje de manha no meio da colônia.)N. B.: a palavra colônia tanto pode significar o lote quanto a roça:- vago in colônia a snetar el sorgo= vou para a roça limpar o milho.

Vostu vegner, Nineta?

(canto. Maestro José Santana(25)(1982, nº 37):

Vostu vegnir, Nineta/ Vostu vegnir con me?/Vostu vegnir in Mérica/ a travagliar con me? Mi sí che vegneria/ se el fusse a Milan/. Ma per ndar in Mérica/ l'é massa via lontan/Mérica, Mérica, Mérica.

(O canto reflete muito bem o talian em termos, como: vostu vegnir (ou vegner), travagliar (ou laorar, lavorar) fusse (ou fussa), massa.

Traduzindo: Queres vir, Nineta, queres vir comigo? Queres vir, Nineta, para a América/ a trabalhar comigo? Eu iria, sim, se fosse até Milão. Mas para ir para a América acho que é muito longe. América.) N. B. : os cantos populares quase sempre não têm autor.

b) DO COMER E DO BEBER

A darmos crédito à paremiologia que coletamos no que diz respeito à comida e à bebida do imigrante italiano em Santa Catarina, chegamos à conclusão que ele é hoje um homem de mesa farta, e que a palavra FOME provoca nele uma triste recordação da pátria distante que por causa da penúria teve que deixar. Vejamos alguns provérbios: “A magnar no farse pregar, a dormir no fárselo dir”(não se fazer de rogado para comer, e para ir dormir não esperar ser mandado). “A magnar gaudemus, a pagar suspiremus”(gozemos ao comer e suspiremos ao pagar). “Bevi el vin e lascia l’aqua pel molim”(bebe o vinho e deixa a água para a atafona). “Chi no beve en compagnia, o l’è ladro, o l’è spia”(quem não bebe em companhia ou é ladrão, ou é espião). “Chi va a dormir senza cena, tuta la note el se ramena”(quem vai dormir sem jantar, sofre a noite inteira). “Chi ha inventá el vin, se no l’è in paradiso l’è lá vecin”(quem inventou o vinho se não está no paraíso está pertinho dele). “Erbe, sol e radici l’è en magnar de conici”(só verduras e radici é um manjar de coelhos). “Fin che dura el salame, no se passa fame.”(até que dura o salame não se passa fome). “L’aqua la fa male, el vin el fa cantar”(a água faz mal, o vinho faz cantar). “La bote piena no la fa rumor”(o barril cheio de vinho não faz barulho). “Ndove gh’è pan, no gh’è fam”(onde há pão não há fome). “Polenta e late ngrassan le culate”(polenta e leite engordam a bunda). “Quando la bote la canta, el paron el piande”(quando o barril canta (está vazio), o dono dela chora). “Ua, fighi, pérseghi e meloni i é quatro bei boconi.”(uva, figos, pêssegos e melões, são quatro ótimos petiscos). “Na zupa senza formai, l’è come na carossa senza cavai.”(uma sopa sem queijo é como uma carroça sem cavalos). “Vin bon e plebeo, gloria in excelsis Deo”. (vinho bom e feito em casa, glória a Deus nas alturas).

Num diálogo mantido em dialeto samonato (da Val Sugana) com Angelin Lenzi(nascido em Blumenau a 6 de outubro de 1875 e morto em 1978), precisamente aos 21 de maio de 1971 ele me falou que a FOME foi

uma das causas (para ele praticamente a única) da imigração dos italianos para o Brasil. Eis o diálogo. :

- Che rason i deva i primi imigranti taliani per vegner en Brasile?

- La rason? Per la FAME, per la FAME, filio mio! In procura de polenta! (Que razão alegavam os primeiros imigrantes italianos a vir para o Brasil? Razão? Por causa da fome, por causa da fome, filho meu! Em busca de polenta!)

Em agosto de 1973, encontrando-me em Trento para pesquisar no Archivio di Stato e na Biblioteca Università degli Studi, sobre os nossos imigrantes trentinos, instalados na colônia alemã do Dr. Blumenau no Vale do Itajaí, fiz questão, em companhia do Dr. Remo Campana (veterinário já falecido) de visitar na redondeza da Val Sugana, precisamente no lugarejo chamado Samon, de onde vieram meus avós maternos, uma casa que me parecia do século passado. Construída sobre uma ladeira repleta de pedras juntamente com outras carcomidas pelo tempo, deu-me de início a impressão que uma casa se encostava com outra com medo de ruir ladeira abaixo. A casa estava abandonada e ligeiramente restaurada, e um rapazola, funcionário da prefeitura, no-la abriu. O primeiro piso da casa era uma grande sala semi-escura, chão batido, uma única grande janela de tábuas, uma mangueira para vacas, um que outro cocho e uma escadinha tosca para subir ao segundo piso – Aqui dormiam as vacas, os porcos e as galinhas – disse-me o Dr. Remo. – O pessoal da casa, em noites muito frias, se acomodava por aqui, aproveitando o calor das vacas. – E o esterco, Dr. Remo? – Era amontoado ao lado da casa e bem debaixo daquela janelona de madeira. – E o cheiro? – Questão de acostumar-se. – E onde plantavam se aqui é tudo pedra? – A terra era pouca e dividida em pedaços pequenos e era usada para o auto-consumo. Muita coisa se comprava na Áustria ou no Vêneto. Afora isto funcionava por aqui o “mezzadrio” em que o proprietário emprestava a terra, estábulos, animais etc. e o mezzadro (meeiro) trabalhava e dividia o produto com o patrão. – E o colono plantava o quê na terra dos patrões? – De tudo. E este costume de plantar de tudo, acabou praticamente com a monocultura do café em São Paulo. A estrutura do Brasil se apoiava, então, no tripé fatídico: monocultura, latifúndio e escravidão. A monocultura seria abalada com a pluricultura; o latifúndio deveria ombrear com a pequena propriedade; a escravidão daria lugar a traba-

lhadores livres e assalariados.

Paulo F. Lago(26) sinopsiza as causas das imigrações assim: “ Há certa concordância entre muitos autores que têm analisado o fenômeno das migrações modernas quanto aos fatores gerais que as presidiram: a melhoria dos meios de transporte, possibilitando redução nos gastos de viagens transoceânicas; a pressão demográfica que se manifestou na Europa, não propriamente em termos absolutos mas relativa aos meios de subsistência; crises econômicas nos setores da produção agrícola e industrial, repentinas e freqüentes” (1966, p. 100). As palavras fome, desemprego (chômage), doenças, busca da liberdade econômica, ser dono de um pedaço de terra, espírito de aventura na procura da cucanha são termos dados como causas da imigração italiana para Santa Catarina. Para mais informações, consulte-se: Piazza(27), (1982, pp. 153 e s.). Grosselli(28), (1986, pp. 97 à 109). Deliso(29) (1993, pp. 55à76) que estão entre os melhores historiadores da imigração italiana.

O colono italiano levanta-se cedo, toma o seu cafezinho preto(o aparadinho), alimenta os animais, tira o leite das vacas (molzer le vache) e vai para a roça trabalhar. Lá pelas nove horas da manhã ele faz seu desjejum, e como come!: café com leite, polenta rustia (isto é, assada na chapa do fogão-à-lenha), queijo, linguiça, manteiga, mussis. Ao meio-dia, lava o rosto, as mãos e os pés, e almoça e quase sempre come: polenta, arroz, tagliatele(macarrão), carne, comidas estas sempre ou quase sempre antecedidas do brodo(espécie de sopa). O colono italiano não tem o hábito de merendar e só vai jantar após o sol se pôr e ter alimentado os animais. Também na ceia, além da minestra ele não dispensa o brodo. A birra(cerveja) e o vinho ele não os dispensa. Em várias famílias onde estive pesquisando, observei que o chefe (o pai) sempre toma um pequeno cálice de pinga antes das refeições. Alguns colonos têm o costume de misturar pinga ao café.

Uma expressão que caracterizava a preocupação com o comer ainda lá na Itália era esta: CHI SARALO? Se alguém batesse à porta, mesmo que fosse um parente, QUEM SERÁ? Será que temos comida para ele? A expressão: CHI SARALO, eu acho que tem como mãe em sua estrutura profunda a FOME, e como pai em sua estrutura de superfície a fuga para um país que se supunha ser de sonho e que se chamava Brasil-cucanha. Tentemos metamorfosear este CHI SARALO: ele provocava pena em uns com

seu semblante triste e melancólico; riso em outros pela sua galharda jactância plena de gozação; nojo em todos com suas rompantes iras, suas blasfêmias (porca miseria, cramenha, santocristo, sacraeva, hostia, sacramento etc.), suas pragas, seus rancores. CHI SARALO fundou em seu coração um desengano do mundo com a falta de víveres, com as malditas pragas que disputavam com ele as colheitas. CHI SARALO vivia os sacrifícios de uma vida reduzida à pele e osso, sem hospitais, com doentes recolhidos em manjedouras para que se aquecessem com o bafo dos animais; vendo uma massa bruta de gente analfabeta e escrava obedecendo cegamente aos “Signori”, aos “uomini d’onore”, aos “galant’uomini” (os tais homens de bem) para os quais, o sustento de um bóia-fria custava menos que o sustento de um burro. CHI SARALO queria de volta a sua dignidade, e sobretudo sonhava, porque o sonho é livre, fugir de patrões opressores, de uma igreja coercitiva, de uma resignação quase mortificante. Ao mesmo tempo que babava rancor à equipe que tornou seu país independente (em parte): Garibaldi, Cavour, Vitor Emmanuel II, Mazzini, Ratazzi, Lanza, Cella etc. elogiava os recrutadores de imigrantes e também a mão-de-obra intermediária que os auxiliava, composta de usurários, padres, prefeitos, escrivães das promessas-cocanhas.

PALAVRAS (e etnografia)

Observação importante:



A riqueza de termos referentes a alimentos e à culinária em geral, vindos do italiano quer padrão, quer dialetal, sobe quase a 100, e tais termos já estão dicionarizados em sua maior parte, e outros os restaurantes se encarregam de colocar nos cardápios. Vede alguns termos por demais conhe-

Arquivo. Fot. Centro Studi Emigratz. – Roma. Esta foto nos mostra a responsabilidade da mulher na família, aceitando o peso de longas separações, e mostrando uma capacidade incisiva de doação e sofrimento.

cidos no Brasil inteiro. : Anchova (talvez do dialeto napolitano anciova), antepasto ou antipasto, canelone(canneloni), capeleti (cappelletti), chicória(cicoria), confeito (confetto), Chianti, Cinzano, Frizante, Martini, Moscato (nome de vinhos), crocante(crocante), escarola (scarola), espaguete(do plural spaghetti), fidelini(do plural fidellini), Fernet(do milanês:fernet), comenta sobre a palavra o filólogo Mansur Guerios, in opus cit, nota 262. : “ Inventado e fabricado pelo milanês Bernardino Branca. Foi o primeiro desse tipo de vinho que chegou ao Brasil, e trazia, como ainda hoje, no rótulo da garrafa – Fernet Branca -. No Dic. De Zingarelli:fernè, por influência francesa. Pedro A. Pinto em Língua Mater-na (Rio, 1934, p. 21) aportuguesou-o sob a forma ferné (e também fernet), achando, pelo aspeto, ser palavra francesa. ” Gelatina (gelatina), gorgonzola (gorgonzola), lasanha (lasagna), macarrão(macarrone ou maccherone), minestra (minestra), muçarela (mozzarella), nhoque (gnocchi pl.), oregano (oregano), parmesão, pastachuta pizaria(pizzaria ou pizzeria), pasta(para macarrão em geral), polpeta (polpetta), provolone (provolone), panetone(panetone), ragu, ravioli, ricota (ricotta), risoto (do milanês risotto), etc.

Bitruca, palavra que se prende ao alemão “betrunken” que significa embriagado. A palavra recebeu a forma do talian: bitruca, e perdeu o significado alemão, pois bitruca significa cachaça, ao menos no Vale do Itajaí. O termo “sgnapa” que também tem sua origem no alemão Schnaps, não vingou fora das colônias italianas. A fabricação da bitruca é praticamente caseira. A cana-de-açúcar, após ser limpa e esmagada entre os rolos de ferro ou de madeira dos cilindros, feitos girar por uma junta de bois sob a canga, andando em círculo, solta o suco (garapa) que é recolhido numa vasilha e deixado no “mastel” (gamela) por aproximadamente 24 horas com um pouco de fermento. Uma vez a garapa fermentada é colocada no alambique que sob fogo vai destilando gota à gota a cachaça ou a bitruca, quase sempre feita clandestinamente. Aliás, os engenhos-de-açúcar, praticamente desaparecidos das colônias, os que ainda funcionam, fabricam, além do açúcar mascavo, melado, rapadura e álcool.

Biter, palavra que se prende ao alemão Bitter que quer dizer amar-

go. Se a palavra biter é conhecida e usada no Estado, a palavra birra que significa cerveja, só é empregada entre os imigrantes italianos.

A birra, (cerveja caseira), também prende seu nome ao alemão Bier com forma do talian:birra. Ainda que as cervejas nacionais ou internacionais já sejam conhecidas entre os nossos imigrantes italianos, a cerveja caseira (sem nome próprio) é de muito boa qualidade. Para a fabricação da birra o nosso colono italiano toma 2 xícaras de gengibre (inziana) e alguns reais (fiorini) de lúpulo. Em meio latão (bandon) de água ferve o gengibre e o lúpulo. Uma vez a água fervida, coloca-lhe açúcar e levedo (levá), cobre o latão e deixa-o num canto escuro por 24 horas. Passadas as 24 horas o líquido é passado(travasado) para outro latão onde recebe uma coloração amarelada ou avermelhada. A birra, assim, está pronta e é engarrafada. Como as rolhas (surri) novas não passam pelos gargalos das garrafas, elas são cozidas e amolecidas. Com isto, é fácil introduzi-las nos gargalos e amarrá-las bem com a gaveta (barbante). Em seguida as garrafas de cerveja são guardadas na cantina. Ao abrir-se uma birra feita pelos nossos colonos imigrantes ou filhos de imigrantes italianos, tem-se a impressão de ouvir-se um tiro, tal o estouro.

Brodo, de um latim tardio brodium, pelo vêneto brodo. Em São Paulo é comum ver-se escrita e pronunciada esta palavra, bródio. Aliás, esta forma já está dicionarizada. Nos restaurantes em Santa Catarina diz-se brodo.

O brodo ou bródio é um caldo tradicional, feito com caldo de galinha temperado com mangerona, sálvia, cebola, pimenta, sal e dois copos de vinho tinto. É tomado em xícaras antes das refeições principais: almoço e jantar. O brodo não é a mesma coisa que a zupa.

Brocolos, brócoli ou brocos. Ouvem-se as três formas. O filólogo brasileiro Antenor Nascentes⁽³⁰⁾ deriva o termo do italiano comum: brocoli. (1955, verbete brócolos).

Capucino (pronuncia-se à italiana: caputchino), o termo deve ter entrado nas colônias de imigrantes italianos há pouco tempo, pois em pesquisa de campo, realizada por mim na década de setenta, os colonos não

conheciam esta mistura de café, leite e chocolate. O termo generalizou-se no Brasil.

Cor del palmir. Que manjar é este?, perguntará o leitor. É o miolo do palmito, aquela parte verde que fica um pouco antes das folhas. Pelo que pude pesquisar entre os da 2ª geração de imigrantes italianos, os nossos imigrantes do Vale do Itajaí, 1ª e 2ª geração, não comiam e nem davam aos animais o miolo do palmito, chamado por eles de “cor del palmir”. Disse-me o Júlio Wiggers que os imigrantes alemães do Sul devem ter aprendido com algum índio, algum caboclo ou tropeiro o costume de comer palmito, mas os da 1ª e 2ª geração também não comiam o miolo do palmito, ou seja, “el cor del palmir.” O palmito, principalmente a espécie *edulis*, foi muito utilizada pelos imigrantes italianos. O tronco do palmito, rachado em quatro partes servia de ripa para a cobertura das casas e dos ranchos. A cobertura das primitivas casas era feita com folhas de guaricanas ou guaricanga (*geonoma spixiana*), espécie de palmeirinha. O palmito servia, outrossim, dividido em achas entrecruzadas e amarradas com cipó para sustentar as paredes de barro das casas de pau-a-pique. O palmito, rachado ao meio e escavado, formava canaleta que trazia para perto do tanque de lavar roupa a água necessária, e esta água era desviada, ao depois, para as rústicas privadas, quase sempre feitas um pouco longe de casa. Como as casas cobertas de telhas de madeiras (as escândulas) aparecessem bem mais tarde, o palmito sempre se mostrou superior ao cedro, à peroba, à canela e ao aribá, principalmente como ripa porque não era nunca comido pelos cupins e nem mesmo apodrecia facilmente com a broca.

Crauti, a palavra se prende ao alemão Kraut, couve. Embora os “crauti” façam parte da culinária alemã, os italianos também os preparam, pois tomam folhas de repolho roxo, ensopam-nas em vinho, vinagre e água, empilham-nas em barris e deixam-nas fermentando. O termo ainda não foi aportuguesado e só o ouvimos nas colônias de imigrantes italianos.

Cuca, palavra vinda do alemão Kuchen (bolo). Substituiu nas colônias de imigrantes italianos do Vale do Itajaí a palavra “fugassa”, que infelizmente, não entrou ainda na língua portuguesa. Cuca italianizou-se

através do talian.

Nota: as cucas do Vale do Itajaí nas colônias de imigração italiana são feitas pelas célebres COGAS à base de frutas, trigo, ovos, levedo, açúcar etc. Cogas são assim chamadas as célebres cozinheiras do Vale: le coghe, che brave!

Esluco (ou escluc, do alemão Schluck) significa trago. Termo usado nas colônias do Vale do Itajaí pela aproximação da colônia Blumenau.

Esmol (do alemão Schmalz), significa banha. Este termo só o encontrei em colônias do Vale do Itajaí. Explica-se o termo pela aproximação da colônia Blumenau.

Formagio do italiano formaggio entrou na culinária brasileira sob o nome de quatro-formagi (macarrão a quatro queijos). Nas colônias italianas recebe o nome de “formai” e o queijo em fôrma de “formaiela.” O FORMAI COLONIAL, pelo que pesquisei, é feito com leite não fervido, coado e acrescido do prezor (coalho). Aí o leite é mexido com uma clava(mêscola) até coalhar. Após isto o leite é posto em repouso. Em seguida o leite coalhado é colocado sobre um fogo brando e lentamente é amassado a fim de separá-lo do soro. Uma vez tornado uma bola dura e lisa, colocam tal bola numa forma, apertando-a bem. A forma é colocada no “casello” por 24 horas. Uma vez tirado da forma o queijo é salgado e recolocado no caselo durante cinco ou seis dias para depois ser utilizado como comida. (PREZOR ou coalho: para obter o coalho o nosso tradicional imigrante italiano mata um bezerro de oito dias, retira-lhe o esôfago, salga-o e dependura-o sobre o fogão durante quinze ou vinte dias para secar e quando estiver bem seco esfarinha-o no pilão, salga-o de novo, põe-lhe pimenta (pever) e guarda-o num recipiente de vidro).

Gasosa, conhecida nas colônias como birra dolce(cerveja doce). Era feita em casa mesmo com licor (um extrato de frutas, chamado pelo colono de espírito!) comprado (dal speciario- do farmacêutico). Na realidade era uma espécie de capilé.

Lingüiça ou salame do trentino e também do vêneto por ser um composto de sale. O salame dos nossos imigrantes não é composto de carne pilada, salgada e ensacada no intestino grosso do porco. O salame do nosso imigrante chama-se “lugánega” e deve ser traduzido por lingüiça. (Fabricação da lingüiça caseira.: Morto o porco com grunhidos de provocar horror a quem os escuta, os colonos tomam-lhe a carne, moem-na no (basnador) moedor- de-carne, temperam-na com sal, pimenta, salitre e alho. Esta carne assim moída e temperada é posta outra vez no basnador, agora ajustado para receber a tripa de porco lavada e seca. Tem, então, início o enchimento das tripas que de pedaço a pedaço são amarradas com barbante, saindo daí a lingüiça que será dependurada sobre o fogão até ficar no ponto de ser comida com a polenta, ou então, ser fritada com queijo para se fazer a célebre (fritaia).

Musse ou mussi, do alemão de Blumenau (talvez no Deutschbrasilianer) Mus (doce) através do talian. É uma espécie de marmelada mole, feita de frutas (tangerinas, laranjas, peras, maçãs, abacaxis quase sempre). Ainda que no talian exista a palavra mostarda para designar o doce, ou seja o musse, tenho por mim que o termo mostarda desapareceu.

Panprot, palavra formada de pan + prot. Pão, originalmente é Brot em alemão que significa pão. Então, como se explica este Prot em lugar de Brot? Aqui temos que apelar para a filologia que nos diz que foi empregada a Lautverschiebung (lei fonética), descoberta pelo filólogo alemão Grimm, em que às oclusivas sonoras correspondem as surdas em alemão. O professor Taliavini (31) explica minuciosamente a lei de Grimm em sua Glottologia (1963, p. 65 e s.). A palavra é um pleonasma, pois repete a palavra pão: pão de panis (lat.) e prot (Brot) do germânico.

Pizza, segundo H. R. Kahane (32) pizza, que tem por variante pitta, arcaico e meridional, provém da área da Magna Grécia, do grego “petta” (anteriormente pétea) e designava “uma espécie de pão entre as classes pobres” e, remotamente de origem espartana (1962, p. 29-30).

N. B. : como em português existe um homófono popular e chulo para designar uma parte pudenda do homem, aqui em Santa Catarina, pronuncia-se a palavra com fonética italiana: pit-ssa. No Brasil, talvez, te-

nham sido os colonos da Calábria os que introduziram a pizza em São Paulo. Os nossos colonos imigrantes do século XIX não conheciam a pizza, mas faziam os “pinzotti” praticamente pequenas pizzas.

Polenta, do latim *polenta* que significava farinha de cevada. A polenta consiste numa massa semidura, feita com farinha de milho (fubá). Diz-se polenta “biota”, refere-nos o Padre José Stringari(33) quando se come sem conduto, em seco. Bioto é do gótico *blauts* (nu, despido) e em dialetos italianos significa também só: *pan biot*, *pane bioto*, isto é, sem presigo, sem acompanhamento. Temos a polenta “consa” ou “consada”, que consiste em cortá-la em pedaços e temperá-la com queijo ralado ou manteiga e outros condimentos. Em bergamasco há o substantivo “*cunsa*”, que quer dizer tempero, especiaria. Estas formas derivam-se do latim popular “*camptiare*” temperar, curtir. Come-se ainda a polenta com a poina que é um laticínio caseoso, separado do soro. Não se lhe conhece bem a origem. Em documentos medievais encontra-se *papina* e *pouinas*. Veja-se *poina* em “Vei” de Prati e *pupa* em REW de Meyer-Lübke(1961, pp. 126-127). Entrevistada por mim em 2001, Almida Leitempergher, 3ª geração, assim se expressou no “*talian*” de Rio dos Cedros. : “ Per far na bela polenta ghe vol en fogo de legna. Dopo se ciapa e se mete en ntel fogolar el parolo de ferro. El ghe vol de ferro par na bona polenta. Dopo se la sala e quando l’aqua la boie, se ghe trá-dô la farina, se ghe fá la crose, e la farina se ghe trá-dô piampianoto che no resti i gnochi, perchê se ghe tren-dô tuto ntel colpo la farina la resta ngnocá. Se smiscia sempre con la mêscola de legno per quasi na ora fin che la polenta la fá na scorsa sul fondo del parolo. Dopo pronta se la trá-for sul taiero che el gá en filo tacá per taiarla e na volta taiá se la magna col formai o col galetto ensopá. ”(Para se fazer uma boa polenta utiliza-se o fogo de lenha. Toma-se em seguida um tacho de ferro, o chamado *parol*, e é necessário que seja de ferro para se fazer uma boa polenta. Em seguida, salga-se, e quando a água ferve vai-se jogando a farinha, e faz-se a cruz. A farinha deve ser despejada lentamente a fim de que não crie nhoques. Mexe-se seguidamente com a mêscola (clava) de madeira por aproximadamente uma hora até que a polenta crie uma crosta no fundo do tacho. Uma vez pronta, despeja-se no taier (tábua arredondada de aproximadamente vinte centímetros de diâmetro) que possui uma linha para cor-

tar a polenta. Uma vez cortada em fatias come-se com queijo ou galetto ensopado).

Risoto, o termo entrou-nos pelo dialeto lombardo risotto, mas a origem de arroz prende-se ao latim oryza que vai dar em italiano riso, rumeno orez, francês e catalão ris, port. e espanhol arroz e até em árabe rozz. Tanto nas colônias de imigrantes italianos do Vale do Itajaí, quanto as colônias do Sul, o arroz era plantado em arrozais com água. O arroz ficava com água mais ou menos oito dias, até aparecer a lingüeta verde, embora não tenha perdido ainda o grão. Aí tiravam a água (cavarghe l'aqua a le risere – tirar a água dos arrozais) e tinham o cuidado de afastar os passarinhos para que não comessem o arroz (ténderghe ai usei). Esse cuidar dos passarinhos consistia em pagar ou premiar um menino que corresse entre os tomos dos arrozais gritando ou cantando ou então, colocar no meio da arrozeira um fantoche para espantar os passarinhos. Uma vez as espigas amarelecidas com a cerla cortavam o arroz e punham-no a secar em feixes (massi) num grande rancho. Passados uns dias, o arroz era espalhado, desmanchados os feixes, numa grande roda a fim de ser “ pistado” pelos cavalos (pestar el riso coi cavai). E os cavalos, já acostumados, andavam em roda quase um dia inteiro pisoteando o arroz até que ficasse livre da palha. Separado da palha com a forca, uma pessoa treinada tomava do badil e lançando o arroz a um canto do rancho o limpava de qualquer palha. Após isto, o arroz era ensacado (sacos de 60 quilos) e vendido.

Vinho (el vin), bebida quase sagrada para o imigrante italiano. É que os sarmentos das parreiras eram trazidos da Itália (come na gamba d'ensanto – dizia-me Paolin Mattedi). Tais sarmentos eram envoltos em musgo úmido. Áli Lenzi, entrevistado por mim em 1970, disse-me que no lugar chamado Busa ou Nossa Senhora da Glória, um colono de sobrenome Zobolli, possuía uma parreira tão velha e tão forte que apesar das podas contínuas chegava a cobrir uns trezentos metros quadrados. Seria a muda dessa parreira da conhecida uva Isabel ou uva Francesa? Hoje, no Estado conhecem-se outras variedades de uvas, como a Champagne, a bijarraca, o dedo-de-dama, a saiber, a crito etc. Mário Bona (falecido há pouco tempo com bela idade acima de 80 anos) deu-me a explicação de como os nossos

imigrantes fabricavam o seu vinho. Colhida a uva com a rancolina ou a britola (pequenas foices-de-mão) ela é colocada em folhas de bananeira por dois ou três dias a fim de que ela “smariscisce”, isto é, tome uma coloração igual amarelada. . Passados estes dias a uva é levada para a cantina com a cavana (balaio de vime) ou com a cariola ou a barela (carrinhos-de-mão) e posta na foladoura para ser pisada. A maioria, porém, dos nossos colonos italianos utilizava para esmagar a uva um grande pilão de madeira de lei, feito para esta função. Da foladoura o suco obtido com o esmagamento passa para os mastéis ou para uma pipa e lá fica por cinco dias para diponer (fazer vir à tona a graspa). Após isto o vinho é passado para outra barrica onde fica por quarenta dias, findos os quais ele é engarrafado e guardado na cantina. Per disgracia, ncoi el vin l’è industriá, ma mi fao ncor vin de casa, perché vin de casa nol mbriaga. (Infelizmente, hoje o vinho é industrializado, mas eu faço ainda vinho caseiro, porque o vinho feito em casa não embebeda).

Bevê, bevê, compare (canto):

Bevê, bevê, compare,

Senó vi masseró.

Pitós che me masseghi,

Compare, beberó.

Intant ch’el compar beve,

Ghe canteren la bumba bá.

Mi ho bevuto tuto

E no m’ha fato male.

L’aqua fá male.

El vin el fá cantar.

Questa è la regola

Che seguono gl’italici:

Alzano i calici,

Vuotano i bichieri

El sugo del bocale

Ha el color de la gresta

Chi gá el bichier in man
Al so compare impresta.

N. B. : Este canto que mistura “talian” com o italiano padrão é muito difundido nas colônias italianas. Traduzindo: Bebei, bebei, compadre/ ao contrário vos mato/.

Não me mateis, compadre/ que agora beberei. / Enquanto o compadre bebe/cantar-lhe-emos a bumba-bá. / Eu bebi todo vinho/e ele não me fez mal. / A água faz mal/ e o vinho faz cantar. / Esta é a norma que seguem os italianos:/ erguem os cálices / e esvaziam os copos. O sumo do vaso(copo)/ possui uma coloração gris. /Quem tem o copo na mão/ Emprresta-o ao seu compadre. (Apud. : . . . E cantavam, pp. 174-175).

La polenta (canto).

Quando si pianta la bela polenta:/la bela polenta si pianta cosí:
(Oh!, oh!, bela polenta, cosí, cosí:/ ciaciapum, ciaciapum,
pum...pum...pum.

Quando se cresce la bella polenta/ Quando si smiscia la bela polenta/
Quando s’infiora la bela polenta. / Quando si taglia la bela polenta/
Quando si moge la bela polenta. /Quando si cose la bela polenta/. Quando
si mangia la bela polenta. / Quando si gusta la bela polenta.

N. B.: O uso abusivo de sinédoques e metonímias é comum nos cantos do talian, como é o caso de plantar a polenta em lugar de plantar o milho. Apud, J. A. Santana, opus cit. p. 12.

Traduzindo: quando se planta a bela polenta. / A bela polenta é plantada assim: oh! Bela polenta, assim, assim: ciaciapum(voz onomatopaica). / Quando cresce a bela polenta/Quando é mexida a bela polenta/Quando enflora a bela polenta/Quando se corta a bela polenta/
Quando ferve a bela polenta/Quando se coze a bela polenta/Quando se come a bela polenta/ Quando se ama a bela polenta.

c) DO CONSTRUIR

Em primeiríssimo plano, na ordem das necessidades, posto no meio do mato, o imigrante italiano, aproveitando o material que a floresta lhe

proporcionava, improvisava um abrigo. Nas colônias do Sul do Estado era nos primórdios um simples telheiro. Quem assim no-lo diz é Monsenhor Quinto Davide Baldessar, em seu belo livro por mim citado, *Imigrantes*, às páginas 70 e 71. Leiamos-lo: “A região era rica em “palheira,” uma pequena palmeira de folha rija e larga. Podia ser colhida e cortada em seu pedúnculo longo de tal maneira que fosse possível amarrá-las de três em três a uma vara, formando um lance de telhado. Superpostos tais lances, a começar debaixo para cima, formavam um telhado de todo impermeável. . . . “Para fechar as paredes havia diversos expedientes. Um deles, o mais simples, era o de “pau-a-pique”. Consistia em varas postas em pé, uma ao lado da outra, de tal maneira que pudessem fechar o espaço. Às vezes, eram usadas achas de madeira ou içara (palmeira muito alta e fina, também chamada palmito, por ser dela que se extrai a parte comestível da ponta). Tais paredes quando compostas de varas ou achas entrecruzadas eram calafetadas com barro ou mistura de barro com fibras para tornar mais resistentes. Este processo elimina as frestas por onde o frio penetra. Outro expediente utilizado, mas bem mais demorado era cortar troncos e superpô-los horizontalmente, cuidando de escarvar as duas faces de contato, para garantir o equilíbrio e eliminar as frestas.” Já José Finardi (34), falando das primitivas casas dos colonos imigrantes do Vale do Itajaí, diz-nos que eram “choupanas feitas de pau-a-pique, com paredes de ripas amarradas por longas tiras de cipó imbé, argamassadas com barro, e a cobertura era de folhas de uma folha denominada guaricana, muito abundante na região, folhas estas entrelaçadas e amarradas às ripas e ainda com uma camada de folhas de palmito, formando uma excelente cobertura que permanecia em boas condições durante vários anos” (1976, p. 131). Além de habitar em choupanas, tinha que derubar a mata e preparar o terreno para o plantio, e este colono não desanimou, tudo enfrentou com coragem: a mata espessa, animais ferozes, cobras venenosas, aranhas, mosquitos torturantes (entre eles os terríveis borrachudos e pernilongos), vespas negras e vermelhas e... os bugres famélicos e enfurecidos. “Escolhido o local, comentam Fabre A. Nueremberg A. et al. (35) da nova colônia, cada família recebia do agente de imigração o seu quinhão de terras onde tudo estava por fazer, desde o rancho para o pernoite. A falta de moradia, de estradas, a presença de selvícolas e animais ferozes, a mata agreste, tudo oferecia um desafio àqueles bravos

européus”(1976, p. 11). Mas, a casa de madeira coberta com escândulas não tardou a aparecer ao lado de casas feitas in totum de pedra, principalmente nas colônias do Sul.

Nas colônias do Vale do Itajaí não encontramos casas feitas in totum de pedra, já que os imigrantes, ainda que colocados nos confins da Colônia Blumenau e em contato direto com os índios, receberam terras praticamente sem pedras, diferentemente dos colonos do Sul onde as terras eram pequenos morros cobertos de pedra em sua maioria. Mas o colono do Sul estava acostumado a construir casas de pedra e a viver no meio de pedras, pois no vale do Piave, de onde vieram muitos, é só um amontoado de pedras que assusta qualquer cristão. Mas não só casas de pedra construíram os hábeis “muratori” (pedreiros) do Sul, construíram também pontes de pedra enquanto trabalhavam em abrir estradas, e tais pontes ainda resistem, ainda estão aí, como a de São José sobre o rio Imaruí, como a de Itapema, verdadeira jóia de arte em arco sobre um córrego na antiga estrada de rodagem, hoje abandonada. Aliás, por falar em bons pedreiros, logo nos lembramos dos imigrantes italianos, e justiça seja feita, os mais lembrados são os pedreiros de Nova Trento, Urussanga, Nova Veneza. No Vale do Itajaí, pedreiros de escol são os alemães. Se em primeiríssimo plano, o imigrante italiano buscou um abrigo, logo em seguida tinha que buscar comida e a floresta lhe deu carne de anta, catetos, veados, tatus, pacas; carne de jacus, macucos, jacutingas, jacupebas; carne de jundiás, traíras, carás, cascudos, e por aí afora. O imigrante italiano não comia bugios, ainda que no Sul os confundisse com os bugres em cima das árvores.

PALAVRAS (e etnografia)

Também no aspeto de arquitetura e engenharia a influência italiana é enorme, mas ela vem de longe, e termos como arquitetura, arquiteto(architetto), arquitrave(architrave.: note-se que este termo é masculino em italiano e feminino em português, talvez por analogia com trave), esboço (sbozzo), arquivolta (de archi + volta segundo Real, R. M. (36) (1962, v. Arquivolta, (archivolto), arcada (arcata), auto-estrada (autoestrada), balaustrada(balaustrata), cúpula (copola, mas temos em latim cupula), colunata, cornija(corniggi), contraforte, estuque(stucco)

escalinata (scalinata), loja (loggia), parapeito (parapetto) etc. enriquecem o nosso vocabulário.

Balaústre, prende-se ao talian balaustro (se dis el balaustro la picola colona que s'adopera come ornamento. Ma anca se ciama balaustro le colonete adoperate per tegner firme el corriman.). Chama-se balaústre a pequena coluna que se usa como ornamento. Mas também se chamam balaústre as pequenas colunas, usadas para firmar o corrimão). (Inácio Paker, um dos grandes pedreiros de Rio dos Cedros, morreu de choque elétrico destelhando uma casa. Além de grande pedreiro era muito brincalhão, e dizem que quis mostrar que não tinha medo e segurou um fio elétrico com a mão e caiu do telhado).

Baldaquim, do it. Baldaquino (em talian: baldachin). É uma cobertura leve construída sobre porta de entrada de uma casa para protegê-la da chuva.

Listel ou listelo (do talian listel) moldura estreita e lisa que acompanha outra maior ou separa as colunas em arquitetura; espécie de filete.

Longarina ou longarino (do talian longarin), viga de apoio para tabuleiro de ponte ou qualquer laje. (Bison méterghe doe longarine senó casca tuto (é preciso colocar duas longarinas, caso contrário, cai tudo).

Mezanino (do vêneto mezanin). É uma sobre-loja; um andar de pouca altura construído geralmente no andar térreo de uma casa comercial.

Pilastra (do talian pilastra. Em italiano pilastro é masculino).

Sofito, do italiano soffitto. Na realidade é o forro, o teto do interior de uma sala ou quarto. Para os nossos pedreiros italianos pode significar também a parte interior de uma arquitrave, aquela parte baixa que assenta sobre capitéis das colunas formando a cimalha da casa. (Cimalha é a parte superior da cornija onde assentam os beirais do telhado). Acredito que o termo seja mais usado nas colônias de imigração italiana, pois arquitetos

inqueridos aqui na capital, desconheciam o termo.

Terraço, do it. Terrazzo. É a sacada, o que ressalta das paredes de uma casa. Parte da casa sem cobertura. O terraço é pouco usado nas casas dos colonos italianos. Eu diria que é substituído por uma bela varanda. E por falar em casa do colono italiano, principalmente nas colônias do Vale do Itajaí, era fácil distinguir, até mais ou menos a década de setenta, a casa do colono italiano da casa do colono alemão. A distinção se fazia olhando-se atentamente a frente da casa: aquela que só tivesse canteiros de flores(rosas, gerânios, gérberas etc.) era casa do colono alemão. A casa que tivesse na frente canteiros de flores misturados a canteiros de verdura (couve, couve-flor, repolhos, radicis, etc.) era a casa do colono italiano. Infelizmente, ou porque os velhos herdeiros do espírito de trabalho morreram ou deixaram a colônia, ou porque é mais fácil comprar a verdura, hoje as casas dos imigrantes italianos só possuem flores e poucas. Mas também as colônias, em geral, estão abandonadas. Quando eu era criança não havia pedaço de terra que não fosse cultivado com milho, batata-doce, aipim, uva, arroz, taiá, etc. etc. Com o abandono das colônias, os passarinhos voltaram a povoá-las ao lado de gambás e tatus.

Vila, do italiano villa. Na realidade, hoje o termo além de significar um povoado, significa também uma casa senhoril de campo, ou então, o que é mais raro de se encontrar, uma casa com piscina, jardim, bosquete, dentro da cidade.

d) DA PESSOA

No artigo que publiquei . : Brabeza dos primeiros imigrantes de Rio dos Cedros, na revista Blumenau em Cadernos, Tomo XLVI - jan. fev. 2005, BL. -nº1/2, pp. 24 à 45, eu falei sobre o caráter do nosso imigrante italiano. Aqui, as comparações e os modos- de- dizer que recolhi pesquisando, dispensam qualquer análise psicológica da pessoa do nosso imigrante italiano ou de seus descendentes. Vede. : “Bela come en fior drio le rece”(linda como uma flor atrás da orelha “; “Bruto come el diáolo”(feio como o diabo);“Cativo come na bespa”(brabo como uma vespa); “Grosso

come na bora”(grosso, estúpido, como uma tora); “Forte come en bó”(forte como um boi); “Negro come el fondo d’en parolo”(preto como o fundo de um tacho(como o qual se faz a polenta); “Rosso come en maton”(vermelho como um tijolo); “Ruiná come na strassa”(acabado como um trapo); “Seco come na foia de tabac”(seco como uma folha de tabaco); “Zald come en lugarin”(amarelo como um canarinho); “Drito come na stanca”(erecto como um pau); “Contento come en santo”(contente como um santo); “Falso come na campana spacá”(desafinado como um sino rompido); “Furbo come na volpe”(esperto como uma raposa); “Gnorante come en mulo”(ignorante como um burro); “Ladro come en gato”(ladrão como um gato); “Sguelto come en uselo”(rápido como um passarinho); “Vodo come na taquara”(vazio como um bambu); “Côrrer come el vento”(correr como o vento); “Casçar come en fruto marso”(cair como uma fruta podre); “Dormir come en sôco”(dormir como um sepo); “Engosá come en caign”(afogado como um cão = de tanto comer ou comer rapidamente como um cão); “Lizer come na piuma “ (leve como uma pluma); “Orbo come en vecio”(cego como um velho); “Sporco come en álbio”(sujo como um cocho); “Spussolent come na carogna”(fedorento como uma carcassa), etc. E que dizer dos modos-de-dizer? Vejamos alguns incisivos. : “ Alzar el gómito”(levantar o cotovelo. Referência a levantar o copo. Embriagar-se de tanto beber); “ Aver culo”(ter traseiro, isto é, ser valentão, corajoso, intrépido. N. B. : muitas expressões em que entram partes pudendas são ditas pelo nosso imigrante italiano com toda naturalidade, e ninguém se enrubece com elas. Aver culo (ter cu) como aver coioni (ter colhões), aver fogo ntel culo(ter fogo na bunda)etc. são expressões corriqueiras. “Aver el cervel de galina”(ter o crânio de galinha); “Aver la spionza” (estar bêbado);N. B. : tal expressão ma disse Angelin Lenzi, e ele não soube me dizer o que significasse a palavra spionza. “Aver le cocombrie”(ser hipocondríaco. Estar fixado por demais em algo. Estar preocupado com algum problema insólito. Ter idéias peregrinas); “Aver le ongie longhe”(ter as unhas compridas; ser um ladrão; ser um ganancioso; um desonesto); “Aver pien le braghe”(estar de calças cheias, isto é, estar com medo; estar numa situação ruim; estar enjoado de alguém); “Aver pien el goso”(ter o papo cheio; estar no limite de estourar; estar de saco cheio). N. B. : existe um modo-de-dizer igual a este. : “Averne ntel gós”(ter na garganta, isto é, estar aborrecido); “Aver magná-for tuto”(ter

gasto tudo; não ser econômico). N. B. : expressões que se aproximam desta. : aver le scarsele vode: ter os bolsos vazios; no gaver gnanca en scheo: não ter nem um vintém.). “Aver en bruto male”(ter uma doença ruim, um mal incurável). N. B. : o eufemismo é comum no talian. “Bagolon”(falador;fanfarrão; mentiroso. N. B. : a palavra é o aumentativo de bágola, excremento de cabra, ovelha ou coelho); “Balota”(tolo, bolo, tonso.); “Balordo”(tonto, pateta); “Barufo”(brigão); “Baúco”(bronco, tolo, bobo, esclerosado. Há provérbios com esta palavra, como este: “fa avanti che baúchi ghe n’è tanti!”(continue que está cheio de tolos). “Bêverne na gossa”(tomar uma gota (de cachaça ou outra bebida); “Boir de rabia ”(ferver de raiva); “Brasa squerta”(brasa coberta. Pessoa fingida; dupla personalidade); “Ciamarse gramo”(arrepender-se); “Ciapar el doe de còpe”(pegar o dois de copa. A expressão significa dar no pé, ir embora, fugir); “Ciapar na stufa”(aborrecer-se); “Ciapar na scoioná”(levar no saco; ser enganado); “Contarghe-su”(dizer besteiras; narrar algum fato a alguém); “Coscita la è!”(assim é que são as coisas!; assim é a vida!; não adianta espernear); “Darghe la paga”(responder à altura; pagar com a mesma moeda); “Dar-me na man”(dar-me a mão; ajudar-me numa situação qualquer); “ Darse árie”(fazer-se importante; fazer pouco de alguém); “Ensemini”(ensimesmado; pessoa estúpida, tola); “Esser dô”(estar na fossa; estar desanimado da vida); “Esser en panôia”(ser uma soca de milho; uma pamonha; um moleirão, preguiçoso; bestalhão) “Esser gramo”(estar arrependido; estar triste, dorido); “Esser na siôra”(ser uma madame; ser uma mulher não habituada ao trabalho. N. B. : chamar a uma mulher colona do imigrante italiano de siôra, era uma grande ofensa, pois ela era simplesmente a alma da casa, a que fazia de tudo, como vimos); “Far capoto”(vencer a rodada num jogo de cartas); “Far finta” (fingir. A expressão: farghe la finta, significa espionar alguém); “Far demanco”(não precisar; não querer; desprezar); “ Far fagoti”(fazer as trouxas; ir embora; partir) “Furbo”(astuto); “Fregarse”(coçar-se; sair-se mal; danar-se); “Goson”(papudo; falador); “l’è finí”(está acabado. O sentido é pejorativo e diz-se de alguém que está na miséria, que já está no osso. Pode exprimir comiseração, mas neste sentido a expressão vem acompanhada de poro (poro diáol = pobre diabo; poro anima = coitado!) “Magna polenta”(bobalhão, tolo, ingênuo); “Mbriagon”(cachaceiro); “Onto bisonto”(em maus lençóis; estar em apu-

ros); “Pastrosson”(sujão; atoleimado; péssimo pedreiro ou artesão); “Riderfor”(debochar); “Salado”(tolo, bobo, imbecil); “Scempio”(tolo, palerma); “Secacoioni”(seca sacos, escrotos); “Sensa bale”(sem conversa; sem subterfúgios); “Te sei na pêtola”(és um carrapicho; um não-desgruda); “Vodo come na taquara”(vazio como um bambu); “Zuca e zucon”(cabeça e cabeçudo; abóbora e testardo), etc.

Notas de fim

1. SAVOIA Cav.(dei Principi) Pio de- In “Boletim do Ministério dos Negócios Estrangeiros da Itália” n° Geral 207. N° da Série l6. set.190l. (Apud João Leonir Dall’Alba – Imigração Italiana em Santa Catarina, EDUCS – EST. Editora Lunardelli, Fpolis, 1983, p.105.).
2. DESTEFANI F.- “ Notícias Históricas de Rodeio”. In Vita Franciscana, Petrópolis, n°2. pp.483-485. Ano 1940.
3. KORTE,L.- “ Documento histórico” (Tradução do Padre Victor Vicenzi. In Blumenau em Cadernos, Bl. Caderno 18, n° 2, fev. De 1977. p. 47)
4. HOYBE, P.- “ Quelques mots d’emprunt venant de l’Italie Septentrionale”. In “ In Memoriam KB Andfeld”. Apud Manuel de Paiva Boleo: Os Estudos de Lingüística românica, Coimbra, 1951- conferência, p. 38).
5. PIAZZA, WF.- Nova Trento – Edição Comemorativa do 75° Aniversário da Colonização Italiana- 1975-1950. Florianópolis, 1950,p.21.
6. SACHET, C. & SACHET, S. – Santa Catarina 100 Anos de História (O Livro), vol.1. Editora Pallotti, Porto Alegre, 1997,p.21.
- 7.CABRAL,O.R.- Santa Catarina (história-evolução). Editora Brasileira, São Paulo, 1937,p.149.
- 8.HERSKOVITS,M.J.- Antropologia Cultural (Man and his Works) Editora Mestre Jou, vol.2° São Paulo, 1964, p.246.
9. SAPIR, E.- Lingüística como Ciência. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1961,p.44.
10. MIGLIORINI,B.-“ Italianismi accolti in altre lingue”. In Storia della Lingua Italiana 2ª ed. Firenze, 1962, pp. 400,466,545,624 e 696.
11. BUENO,F.da Silveria – “ As influências italianas na fala de São Paulo” in Jornal de Filologia, I, n°l. São Paulo, pp.3 à 16.
12. GUÉRIOS,R.M.-“ Os empréstimos italianos na língua portuguesa” SEPARATA do 4° Congresso Brasileiro de Língua e Literatura, Rio, ed. Bernasa, 1973, pp. In totum.

13. RIBEIRO, João- Dicionário Gramatical, 3ª ed. Verbete: Italianismos, Ano 1906.
14. Costa, H.R. da- “ Genoveses no Brasil.” In Revista Genealógica Latina. S. Paulo, 3, 1951, pp. 217 à 224.
15. AULETE, C. – Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, 5 volumes, Ed. Delta S.A. Rio de Janeiro, 5ª ed. 1964. Verbete “badil”.
16. PEDROTTI, G.- Vocabolario Dialettale degli Arnesi Rurali della Val d’Adige. Ed. Società per gli studi trentini, Trento, 1936,p.58.
- 17.STOER. H.(pastor) “ O barracão dos imigrantes em Blumenau”. In Blumenau em Cadernos XX BLC. Blumenau, 20 (6) jun. 1979 pp.154-155.
18. ROSSI, G. – “ homenagem ao Dr. Blumenau” In Commemoração do 50º Aniversário da Fundação de Blumenau, 1850-2 de setembro -1950. Blumenau, Typ. Baumgarten, 1900, p.3.
- 19.BALDESSAR, Monsenhor Q.D.- Imigrantes (Sua história, Costumes e Tradições). Ed. do A. 1991, pp.79-80.
20. MEYER-LÜBKE, W.- Romanisches Etymologisches Wörterbuch, Heidelberg, 1935,verbete “carrum”.
- 21.COROMINAS, J. Breve diccionario Etimológico de la Lengua Castellana, ed. Cremos, Madrid, 1961. Verbete “rizar”.
22. SAN ISIDORO DE SEVILLA.- Etimologías, Bibliot. De Autores Cristianos, Madrid, MCMLI, p.497.
23. VICENZI, V.- História de Rio dos Cedros. Editado pela Fundação “Casa Dr. Blumenau” 1975, nº 12 p. 28.
24. CORRADIN G. & CERRATO a. Et al. ...E Cantavam, Editora Meridional, EMMA, Porto Alegre, s/d.p.138.
25. SANTANA, J. – Canções Italianas, ed. UFSC Imprensa Universitária, Florianópolis, 1982,p.37.
26. LAGO, P.F. – Santa Catarina, a terra, o homem e a economia. Edição da Imprensa Universitária, UFSC, Florianópolis, 1966 p. 100.
27. PIAZZA, W. F. – A Colonização de Santa Catarina. Editora Pallotti, Porto Alegre, RS, 1982,pp.153 e s.
- 28.GROSSELLI, R. M. - Vincere o Morire (Contadini trentini (veneti e lombardi) nelle foreste brasiliane) Parte 1ª pp. 97 à 109.
29. DELISO,V. Storia dimenticata, Sagra–DC- Luzzatto editora, Porto Alegre, RS, 1993pp.55à 76.
30. NASCENTES, A.- Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa, ed. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro, 1955 verbete brócolos p.79.

31. TAGLIAVINI, c. – Glottologia, Casa Editrice Prof. Ricardo Patron, Bologna, 1963, pp.65 e s.
32. KAHANE, H. R. – “Comment on Pizza” . In Romance Philology, v. 16, l. 1962, pp. 29-30.
33. STRINGARI, J. Pe. Canhenho de Português, Livraria e ed. Salesiana, S.Paulo, 1961, pp.126-127.
34. FINARDI, J. E. – Colonização Italiana de Ascurra (1876-1976). Ed. Gráfica 43 S/A Blumenau, SC 1976, p.131.
35. FABRE, A. NUEREMBERG, A. Et al. Criciúma em Dados. Fundação Educacional de Criciúma, FUCRI, 1976, p.11.
36. REAL, Regina M. – Dicionário de Belas Artes, I, Rio de Janeiro, ed. do a.1962 v. Arquivolta.



José Curi nasceu em Rio dos Cedros aos 15 de agosto de 1931. Estudou com os Salesianos de Ascurra, Lavrinhas, Pindamonhangaba e Lorena. É formado em Letras Neolatinas (bacharel e licenciado) e em Filosofia (bacharel). Tem curso de pós-graduação em Lingüística. É Doutor em Letras e Livre Docente em Lingüística. Professor da UFSC (Filologia Românica), aposentado. Além de pertencer à Academia Catarinense de Letras, pertence à Academia de Filosofia de SC, ao Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. É acadêmico correspondente da Academia Belles-Lettres, Sciences et Arts de La Rochelle, França.

Poliglota fala e escreve em várias línguas, e embora sua produção científica se restrinja a revistas especializadas, dele podemos ler: Juca Jacu & Cia (1979); Cassoga Capital Cassoga (1982); Traze-me o Girassol (1982); Curso de Italiano para Brasileiros (4ª.ed. em 2001); Raconti de Rio Cedro (1984); Resta quà con Noaltri (1987); Espanhol para brasileiros (1994). Dúvidas de português? Acabe com elas, (2ª ed. 2005).

Este estudo lingüístico- etnográfico obteve o 3º lugar no II Concurso Estadual de Monografias Oswaldo Rodrigues Cabral, edição 1997- Fpolis, 29/6/1998

Arquitetura de Blumenau

Arquiteta Rosália Wal¹

Artigos

Quando comecei a pensar a respeito do que escrever sobre a arquitetura de Blumenau, compreendi o quão extenso pode se tornar um assunto como este. O que aqui segue é apenas uma breve visão de um conteúdo que possa fazer sentido no formato de um artigo e que não se esgota no contexto destas poucas linhas.

Para entender a arquitetura de Blumenau sinto que é necessário que se compartilhe, como ponto de partida, a definição de arquitetura. Para o arquiteto Christian Norberg-Schulz, 1995, a arquitetura é a “espacialidade de um modo de vida”, ou, ainda, para Carlos Lemos, 1979, arquitetura é “toda e qualquer intervenção no meio ambiente criando novos espaços”.

Estas, parecem, a mim, bastante apropriadas, também, para o desenvolvimento do assunto a ser abordado, pois, a partir destas definições podemos compreender - entre tantas outras coisas - que o meio reflete a visão de mundo de um determinado grupo, de uma determinada



¹ Arquiteta. Especialista em Restauro pela UFBA e Profa. do Curso de Arquitetura da Universidade Regional de Blumenau, membro do ICOMOS -BR, Conselho Internacional de Momentos e Sítios.

sociedade, e que, por outro lado, cada grupo ou sociedade atribui significados ao espaço e altera definitivamente o meio em questão.

A atribuição de significados nas relações de um grupo ou sociedade com um determinado espaço gera o sentido de lugar, e isto está na base de toda a arquitetura: antes mesmo do homem se tornar sedentário, segundo o escritor Lewis Mumford, determinados locais - por diferentes razões -, como os sambaquis, ou os locais de enterramento, eram importantes pontos de referência para os quais alguns grupos sempre retornavam.

O tipo de alteração produzida no meio está, conseqüentemente, também, diretamente relacionada aos diferentes grupos, diferentes sociedades e diferentes recortes temporais: podem nada ou pouco interferir no meio, até, no extremo oposto, alterar parcial, definitiva e sucessivamente o espaço, criando os testemunhos materiais de cada cultura conhecida.

A arquitetura deste lugar que se conhece como Blumenau começa com a presença dos primeiros grupos humanos indígenas que por aqui estiveram e se fazem conhecer através dos testemunhos arqueológicos, dos relatos dos grupos europeus que aqui chegaram e das raras comunidades indígenas ainda presentes na região.

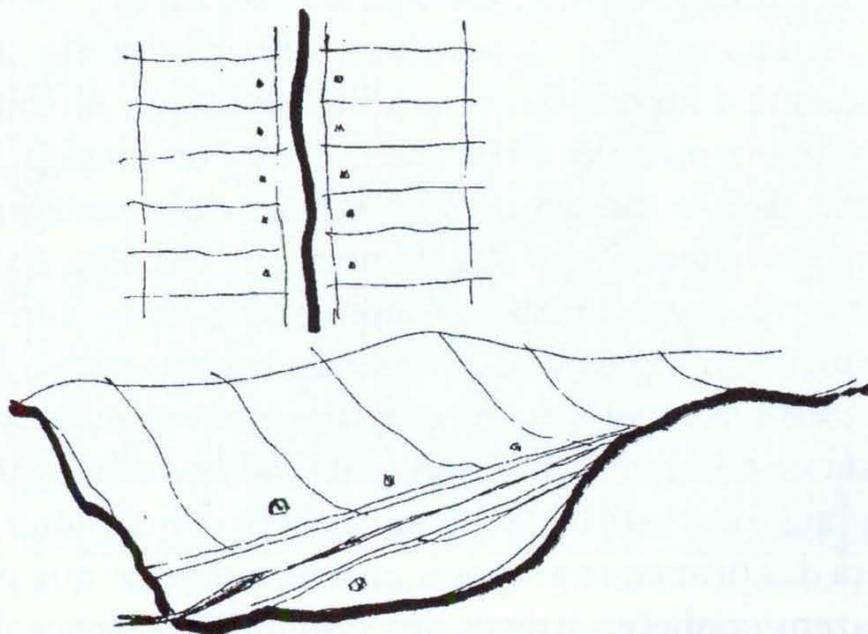
A presença portuguesa nestas áreas do território brasileiro - impulsionada por uma iniciativa da coroa portuguesa de ocupação das terras ao sul a partir do século XVII - ocupa, primordialmente, áreas próximas ao Litoral, e sua presença pouco se faz sentir na área em questão.

Com a chegada do imigrante alemão, no século XIX, iniciou-se um processo de transformação do espaço do qual a cidade - e o município de Blumenau - são, hoje, o resultado.

No desenho do espaço da então antiga Colônia Blumenau podemos perceber, desde o início, a implantação de um centro muito bem definido e o restante do espaço do território ocupado, sucessivamente, ao longo do desenvolvimento da colônia, por um sistema de loteamento unifamiliar.

A estrutura fundiária de implantação da colônia obedeceu a um sistema de lotes dispostos ao longo das vias que acompanhavam os ribeirões. Tal estrutura possuía uma estreita relação com a topografia local e a paisagem desenhada pela ação humana neste espaço reflete um modo de vida cuja força estava totalmente voltada à criação do gado leiteiro, com -

em razão da acentuada topografia - uma agricultura de subsistência. Esta estrutura se contrapunha totalmente à dos grandes latifúndios do território brasileiro de então.



Croquis mostrando a forma como os lotes se adaptavam aos vales

Segundo o arquiteto Dalmo Vieira Filho, do IPHAN, dentro deste sistema, os lotes, de propriedade unifamiliar, possuíam um desenho - e dimensão - relativamente regular, com testadas de cerca de 150 a 300 metros e cerca de 1000 metros de profundidade; a frente dos lotes era paralela aos ribeirões e, os fundos, praticamente incluíam ou finalizavam nas cumeadas dos morros que configuram os vales ao longo dos rios.

Praticamente em cada lote, as encostas dos morros ficavam livres para o gado e os topos dos morros permaneciam cobertos pela vegetação existente; a residência principal, os ranchos e as unidades fabris normalmente se localizavam nas encostas dos morros e freqüentemente estavam próximas às vias que acompanhavam os ribeirões.

A dispersão, de certa forma regular, dos conjuntos das edificações na rica paisagem dos vales, acentuava o valor das construções religiosas, normalmente edificadas em locais elevados, em volumetria simples e com uma torre sineira frontal (esta, muitas vezes, construída depois da permissão para construções de torres sineiras, dada, pelo Império, aos templos não católicos).

Desde as primeiras edificações construídas na antiga Colônia, percebe-se a adequação da arquitetura de imigração aos materiais e clima locais; trata-se de uma arquitetura anônima, inspirada nas técnicas construtivas, volumetria e materiais das construções européias urbanas da origem.

O programa arquitetônico era bastante simplificado: além das igrejas que pontuavam, como dito, a paisagem, os grupos de edificações, em cada lote, eram formados por, basicamente, a casa principal, construída, principalmente, na técnica enxaimel, ranchos, localizados próximos à edificação principal, construídos em estruturas de madeira e vedação com tábuas e, quando havia, moinhos e engenhos, também, em madeira.

Depois dos templos, as residências eram as construções mais importantes. Tais edificações, predominantemente enxaimel, apresentam, freqüentemente, volumetria simples, com telhados em duas águas de acentuada inclinação.

Na disposição dos cômodos da casa, sala e quarto ficam sob o telhado principal; a cozinha fica, normalmente, na extensão do plano do telhado, aos fundos, e a varanda, normalmente, no prolongamento frontal do telhado.

Estas chamadas extensões do plano do telhado principal testemunham o desenvolvimento da casa principal nestas regiões de imigração: o anexo da cozinha ao corpo principal foi possível com a chegada das chapas de ferro para os fogões à lenha; o anexo da varanda frontal representa a incorporação de um elemento que aparece em todas as regiões tropicais do globo: a varanda.

Segundo o professor da UFSC, arquiteto Pedro Buhler, em todas as regiões de imigração alemã em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, as edificações enxaimel apresentam quase o mesmo tipo de disposição interna dos espaços.

A técnica enxaimel é milenar e aparece notadamente nas regiões centro-norte européias. Trazida pelos imigrantes alemães para o Brasil, esta técnica se transformou na expressão desta cultura de imigração. Foi utilizada até meados do século passado, deixando, aos poucos, de ser utilizada quando cessa a imigração e, também, com a entrada de novos materiais no mercado da construção.

Segundo o arquiteto alemão Udo Baumann, o Brasil é o detentor

do maior número de edificações enxaimel fora da Alemanha.

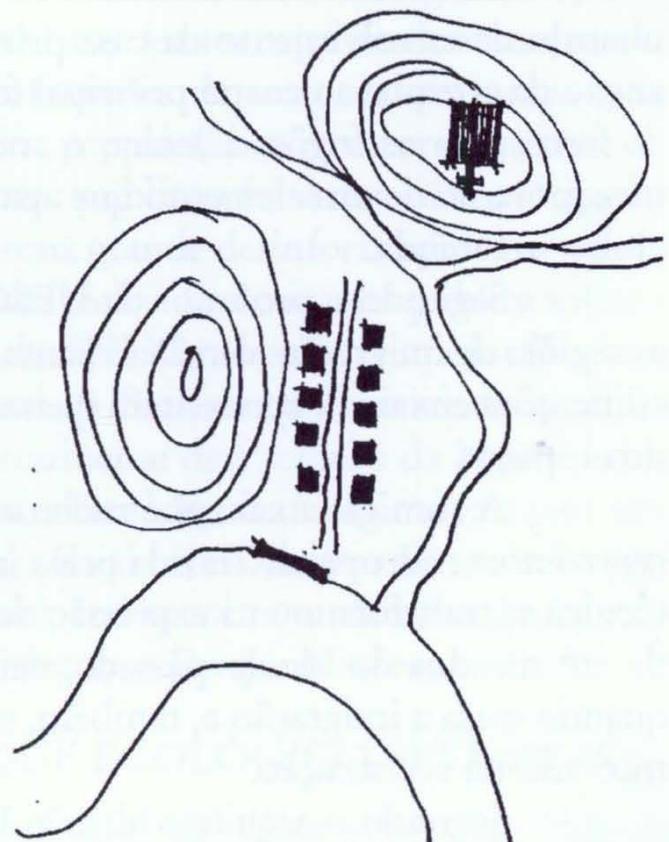
Dentro deste cenário de ocupação dispersa e regular da antiga colônia, a gênese do pequeno núcleo urbano salienta-se desde o começo.

O local escolhido para a sede ficava às margens do Itajaí-açu, em um local aonde o rio faz uma grande curva para desviar da grande formação rochosa ali existente, e, também, ao lado da foz do Ribeirão Garcia, um dos vários afluentes do Itajaí.

O encontro das águas do Ribeirão Garcia com as do Rio Itajaí provoca um remanso nas águas do Itajaí; neste local foi construído, na época, um atracadouro, pois toda a comunicação da colônia com o Litoral se fazia através do rio.

A implantação da sede sugere um núcleo de limites precisos: o espaço principal, a grande via de traçado retilíneo e escala monumental - a hoje chamada Rua das Palmeiras - começava perpendicular ao Rio Itajaí, nas cercanias do porto, mais elevada que este, e finalizava ao encontrar o Ribeirão Fresco, aos pés do morro no qual, posteriormente à implantação da colônia, foi construída a antiga Igreja Luterana. A um dos lados deste antigo centro temos o Ribeirão Garcia, ao outro, e aos fundos os morros do vale deste ribeirão, bem como, em todo o entorno, os morros que caracterizam a acentuada topografia do vale e que fazem a proteção natural ao antigo conjunto.

Na via principal estavam localizadas as residências do Dr. Blumenau e de pessoas importantes na estrutura da colônia. A antiga Casa de Câmara e Cadeia também foi construída algum tempo depois da implantação da colônia perto do porto, ao lado da rua prin-



Croquis do núcleo original da cidade, com a Rua das Palmeiras, o porto e a igreja luterana no alto

cipal. O traçado se complementava com mais algumas poucas vias paralelas e perpendiculares.

Segundo Peluso Júnior, 1991, a implantação da Colônia Blumenau difere completamente da implantação das vilas e cidades de tradição portuguesa no Brasil; enquanto estas se organizam tendo a igreja e a praça à frente desta como espaços principais, Blumenau “mostra como o plano primitivo da cidade” adapta o traçado à função comercial, segundo a tradição das cidades medievais das regiões setentrional e oriental alemãs de origem: os espaços principais são o porto comercial e as vias de circulação.

Com o desenvolvimento da colônia, o núcleo original sofre transformações, permanecendo, contudo, o conceito primitivo da função comercial.

Como se pode ler nos textos da historiadora Suely Petry, foi a partir de uma picada aberta para resgatar uma vaca desgarrada que se iniciou um caminho paralelo ao rio que hoje conhecemos como sendo a Rua XV de Novembro. Este novo caminho passou a ser, com o tempo, uma importante via urbana, até se transformar no novo centro da cidade de Blumenau.

Através de seu traçado, pode-se perceber a modernização da antiga estrutura urbana de base colonial: esta via, paralela ao Rio Itajaí, já não possui mais os limites físicos que definiam a antiga sede colonial.

Com o passar do tempo a Estrada de Ferro que, originalmente, ligava Blumenau a Rio do Sul, é ampliada, passando a conectar a cidade, através dos trilhos, diretamente com o porto de Itajaí e, desta forma, também, o núcleo urbano se incrementa.

O desenvolvimento econômico incorpora as atividades de comércio junto com as atividades de moradias, além de trazer novos programas arquitetônicos e de produzir importantes transformações urbanas no uso e parcelamento do solo.

A técnica construtiva que passa a predominar nas áreas urbanas é a alvenaria de tijolos rebocada, pois a mesma responde melhor aos diferentes e amplos significados da arquitetura deste novo centro urbano.

Nas residências urbanas encontramos, na grande maioria, a empena voltada para a rua, o que lhes confere um porte urbano, diferente da expressão rural das edificações com a varanda frontal.

Começamos a ver as influências européias de época na expressão

da arquitetura de então. Residências de influência historicista - predominantemente neoclássica -, apesar de poucas, demonstram a sintonia com os acontecimentos da época.

Mesmo com o desenvolvimento do núcleo urbano, e durante muito tempo, podemos identificar os valores de volumetria simples, simetria, telhados de acentuada inclinação e técnicas construtivas que utilizam materiais naturais que caracterizaram a grande maioria das edificações que foram construídas e que refletiam as ordenações do Renascimento Europeu, cujo conjunto é, simplificada e denominada de Arquitetura de Imigração.

A consolidação da Rua XV de Novembro como centro comercial representa uma fase de grande crescimento econômico da cidade, com o incremento do comércio e da industrialização.

As fábricas alteraram significativamente o cenário urbano e a dinâmica econômica da cidade vai estar impressa no porte, nas técnicas construtivas e na linguagem da arquitetura de influência européia que desenha a imagem da cidade do século XX.

No começo deste século XX, aparece a linguagem do art-decô na arquitetura predominantemente urbana. O Art déco representa o início de um período de transição das formas, usos e linguagem da arquitetura européia, no bojo das transformações de uma sociedade industrial e da consolidação da grande atividade comercial decorrente.

Em Blumenau, a linguagem art-déco está associada predominantemente ao desenvolvimento econômico da cidade em razão do crescimento da atividade industrial e da dinamização do comércio. As edificações que possuem esta linguagem localizam-se, principalmente, ao longo das principais vias do então centro urbano.

A Ponte da Estrada de Ferro, em estrutura metálica, marca simbolicamente a entrada das novas formas, estruturas e materiais que revolucionaram a construção no período chamado de Revolução Industrial na Europa.

Outro material artificial, o concreto, começa a aparecer já nos primeiros anos do século XX, nas estruturas de construções que ainda possuem forte ligação com as formas e expressões de uma arquitetura notadamente de influência européia.

A presença cada vez maior de arquitetos alemães - ou com formação no exterior - impregna a arquitetura de um caráter erudito, que a diferencia dos valores vernaculares da grande maioria da arquitetura construída até então.

Entre estes arquitetos é importante mencionar Krohberger, que realizou, entre tantos outros, o projeto do novo edifício da prefeitura da cidade - no mesmo local da antiga Casa de Câmara e Cadeia -, cuja obra finalizou em 1937, e que é, para a época, um importante exemplo de intervenção no espaço urbano através da inserção de um edifício público.

Com a aproximação dos meados do século XX, podemos perceber que as idéias do movimento moderno, que revolucionam a arquitetura neste século, fazem presença na cidade através da lenta modificação das formas e da substituição dos materiais que caracterizaram grande parte da produção arquitetônica de Blumenau até então.

Isso pode ser percebido na arquitetura de uso residencial predominante: começam a aparecer residências cujos volumes permanecem simples, porém os telhados perdem a inclinação acentuada pela adoção da telha francesa e as linhas gerais da edificação denotam a preocupação com os conceitos modernos. Nestas edificações, porém, a estrutura ainda é autoportante, as fundações são em pedra e ainda utilizam a madeira na estrutura de cobertura e dos pisos intermediários.

A partir da segunda metade do século XX, acontece uma grande ruptura dos padrões tipológicos tradicionais, ao ser introduzida a chamada Arquitetura Moderna nas estruturas urbanas.

Tais edificações assimilam os novos materiais industriais disponíveis no mercado, como o concreto armado e o vidro plano de grandes proporções, cuja tecnologia viabiliza a construção de estruturas de grande porte, acarretando na introdução de novas formas, volumes e usos da arquitetura.

Como exemplo da manifestação da arquitetura moderna em Blumenau, podemos citar o trabalho do arquiteto Hans Broos, cujas obras introduzem, como o Grande Hotel e a Companhia Hering, novos marcos de referência que reestruturam a paisagem da cidade através do diálogo de extrema qualidade que se estabelece entre o edifício e a paisagem urbana.

Fora dos limites urbanos, o acervo arquitetônico disperso, que caracterizava a área rural com os lotes coloniais, vai sendo modificado du-

rante todo esse processo de transformação da cidade ao longo do século XX. Isto significa dizer que vão sendo preenchidos os vazios entre as antigas edificações dos lotes coloniais, dando origem a um conjunto edificado tipologicamente bastante diversificado nas áreas que vão sendo incorporadas ao contexto urbano.

Mas, ainda hoje permanece, em muitas áreas rurais, a ocupação rarefeita que caracterizou a implantação dos lotes e edificações coloniais.

Nos anos 70 a cidade de Blumenau se adapta ao automóvel e aos novos parâmetros da contemporaneidade: surgem a Avenida Beira-Rio, a Avenida Sete de Setembro, as grandes vias de ligação entre os municípios do vale e o Litoral.

É importante lembrar que a área da antiga colônia corresponde hoje a diferentes municípios e que os processos recentes de urbanização provocaram profundas alterações na paisagem urbana e rural das áreas desenhadas pela cultura da imigração.

O sítio original transformado pela presença do europeu se configura como um valor cultural: os valores paisagísticos e urbanísticos da Colônia Blumenau, decorrente de uma cultura de imigração e, posteriormente, de sua adaptação como cidade contemporânea, ultrapassam os seus limites materiais: são o repositório e reflexo de um patrimônio intangível de grande importância.

A identidade do Patrimônio Cultural Edificado de Blumenau está representada pelas variadas manifestações tipológicas existentes em seu contexto, as quais expressam a trajetória da evolução urbana e arquitetônica do município e caracterizam o sítio por suas peculiaridades e singularidades.

O valor da cidade contemporânea – e, conseqüentemente, de sua arquitetura – se afirma à medida que a mesma, junto aos ventos de transformação que a sintonizam com o tempo presente, souber preservar e se relacionar com o mosaico cultural arquitetônico que caracteriza o processo de sua própria identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LEMOS, Carlos Alberto Cerqueira. **Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Melhoramentos, 1979.

MUMFORD, Lewis. **A Cidade na História**.

NORBERG-SCHULZ, Christian. **História de la Arquitectura Occidental**. Editora Gustavo Gilli. 1995.

PELUSO JUNIOR, Victor Antônio. **Estudos de Geografia Urbana de Santa Catarina**. Editora da UFSC, 1991.



Residência na Rua Carlos Zuelow - Itoupava Central - Blumenau.

Dr. Amadeu Prada Beduschi

Álvaro Correia¹

Memórias

Com a morte do médico Dr. Amadeu Prada Beduschi, dia 14 de dezembro último em Curitiba, Gaspar perdeu um dos seus mais ilustres filhos, um grande amigo e benfeitor da sua gente. Filho do casal Augusto e Herta Beduschi, o Dr. Amadeu, como era carinhosamente chamado, foi o primeiro gasparense a formar-se em medicina na cidade de Curitiba como médico anestesista. Exerceu a profissão por 56 anos, tendo sido também o primeiro médico anestesista daquele Estado.

Competente, íntegro e humanitário, ao comemorar seus 50 anos de atividade, entre as inúmeras homenagens que recebeu, destacou-se a que lhe prestou a Associação dos Anestesiologistas do Paraná, por nunca ter recebido uma única punição ou mesmo advertência no exercício da nobre profissão.

No Hospital São Lucas, onde prestou serviços por cinco décadas, o Dr. Amadeu era um profissional muito querido e respeitado por todos.

Foi graças a essas suas excepcionais qualidades e ao clima favorável que criou, que o Dr. Amadeu pôde dar vazão ao seu alto espírito hu-



¹ O autor é ex-parlamentar.

mano e solidário, recebendo e encaminhando para tratamento nos hospitais e clínicas de Curitiba dezenas e dezenas de pessoas oriundas de Gaspar e que lá iam em busca de cura de seus males.

Nos tempos da tuberculose, tão comum em décadas passadas, muita gente de Gaspar foi se curar em Curitiba, no antigo Sanatório do Portão, especializado no tratamento dessa doença, por influência do nosso querido e saudoso conterrâneo.

Um outro fato marcante da trajetória de sucesso do médico Amadeu Beduschi e que não poderia deixar de ser reconhecido neste momento, foi a sua grande preocupação com a formação de novos profissionais da medicina. Daí o apoio, o incentivo e a ajuda que deu a dezenas de jovens, principalmente de Gaspar e desta região do Médio Vale, que foram acolhidos em sua própria residência enquanto estudavam em Curitiba. Os municípios de Blumenau, Gaspar, Florianópolis e mesmo o da capital do Paraná, são cenários hoje das atividades de dezenas de médicos, cuja formação contaram com apoio decisivo do Dr. Amadeu.

Só da família Beduschi, entre irmãos, sobrinhos e primos seus, são mais de uma dezena os que hoje exercem a sublime missão de salvar vidas através da medicina.

Além da família a que tanto amava e da profissão a que se dedicou com tanto zelo e proficiência, o Dr. Amadeu sempre cultivou uma outra paixão em sua vida: o seu grande amor por sua terra natal. Tinha verdadeira adoração por Gaspar e para cá vinha sempre que podia para rever e abraçar seus familiares e amigos e festejar os grandes eventos.

Tal era o seu fascínio pela terra gasparense, que organizou em uma das salas de sua residência uma exposição com objetos e fotos de Gaspar, e numas das paredes, em destaque, inscreveu o hino oficial do município. Ao falecer aos 83 anos de idade, o Dr. Amadeu teve atendido pela família um dos seus grandes desejos: seu corpo foi cremado em Curitiba e as cinzas foram trazidas para Gaspar e jogadas da ponte Hercílio Deeke sobre as águas do rio Itajaí-Açu.

Em rápidas pinceladas, esses são alguns dados desse querido e renomado médico gasparense que não só amou como também honrou e dignificou a sua terra e a sua gente ao longo de sua admirável trajetória de 56 anos de exercício da medicina.

Dr. Amadeu deixou a esposa Nerci, cinco filhos e treze netos.

Turismo e história no Parque Ecológico Spitzkopf

Aurélia Maria Santos*

Pesquisa &
Pesquisadores

Existe uma relação indissociável entre o turismo e paisagem, seja ela natural ou cultural. A paisagem é um dos recursos potenciais para a atividade turística, tanto pela sua originalidade, quanto pela experiência que poderá proporcionar ao turista. No caso das paisagens naturais percebe-se que houve um aumento significativo da demanda por estas áreas nas últimas décadas, resultado da promoção e da valorização das áreas naturais protegidas pela sociedade contemporânea.

Por outro lado, toda paisagem tem uma história e esta é repleta de significados, de fatos que, apresentados ao visitante, ao turista, contribui para que a percepção da paisagem seja mais profunda. As pessoas percebem a paisagem utilizando os diversos sentidos. No entanto, na apreciação da paisagem deve-se buscar ultrapassar a percepção meramente visual para chegar ao seu significado e seu valor. Desenvolvendo e criando laços afetivos com a paisagem é possível mudar atitudes das pessoas e trabalhar na conservação do patrimônio natural e cultura.

Este trabalho faz um resgate da história



*Geógrafa, Mestre em Turismo e Hotelaria, professora universitária.

do Parque Ecológico Spitzkopf desde as primeiras escaladas até os dias atuais. Através deste histórico pode-se perceber que o atrativo turístico do Parque não é só a sua paisagem natural. Todos os fatos e acontecimentos em torno das escaladas, da organização do Spitzkopfklub, dos pesquisadores que estiveram na região, podem e devem ser apresentados aos turistas para enriquecer a experiência da visita. Esta é uma ferramenta que busca desenvolver laços afetivos dos visitantes com o local provocando uma mudança de atitudes e contribuindo para a conservação do meio natural.

Resume-se aqui parte de um estudo mais completo sobre o Parque e a utilização da paisagem como um recurso turístico. No caso do presente artigo teve-se à abordagem histórica.

LOCALIZAÇÃO DO PARQUE ECOLÓGICO SPITZKOPF

O Parque Ecológico Spitzkopf¹ situa-se na região sul do município de Blumenau (SC), como consta na Figura 1, com as coordenadas geográficas S 26° 55' 26" e W 49° 03' 22". Possui cerca de 500 ha de uma área drenada pela sub-bacia do Ribeirão Garcia. Este é afluente da margem direita do rio Itajaí-açu e ocupa um vale estreito com encostas íngremes. Devido à declividade do solo, inadequado para o parcelamento, esta área está enquadrada como área de preservação, de acordo com a legislação municipal (1989), e segundo o Código Florestal (Lei Federal nº 4771/65) é uma APP – Área de Preservação Permanente, que inclui as florestas e as demais formas de vegetação natural (Vieira, p.138). É também uma das áreas de Reserva da Biosfera em Santa Catarina, segundo a UNESCO.²



Figura 1 -Vista do pico a partir do centro de Blumenau

O Parque Ecológico Spitzkopf é uma propriedade particular localizada na área rural do município, com acesso pavimentado a partir do centro de Blumenau. Na região existem outras áreas protegidas que passaram a integrar o Parque Nacional da Serra do Itajaí.

O Projeto do Parque Nacional da Serra do Itajaí começou a ser estruturado pelo Comitê Nacional da Reserva da Biosfera em virtude dos vários relatos e pesquisas apresentados e debatidos inicialmente no Simpósio Brasileiro de Áreas Degradadas, em 1999 e na edição do 50º Congresso Brasileiro de Botânica, em 2000, ambos realizados em Blumenau. Os estudos mostraram que a área de aproximadamente 56 mil hectares que compreende parte dos municípios de Blumenau, Brusque, Indaial, Apiúna, Guabiruba, Presidente Nereu e Botuverá é uma das mais significativas em remanescentes da Mata Atlântica em Santa Catarina. Portanto, para garantir a preservação da biodiversidade local, para garantir o manancial de água de classe 1 para toda a região, que atinge cerca de meio milhão de habitantes e por proteger essa mesma região de enchentes e enxurradas, entre outros, foi proposto ao Ibama a criação de um Parque Nacional na área. (Schmitt, 2004).

No entanto, o projeto provocou uma série de divergências entre a sociedade local e o IBAMA. Vários debates foram organizados em diversas instituições, câmaras municipais, instituições de ensino superior, associações da sociedade civil. A pressão dos proprietários das terras a serem desapropriadas junto aos representantes públicos foi expressiva. O que se percebeu nesses debates foi que há uma grande desinformação da sociedade em torno do projeto. Mesmo tendo realizado a consulta pública sobre o projeto, como está previsto na lei do SNUC, e tendo o apoio de várias instituições como o Comitê Estadual da Biosfera, o Comitê da Bacia do Itajaí e da Acaprena (Associação Catarinense de Proteção da Natureza), o IBAMA optou por realizar novos estudos e, depois de alguns entraves jurídicos, o Parque Nacional da Serra do Itajaí foi criado por Decreto Federal em 04.06.04. Ainda não há uma perspectiva sobre a situação da área do Spitzkopf, que no projeto passará a integrar o Parque Nacional.

HISTÓRICO DO PARQUE ECOLÓGICO SPITZKOPF

O pico do Spitzkopf é observável de vários pontos do Vale do

Itajaí e de alguns pontos do litoral tendo atraído por muito tempo a atenção dos colonizadores da região. O nome, Spitzkopf, que significa cabeça-pon-tuda, retrata a imagem deste acidente geográfico que se sobressai na paisa-gem do sul do município de Blumenau. Segundo Korman (1984, p.171), desde 1881, o pico atraía a atenção do professor Alfarth que morava na região do Garcia.

A façanha de escalar pela primeira vez o pico Spitzkopf aconte-ceu entre 19 e 20 de julho de 1892, pelos senhores Henrique Alfarth (pro-fessor), Hermann Gauche Sênior, Christian Imroth (ex-caçador de bugres) e Otto Wehmuth (antigo fiscal da prefeitura). Estes abriram uma picada atra-vés do ribeirão Minas da Prata, a partir da localidade de Nova Rússia, re-gião do bairro Garcia colonizada por teuto-russos a partir do final do sécu-lo XIX.³ Segundo o relato de Korman (*op.cit.*), a escalada não tinha interes-se turístico e serviu para demarcar terras e caçar bugres que atacavam os colonos⁴.

Na época não existiam nem mapas e nem trilhas. Estas foram aber-tas a golpe de facão. O grupo de amigos, que tinha saído de manhã, só atingiu o topo no fim da tarde e teve que pernoitar num acampamento improvisado. Os componentes do grupo ficaram deslumbrados com a vis-ta privilegiada, num raio de 360 graus, que permite avistar todo o vale do Itajaí desde os contrafortes da Serra Geral ao Oceano Atlântico. A trilha aberta atraiu vários excursionistas por muitos anos.

Uma nova trilha, que passa pelo vale do Goldbachtal (vale do ribeirão do Ouro) dentro da área atual do Parque foi aberta em 1920 e mais tarde, ampliada (Figura 2). Assinala-se que as dificuldades para abrir uma estrada naquela região, com as técnicas até então disponíveis e a escassez de recursos, quase inviabilizou o projeto do Professor Max Humpel, que foi responsável por toda a elaboração técnica do projeto e pela captação dos recursos financeiros entre os empresários da cidade (Wandall, 1992, p. 203).

Segundo relata Hollenweger (1933, p.202), em 17 de julho de 1927, foi fundado o *Spitzkopf-Club*, o primeiro clube de excursionistas da região. Participaram da fundação do *Spitzkopfklub*, como consta no Estatuto, o professor, Johann Iten, Otto Huber, Alfred Grossweiler e Paul Scheidemantel. O principal objetivo do Clube era a proteção da fauna e da flora e o estabelecimento de regras para os visitantes.



Figura 2 - Excursionistas a caminho do Spitzkopf (década de 1930).

FONTE: Arquivo particular de Hans Schadrack

O Clube realizou, também, várias obras na área: a abertura de uma trilha maior até o cume do Spitzkopf, cujo levantamento topográfico foi realizado pelo professor Max Humpel. Humpel era professor, músico e desenhista e elaborou na época uma pasta com ilustrações a cores do “Spitzkopf” e de toda a estrutura do solo onde foi implantada a estrada.

Korman (1984 p.180) conta que este assim relatou:

O “Spitzkopf-Club” com muitas dificuldades construiu um maravilhoso e cômodo caminho, partindo da Colônia Humpel até o cume do “Spitzkopf”, entretanto, a parte mais difícil do acesso é desde o sopé abrupto e o acidentado caminho de mato até a Colônia Humpel. Para que todos os amantes da natureza tenham oportunidade de escalar a mais bonita montanha da grande Blumenau deve ser construída uma boa estrada para automóvel desde o sopé da montanha até o “Spitzkopf”, e para que isto se concretize é necessária a colaboração de todos. O ecônomo Fritz Haase se encarregará de todos os trabalhos e os colaboradores que possibilitarem tal obra assinarão seus nomes com honra. A colaboração será bem empregada, pois como último morador ele terá interesse especial em que a obra seja bem feita, para que todos apareçam sorridentes. Max Humpel” - outubro/1938.

Max Humpel não só projetou a estrada como, também, empenhou-se na sua construção, arrecadando fundos para a obra e supervisionando

toda a obra. A estrada passou a ser utilizada tanto por aventureiros, como mostra a figura 3, ou grupo de alunos guiados por seus professores.

Korman (*op.cit.* ,p.175) conta que

O professor Hollenweger que mediu toda a área para o governo e conhecia bem a região foi encarregado de demarcar o caminho. Todos os fundadores trabalharam graciosamente. Com Fritz Haase, Hermann e Leopold Goll, Gustav e Helmuth Schwabe foi aberto o picadão até os 915 metros de altitude. Em seguida foram elaborados e registrados os Estatutos, ficando o “Spitzkopf” como reserva ecológica, sendo proibida a caça.



Figura 3 - Cabana construída na base do Pico Spitzkopf

FONTE: Arquivo particular de Hans Schadrack

A cabana (Figura 03), para cerca de 50 pessoas e a estrada, figura 02, estavam concluídas no dia 25 de julho de 1928 e foram entregues ao público no dia 5 de agosto do mesmo ano. Em 1938, os associados do clube tomaram a iniciativa de construir uma nova estrada. A estrada foi concluída com muitas dificuldades de ordem estrutural, devido ao relevo acidentado, à falta de técnica e equipamentos e problemas financeiros.

O Clube funcionou por muitos anos, contando com mais de 50 membros participantes e realizou melhorias - como um molinete para captação de água na base do pico, ilustrado na figura 5. Realizam muitas reuni-

ões, tanto para as decisões internas como para atividades culturais. Os sócios possuíam um cartão social, como ilustra a figura 04, que naquela época, ainda era redigido em alemão, idioma original da maioria dos sócios do clube. Até hoje ainda não houve um registro da dissolução do Clube, como prevê o Estatuto.



FIGURA 4 – Cartão social do Spitzkopfklub Garcia.
FONTE: Arquivo particular de Hans Schadrack

No Livro de Visitantes do Clube, o presidente Johann Íten escreveu: Foi fundado este Clube, conforme primeiro protocolo, em 17 de julho de 1927 por: Rudolf Hollenweger, Otto Huber, Johann Iten, Paul Scheidemantel e Alfred Grossweiler. O fim é absolutamente ideal. Aos alunos, uma hora de geografia prática no cimo do morro, vale mais que dez na aula, e desperta melhor o amor à Pátria. O visitante adulto, amigo da natureza jamais esquecerá o nascer esplêndido do Sol, desta altura, que é uma maravilha particular. Pedese encarecidamente aos senhores visitantes protegera fauna e a flora desta região; a caça é, - no interesse público, - proibida. Cada visitante é obrigado a obedecer às ordens do administrador. O presidente, Johann Iten e Secretário, Rudolf.

Udo Schadrack foi eleito presidente do Spitzkopfklub em 1948, e



FIGURA 5 – Molinete para captação de água na base do Pico Spitzkopf (década de 30)
FONTE: Arquivo particular de Hans Schadrack

defensor incansável na preservação da natureza da área. Este adquiriu parte da área atual do Parque de Leopoldo Zarling em 13 de abril de 1950, conforme registro no 1º Ofício de Registro de Imóveis de Blumenau, no Livro 3 V, sob nº 27.145. (apud, KORMAN, 1984, p. 184)

Udo Schadrack muitas vezes se revoltou com os caçadores e com

a retirada de palmito, tendo levado à justiça um caçador que matou um veado na área do Spitzkopf. Diante desta situação, Schadrack registrou, em 08 de julho de 1952, a propriedade do Spitzkopf como Parque de Criação e Refúgio na Divisão de Caça e Pesca⁵ do Ministério da Agricultura. (Livro de Visitantes do Clube Spitzkopf). Por muitos anos, entre 1952 e 1956, como está registrado no Livro de Visitantes do Clube Spitzkopf, o proprietário defendeu, combateu e cobrou das autoridades competentes o respeito ao Código de caça. Por várias vezes apresentou queixa formal ao poder judiciário, de caçadores que invadiam suas terras. Alguns foram levados a julgamento, sem, no entanto, serem punidos. Schadrack até chegou a cogitar a possibilidade de transformar a área do “Spitzkopf” em Parque Nacional.⁶



FIGURA 6 – Sócios do Spitzkopfklub Garcia (década de 30)

FONTE: Arquivo particular de Hans Schadarck

Mas, diante da omissão do poder público e da incerteza sobre a proteção da área, desistiu da idéia.

A indignação maior do proprietário era de que as invasões e a caça não eram coibidas e, muito menos, punidas pela justiça. Em um manifesto publicado em 28 de julho de 1979, no jornal A Nação, de Blumenau, ele demonstrava sua preocupação e

alertava sobre os sérios perigos a que está sujeito o bairro do Garcia, em Blumenau, com a ocupação desordenada das encostas e o desmatamento desenfreado, principalmente nas nascentes do vale do Garcia. Teceu comentários sobre a formação geológica, em especial à vargem existente entre a Artex e o Rio Itajaí-Açu, bem como sobre a flora original, ou seja, as espécies apropriadas para a região árida e acidentada, e que pela formação das suas raízes, segura a terra nas encostas íngremes dos morros, evitando a erosão. Alertou sobre a total destruição do Garcia se a enxurrada de 1961 se repetisse. (KORMAN, 1984, p.186).

O antigo IBDF (Instituto Brasileiro de Florestas), como consta no Livro de Visitantes do Clube Spitzkopf, chegou a endereçar uma carta a Udo Schadrack para tratar da doação das terras do Spitzkopf. Mas as negociações não avançaram, principalmente pelo temor do proprietário de que

nem este órgão conseguisse preservar a natureza do local.

Udo Schadrack continuou seu trabalho em prol da preservação da fauna e da flora do Parque. Durante vários anos criou e devolveu à mata várias espécies de animais, chegando até a comprar do Jardim Zoológico de Pomerode, em 16/09/64, um filhote macho de anta, pelo qual pagou a quantia de 80.000 (oitenta mil cruzeiros).

Udo Schadrack também era um obstinado pesquisador e mantinha sempre contato com vários pesquisadores, entre eles, Cláudio Gilberto Froehlich, da USP (Universidade de São Paulo) com quem trocou inúmeras correspondências; Padre Raulino do Herbário Barbosa Rodrigues de Itajaí (SC), tendo sido admitido como sócio benemérito do Herbário; professor Roberto M. Klein, com quem trocava experiências e informações sobre plantas.

Segundo documentos de registro de visitantes do parque e relatos do proprietário atual, e de registros de correspondências no Livro de Visitantes do *Spitzkopfklob*, cientistas importantes realizaram várias pesquisas no parque, entre eles, Fritz Müller⁷, João Geraldo Kuhlmann⁸, Pe. Raulino Reitz⁹ e Roberto Miguel Klein¹⁰. Fazem parte do registro, também, outras pesquisas em ordem cronológica:

- 1975, o Dr. Cláudio Gilberto Froehlich, do Departamento de Zoologia do Instituto de Biociência da Universidade de São Paulo – USP, fez uma coleta entomológica (insetos).

- Em 1977 o Dr. Charles L. Hogue, do Natural History Museum Los Angeles County realizou uma pesquisa no Parque, também sobre insetos¹¹.

- Em 1992 o Dr. Lynn G. Clark, da Iowa State University, realizou uma pesquisa sobre o Bambu do Brasil.

- Em março de 1998 o Dr. Cláudio Gilberto Froehlich do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo – USP, juntamente com o Dr. Ralph W. Holzenthal, da Universidade de Minnesota (USA), e de Henrique Paprocki fizeram nova coleta de insetos aquáticos.¹²

- Em novembro de 2003, Henrique Paprocki retornou ao Parque para fazer uma nova coleta de insetos aquáticos.¹³

A partir de 1988, um dos herdeiros de Udo Schadrack transformou a propriedade em um empreendimento turístico. A oferta turística com-

preende cachoeiras, nascentes, piscinas naturais, rica e variada cobertura vegetal, sendo que o atrativo maior é o Pico Spitzkopf, com 936 metros, de onde se pode observar grande parte do Vale do Itajaí. Oferece hospedagem em chalés, local para camping e lanchonete, e atende uma demanda mensal de, aproximadamente, dois mil visitantes/mês, que procuram o parque, tanto para visitas de caráter científico, sendo estes, representados por alunos e professores de escolas particulares e pesquisadores, como também para a prática de esportes e lazer.

O novo administrador do Parque adotou algumas estratégias para aumentar o número de visitantes e também possibilitar a conscientização ambiental da comunidade. Uma das estratégias foi o Concurso “Desenhando com a Natureza no Spitzkopf” em parceria com a Relojoaria Universal. O concurso aconteceu entre setembro e outubro de 2000 e envolveu cerca de 35 mil estudantes da rede de ensino, particular e privada, do município.¹⁴

No entanto, a visitação no Parque trouxe, também, alguns problemas. O maior deles aconteceu em 06 e 07 de junho de 1995, quando um incêndio destruiu cerca de 20.000 m² na área do pico. Mais de 100 pessoas, entre bombeiros e voluntários tentaram apagar o fogo sem sucesso. O incêndio só foi controlado dias depois com ajuda da chuva. Houve uma investigação, mas os culpados não foram identificados. Especulou-se na época que o incêndio pode ter começado com uma fogueira realizada por campistas, uma ponta de cigarro e até por fogos de artifício (CARDOSO, 1995).

A regeneração da vegetação na área devastada tem acontecido de maneira gradual. Segundo Sevegnani (2002, p. 93), “instalou-se no primeiro ano um denso tapete de musgos, seguido de posterior colonização por *Pteridium aquilinum* (samambaia-das-taperas)” e após dois anos, “percebeu-se a instalação da *Bacharis semiserrata* (vassoura)” e após 4 anos, “a ocorrência de plântulas de *Alchornea triplinervia* (tanheiro) e *Clusia criuva* (mangue-formiga) esparsas na área”. No entanto, a mesma autora, assinala que “a comunidade arbórea que há de se formar no topo do Spitzkopf pode ser totalmente diferente da existente antes da queimada”.

O TURISMO E A HISTÓRIA NO PARQUE ECOLÓGICO SPITZKOPF

A geografia da área do Parque Ecológico Spitzkopf é singular na

região do Vale do Itajaí por vários fatores. Um deles é, sem sombra de dúvida, o Pico do Spitzkopf, principal ponto de referência na região.

O relevo da área compreende parte das Serras do Leste Catarinense. A topografia do Parque Ecológico Spitzkopf apresenta uma declividade acentuada com cotas que vão de 200 a 900 m, entre a entrada do Parque e o ponto mais elevado. O Pico possui 936 metros e sua localização permite uma visibilidade do Vale do Itajaí, num raio de 360°, podendo-se avistar desde os contrafortes da Serra Geral, a oeste, até a foz do rio Itajaí no litoral. O acesso até o topo do pico é relativamente fácil e sua escalada tem sido realizada por diferentes grupos de pessoas: turistas, aventureiros, pesquisadores e estudantes.

A região do entorno e do Parque Ecológico Spitzkopf, compõe-se de fragmentos da Floresta Ombrófila densa (Mata Atlântica), bastante preservados e com áreas de mata nativa. Esta é uma das regiões remanescentes dessa floresta em Santa Catarina. O Prof. Roberto Miguel Klein, (1978, p.170) conceituado botânico catarinense, encontrou na área do Spitzkopf, uma planta, na opinião dele muito rara e endêmica da Mata Atlântica de encosta: o araçazeiro, da família Myrtaceae, à qual ele deu o nome científico de *Eugenia schadrackiana* Legr, (numa homenagem ao Sr. Udo Schadrack).

A hidrografia da área do Spitzkopf alimenta uma das principais bacias para captação de água no município de Blumenau. O principal curso d'água é o Ribeirão Caeté, que nasce nas proximidades do pico e atravessa todo o parque. Este possui duas das cascatas: à montante, a Udo Schadrack com cerca de 4 m de queda e a Ferdinand Schadrack, à jusante, com cerca de 10m. Várias outras pequenas corredeiras acompanham todo o curso do Caeté. Outros cursos também possuem cascatas: a principal, com cerca de 40 m, localiza-se à montante do Ribeirão do Ouro.

Portanto, todos estes fatores, por si só, somados à infraestrutura turística, fazem do Spitzkopf um importante atrativo turístico para Blumenau. Porém, alguns aspectos históricos do Parque e da região poderiam ser utilizados para enriquecer a experiência do visitante. O patrimônio histórico do Spitzkopf é vasto e diversificado e precisa ser resgatado. Além do histórico da área, das famílias que ali residiram, das escaladas, da fundação do Spitzkopfclub existe um acervo da história natural fantástico. Utilizar a história como atrativo turístico é uma ferramenta para preservar a

memória e para sensibilizar o visitante.

Uma primeira estratégia que pode ser utilizada pelo Parque é resgatar a história da primeira escalada ao Pico do Spitzkopf - comemorada a cada ano no mês de junho por um grupo com uma outra escalada - onde os fatos podem ser apresentados aos visitantes através de murais, painéis, folder e até, oralmente, por guias treinados. Parte desse acervo iconográfico está com o proprietário e outra parte pode ser recolhida com os familiares dos primeiros escaladores que ainda moram no município. Existe também um importante acervo de cunho científico por parte das universidades que podem ser recuperados.

Uma segunda estratégia é a estruturação de um Roteiro Turístico, algo como: “Os Caminhos de Fritz Muller no Vale do Itajaí”. Neste roteiro pode-se incluir a visita ao Museu Fritz Muller e alguns dos locais onde ele realizava as coletas para as suas pesquisas, inclusive o Spitzkopf.

Planejar e implantar roteiros turísticos é uma tarefa de caráter interdisciplinar que pode ser desenvolvida por acadêmicos e professores da área nas instituições de ensino da região. No entanto, a estruturação do roteiro envolve muito mais que a pesquisa. É necessário algum investimento financeiro. Estes recursos podem ser captados em diferentes órgãos públicos e empresas privadas. Fica também a sugestão de reestruturar o antigo Spitzkopfkclub que poderá colaborar com o Parque em vários aspectos.

O Parque Ecológico Spitzkopf foi fundamental para a conservação do patrimônio natural. A visitação do Parque tem representado uma importante estratégia de educação ambiental para os mais diferentes públicos. No entanto, a história da área é um patrimônio histórico que precisa ser resgatado. A riqueza histórica pode e deve ser utilizada como estratégia de sensibilização e conscientização ambiental.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARDOSO, L. *Jornal de Santa Catarina*. Caderno A, 11-12/06/95, p.4, col.1-3
- COSTA, J.P. de O. Reserva da Biosfera da Mata Atlântica. In: SCHÄFFER, W.B.&PROCHNOW, M.(Org.) *A Mata Atlântica e você: como preservar, recuperar e se beneficiar da mais ameaçada floresta brasileira*. Brasília: APREMAVI, 2002.
- FERREIRA, C. Entrevista concedida a autora em fevereiro de 2004.
- HOLLENWEGER, R. O Spitzkopf. *Blumenau em Cadernos*. outubro, 1994. n. 10. p. 314

KLEIN, R.M. **Contribuição ao conhecimento da flora e da vegetação do Vale do Itajaí, Santa Catarina.** Sao Paulo : 1978.

KORMANN, E. **Blumenau: arte, cultura e as histórias de sua gente (1850-1985).** Florianópolis: Paralelo 27, 1984.

PAPROCKI, 2004. Entrevista concedida a autora em janeiro de 2004.

PROCHNOW, M.(Org.) **A Mata Atlântica e você: como preservar, recuperar e se beneficiar da mais ameaça da floresta brasileira.** Brasília: APREMAVI, 2002.

SCHMITT, V.P. **Parque Nacional da Serra do Itajaí.** Disponível em: http://www.acaprena.org/noticia_parque_nacional.htm acesso em 23/09/03.

SEVEGNANI, L. Vegetação da Bacia do Rio Itajaí em Santa Catarina. In: SCHÄFFER, W.B.& PROCHNOW, M.(Org.) **A Mata Atlântica e você: como preservar, recuperar e se beneficiar da mais ameaça da floresta brasileira.** Brasília: APREMAVI, 2002.

SEVEGNANI, L. **O incêndio no Spitzkopf.** *Jornal de Santa Catarina.* Cad. A, 11, 12/06/95, p.4, col.1-3

WANDALL, WJ. Spitzkopf, o mirante do Vale do Itajaí. **Blumenau em Cadernos.** Julho, 1992 – n. 7. p. 202-205.

NOTAS DE FIM

1 A nomenclatura Parque Ecológico não se enquadra em nenhuma categoria de área protegida ou unidade de conservação. A área do Parque foi inicialmente registrada como Parque de Caça, mas esta categoria já não existe mais na legislação brasileira.

2 Reservas da Biosfera são porções de ecossistemas terrestres ou costeiros que recebem um plano especial de gestão e manejo sustentável, segundo critérios adotados internacionalmente, através do Programa MaB – *Man and Biosphere* (O Homem e a Biosfera) criado em 1971 pela UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. A Reserva da Biosfera da Mata Atlântica, foi a primeira reconhecida pela UNESCO no Brasil, em outubro de 1991. Sua gestão e implantação é feita por 20 membros governamentais e 20 da sociedade civil e Comitês Estaduais, igualmente paritários. (COSTA, 2002, p.125-126)

3 Uma outra versão da escalada ao Pico do Spitzkopf é apresentada por José Deeke, num conto. O autor relata que numa das tentativas de escalar o pico com um grupo de amigos, estes avistaram uma anta. Como o animal era muito caçado na época, eles resolveram abate-lo. Porém, o golpe do machado não acertou a anta e como o autor tinha agarrado suas orelhas, foi carregado pela mata adentro pela anta e esta o levou até o Pico do Spitzkopf. (FERREIRA, Cristina, 2004)

4 A caça aos bugres a que refere-se Korman, segundo a historiadora Cristina Ferreira, foi empreendida pelos colonizadores do Vale do Itajaí com o intuito de impedir o ataque dos

índios às propriedades rurais dos imigrantes que, por sua vez, formavam expedições de exploração da mata nativa e também contratavam os bugreiros ou caçadores de bugres para afugentar e, na maioria dos casos, exterminar os indígenas da região. Este confronto entre brancos e índios foi duradouro (1850-1914) e deixou um rastro de morte para a história da comunidade indígena regional.

5 A partir da criação do Parque de Criação e Refúgio a área do Spitzkopf passou a ser chamado de Parque Ecológico. Salienta-se, portanto, que esta nomenclatura é um nome fantasia, pois não existe nenhuma regulamentação desta categoria como unidade de conservação ou área protegida.

6 Consta nos registros do Livro de Visitantes do *Spitzkopfklub* que Udo Schadrack, em notas redigidas por ele mesmo, mais de uma vez, a sua preocupação com a proteção do Parque. Chegou a publicar no Jornal A Nação, as suas dificuldades e a sua intenção de proteger o Parque a qualquer custo, mesmo que tivesse que doar as terras para formar um Parque Nacional. Segundo estes mesmos registros, ele só não doou a área porque não tinha sérias dúvidas de que o poder público conseguisse garantir a sua proteção.

7 Fritz Muller, botânico alemão, veio para Blumenau em 1852 e efetuou diversas pesquisas e catalogou várias espécies, algumas novas. Uma das suas mais importantes contribuições foi a correspondência que estabeleceu com Charles Darwin. (KLEIN, 1978, p.10-11)

8 Natural de Blumenau, foi diretor do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e se interessava pela pesquisa da canela-sassafrás e de plantas medicinais. (KLEIN, 1978, p.13)

9 Fundador do Herbário Barbosa Rodrigues, em Itajaí.

10 Botânico e ecologista chefe da equipe de Ecologia do Herbário Barbosa Rodrigues, Itajaí, autor da coleção Flora Ilustrada Catarinense. (KLEIN, 1978, p.15).

12 Estes pesquisadores descobriram na área do Parque Ecológico Spitzkopf uma espécie de mosca da família Blephariceridae, que, pelos estudos realizados, dataram sua origem em 500 milhões de anos atrás. (WANDALL, 1992, p. 205)

13 O pesquisador Henrique Paprocki esteve novamente no Parque em novembro de 2003 e coletaram “insetos das ordens Plecoptera e Ephemeroptera que são exclusivamente aquáticos, vivendo em riachos. Espécies novas foram encontradas e estão em processo de descrição”. Paprocki lembra ainda que “Fritz Muller coletou e descreveu Trichopteras da área, portanto é uma área muito importante historicamente para pesquisa em Trichoptera, pois os tipos (espécimes depositados em museus quando uma espécie nova é descrita) de espécies descritas por ele foram coletadas ali e ainda há populações remanescentes. Algumas provavelmente somente em fragmentos de mata atlântica como aquele”. (PAPROCKI, 2004)

14 Segundo informações do Parque. As frases escolhidas no concurso foram colocadas em placas na área do Parque com identificação do autor e da data.

G.E. Olímpico

Dr. Walmor E. Belz

Esporte & Lazer

Campeão da Liga
Blumenauense de
Futebol em 1949

O G.E. Olímpico amargava um jejum de 6 anos sem ganhar um título. O último fora em 1943, com uma equipe que fez sucesso. Em 1949, o novo presidente Dr. Martins Xavier conseguiu montar um esquadrão combativo, disciplinado e entusiasta, com reforços de fora, ex-juvenis, além de remanescentes experientes da equipe vice-campeã em 1943, comandada agora pelo técnico José Pêra.

O campeonato da Liga B. D. começou em 29/05/1949, com o Olímpico conseguindo uma vitória sobre o Carlos Renaux, de Brusque na baixada. Mas em 05/06/1949, jogando em Brusque contra o Paissandu, perdeu de 3 a 2. A seguir, jogando em Gaspar contra o Tupy, venceu de 4 a 0. A equipe ia criando confiança e enfrentando o Guarani no alçapão da Itoupava Norte, venceu de 5 a 2.

Agora saindo o “clássico das multidões”, Olímpico versus Palmeiras. Em 17/07/1949, cidade agitada, café Pingüim reduto palmeirense e café Polar quartel general grená em ebulição. O Olímpico venceu por 4 a 2. Delírio, festança, desfile na Rua XV de Novembro. Buzinaço.

Em seguida viria o retorno do campeonato. O Olímpico venceu o Guarani por 3 a 1.



Na baixada em pleno estádio do Olímpico, decepção com um empate de 0 a 0 com o Paissandú. Expectativas e apreensões, mas com uma boa recuperação contra o Tupy por 3 a 2.

No embate com Carlos Renaux de Brusque e nova derrota por 4 a 3. A torcida grená já estava preocupada. As esperanças com a vitória em eterno clássico, “o derby da cidade”, Olímpico 3, Palmeiras 1. Festa na baixada. Desfile na Rua XV.

Faltaria agora um melhor de 3 partidas contra o temível Paissandu. O jogo em Brusque terminou em um empate de 2 a 2. Aguardada a grande decisão no estádio da baixada. Estádio lotado. Efervescência, todos os ingredientes para uma batalha final. Misto de temor e respeito pelo adversário, mas a confiança e fé na equipe. Venceu o Olímpico por 4 a 2. Atuação exemplar. Novo delírio da torcida grená. Ecoou o grito da vitória que estava engasgada desde 1943.

Euforia alucinante da torcida grená. Fogos, desfile. Festança na baixada. G. E. Olímpico campeão da L.B.D. de fato, de direito e disciplina. E o clube agora sob a presidência de Werner Eberhardt e comando técnico de Carlos Campos Ramos, o popular Leleco.

Os Heróis: Oscar Meyer – goleiro
Aduci Vidal – zagueiro
Arecio Ávila dos Santos – zagueiro
Arthur Jaeger – zagueiro
Curt Jaeger – meio campista
Amauri Pacheco – lateral direito
Honrio Mayer – meio campista
Jalmo Hipólito da Silva – meio campista
Eli Rosa Testinha – ponta direita
Nicolau E. dos Santos – meio direita
Juarez Teixeira – centro avante
Walmor E. Belz – meio esquerda
Moacir Massita Werner – centro avante
René Nadelli – ponta esquerda
Valdir Luz – goleiro
Carlos Campos Ramos, Leléco – técnico
José Pêra – técnico.



Acidentes do trabalho nas fábricas de Blumenau (SC)

Prof. Lourenço Mário Prunes¹

Fragmentos da
nossa história local

Os originais do texto que ora publicamos encontram-se no acervo da Biblioteca de Apoio do Arquivo Histórico José Ferreira da Silva². Trata-se de um diagnóstico de interessantes informações relacionadas aos acidentes de trabalho nas fábricas de Blumenau, além de outras informações relacionadas à cidade. Os dados foram coletados entre os anos de 1963 a 1965, na gestão do então prefeito da época Sr. Hercílio Deeke pelo Professor da Faculdade de Filosofia (cadeira de Geografia Humana) e Instituto do Direito do Trabalho, da Faculdade de Direito - Universidade do Rio Grande do Sul), Doutor Lourenço Mário Prunes.

O interessante nestas anotações é o registro de uma época, que se a compararmos os dados com a contemporaneidade, o quanto o perfil da cidade mudou consideravelmente, neste últimos quarenta anos. Basta partir do referencial demográfico, que passou dos 47.740 para uma população de 275 mil habitantes. Vamos ao diagnóstico.



¹ Prof. Lourenço Mário Prunes - Faculdade de Filosofia - Cadeira de Geografia Humana, e Instituto do Direito do Trabalho, da Faculdade de Direito - Universidade do Rio Grande do Sul.

Infortunistica e agressividade do ambiente

Verificando os resultados da pesquisa em três fábricas (outras estão sendo apuradas) logo se evidencia a importância da agressividade do ambiente de trabalho, em relação aos eventos danosos. Numa fábrica de cristais, na qual se lida até com materiais candentes, - a percentagem de acidentes, em relação ao total de trabalhadores, chega a 15% (número em decréscimo, de ano a ano, o que mostra o relevo da prevenção); numa fábrica de gaitas, onde os trabalhadores se dedicam às tarefas mais leves, o percentual de acidentes cai para 3,7%; enquanto que numa malharia os índices se mantêm em níveis moderados (5,1%).

Influência dos períodos de trabalho

Só grandes números, com exame, sobretudo das horas, - indagando, por ex., há quanto tempo o operário laborioso operava quando se acidentou, - poderá dar uma explicação satisfatória no tocante à frequência de acidentes em determinados períodos. Contudo, percebe-se maior ocorrência no período da manhã. Na fábrica de Cristais Hering, somando os acidentes de 1963/64/65, encontramos 246 pela manhã, contra 142 à tarde; na Fábrica de Gaitas Alfredo Hering, no mesmo período, 90 contra 48; na Sul Fabril, só em 1965, 14 pela manhã e 8 à tarde. Tais dados precisam ser aprofundados; é o que pretendemos fazer, para explicar se realmente existe ou não desequilíbrio de frequência entre a atividade matutina, vespertina e, conforme o caso, noturna.

Frequência anual dos eventos danosos

O normal seria que os números globais se mantivessem sempre os mesmos, de ano a ano, em relação ao número de trabalhadores. Contudo, a experiência mostra que é possível obter ótimos resultados através de cuidados e campanhas preventivas. Na Cristais Hering, por ex. tivemos oportunidade de testemunhar uma série de providências de natureza preventiva, a começar pela proibição de visitas (estas distraem os operários muitas vezes em instante de labor delicado e perigoso). Cartazes, emulação entre secções, etc. Os seguintes números 1963-187; em 1964-118; em 1965-83, mostram como Cristais Hering conseguiu reduzir o número de acidentes.

Finalidades desta pesquisa

Pretendemos reunir mais de 5000 dados a respeito de acidentes, em diferentes regiões geográficas e fábricas de atividades variadas. Será estudo com amplo embasamento geográfico e ao mesmo tempo jurídico, mas visando a um fim útil. Pesquisa desinteressada terá, contudo, o mérito, acreditamos - de convenção.

Conversando com patrões e operários, procuraremos extrair dados que, somados aos dos números, facilitarão a interpretação das frequências, com suas alternativas horárias, diárias, mensais e estacionais, em relação às atividades do homem que sofre o desastre. No acidente, a reparação monetária significa muito para o operário; mas, o mais importante é assegurar a incolumidade do corpo, seja um simples dedo.

Sobre Blumenau e arredores

No curso de minhas pesquisas tomo inúmeras notas, para auxiliar, no final, meus estudos e conclusões. Arrolo abaixo algumas, acompanhadas de leves comentários, escritos ao correr da máquina. São divulgadas, antes do trabalho definitivo, como homenagem aos que gentilmente me prestaram informes, necessários às minhas pesquisas.

O “cascudo” aqui é limpinho e vira sopa

No Rio Grande do Sul, no geral, quando o cascudo, por descuido, cai no anzol, é atirado fora, porque tem fama de barrófilo. Aqui em Blumenau há criações de cascudo; por essa forma o peixe fica limpinho e, às quintas, comparece, transformado em caldo, aliás delicioso, nas mesas de “lampião” e às terças no “Caça e Tiro”. Mas o melhor é que, além de alguns cascudinhos fritos e ensopados, vem um prato com farinha, para misturar na sopa. O prato é ótimo, e se o preço não é ótimo, é bom.

Desemprego em Blumenau

Inúmeros industrialistas, respondendo ao questionário que formulei, tornam certo que há desemprego em Blumenau. A mesma informação me prestaram líderes sindicais, que comigo se reuniram em “mesa redonda”. Contudo, acredito que o desemprego seja moderado.

Subemprego

Não seria lícito pôr em dúvida os informes que recebi a respeito do desemprego. Contudo, tenho uma observação valiosa a respeito do subemprego: em Blumenau não existem lavadores de automóveis, desses que encontramos nas grandes cidades (em Porto Alegre são praga) e mesmo em comunidades urbanas de tipo médio. Para lavar um automóvel, aqui, só mesmo nos postos de lubrificação. Certo dia, vi um rapaz novo, lavando um automóvel. Entendi que estava resolvido o meu problema (muitas vezes eu mesmo passo um pano no meu "Simca") e lhe pedi que, depois, lavasse o meu. A resposta foi um tanto desconcertante: "Eu só lavo o meu!". Como é fácil de calcular, tive que me desmanchar em desculpas.

Vendedores de Bilhetes de Loteria

Os vendedores de bilhetes de loteria (ambulantes) são todos crianças, quando muito adolescentes. Não vemos aqui o espetáculo, comum em quase todas as cidades, principalmente nas capitais, de homens válidos, - até imigrantes recém chegados, - quererem nos impingir uma "sorte grande".

Colaboração e espírito público

Em Blumenau recebemos ampla e total colaboração de todos. Aliás, de conformidade com o critério que sempre observamos nas nossas pesquisas, pedimos apenas que nos prestem informes, preenchendo os formulários que apresentamos, os quais servirão depois para a organização das fichas. Entramos em contato com cerca de 50 entidades, algumas oficiais, a maior parte particulares, recebendo de todos os dados e informes de que necessitávamos. Alguns, como o comando do 23º Regimento de Infantaria, excederam-se em zelo e boa vontade: os informes prestados a respeito de mais de 200 soldados, com cerca de dez minúcias individuais, a começar pelo peso e altura (o que representa quase 2 mil dados diferentes), primam pelo capricho, escrúpulo e exatidão. O mesmo fizeram inúmeras fábricas e escolas, a começar pela Empresa Industrial Garcia que preencheu relação semelhante à fornecida pelo 23º R. I. Outras fábricas nos deram espontaneamente outros informes, como aconteceu com a Sul Fa-

bril e Altona (o encarregado do setor trabalhista da última nos deu uma relação completa, a começar pela idade, dos empregados casados, número de filhos, etc).

Colaboração na pesquisa sobre acidentes

A mesma boa vontade e espírito de colaboração se manifestou em relação a esta segunda pesquisa. A fábrica de Gaitas Alfredo Hering S.A. e a Cristais Hering S.A. organizaram relações com todas as minúcias pedidas e até mais alguma coisa, que ajuda a bem compreender e a interpretar os números. Apenas registramos uma negativa: uma única fábrica nos explicou que por motivo de acúmulo de serviço, não podia nos fornecer os informes solicitados. A negativa é um direito respeitável. Note-se, contudo, que o mencionado estabelecimento tem sede no Rio de Janeiro.

A porcelana quase não agride os operários

Visitamos duas fábricas de porcelana: uma nos arredores de Blumenau, a Condessa, outra em Pomerode, a Schmidt. Em ambas, com a participação percentual muito alta de mulheres, vimos verdadeiras obras de arte. Dada a natureza do trabalho, é baixo o índice de acidentes, quer numa quer noutra (a primeira tem cerca de 100 operários, a segunda mais de 800).

Zoológico familiar

Por falar em Pomerode, na cidade encontramos um jardim zoológico particular, mantido pela família Weege. No caso, não se trata de uma ostentação burguesa, mas traduz cultura. Nele encontramos não apenas muitos dos nossos animais silvestres, mas também leões africanos e ursos russos.

Em Uruguaiana (RS), na estância da família Beleza, também existia um jardim zoológico, que não sabemos se foi mantido por seu atual proprietário, o ex-embaixador e deputado Baptista Luzardo.

Será o cristal candente, que provoca os gritos?

A Cristal Hering, inclusive por motivos de segurança, não permite normalmente visitas. A distração dos operários pode resultar em acidentes. Graças a esta e outras medidas adotadas, caíram, nos últimos anos, os índices de infortúnios.

Honrado com um convite para visitar a fábrica (exceção que muito nos penhorou), observamos atentamente todas as operações, desde a de soprar, até a lapidação. O barulho das máquinas é relativamente moderado. Contudo, chamou-nos a atenção um fato, muito repetido: de vez em quando os operários gritam; por vezes forma-se como um coro.

Dada a ordem e disciplina, que logo se percebe ao penetrar nos salões de trabalho, estranhamos aquelas exclamações, sem causa aparente. Contudo, soubemos que o mesmo acontece nas fábricas de cristal da Europa, onde encontramos os mestres da cristalaria. Até estudos especiais já foram feitos a respeito. Não sabemos da explicação. Para nós persiste o mistério; parece mesmo que ninguém atina com a gênese do fato. Será o lidar com o cristal incandescente? Ou será que ao fogo se somam fatores psíquicos, para provocar aquela explosão de gritos?

Apenas um francês, entre 250 nomes de alemães

Nas nossas pesquisas a respeito das ascendências da gente de Blumenau visitamos cinco cemitérios, tendo pesquisado mais de 3.000 lápides tumulares (Renovamos a pesquisa em dois, porque se evidenciou a imperfeição do método de amostragem).

Como uma espécie de contra-prova procurei um cemitério mais afastado, fora de Blumenau, a cerca de cinco quilômetros de Pomerode, área de densa colonização germânica e que se desmembrou do Município-mãe: em mais ou menos 250 túmulos, apenas encontramos duas lápides com patronímico não germânico – “Laffin” (ambas da mesma família). Presumo que a origem seja francesa, como o é a de família com o mesmo apelido, que morou em Alegrete (RS) e que mais tarde se transferiu para Porto Alegre.

Comidas e preços

Em Blumenau se encontra muita coisa mais cara que em Porto Alegre. Contudo, um turista bem informado ou ladino pode fazer a bolsa espichar. No restaurante do “Clube Blumenauense de Caça e Tiro”, por exemplo, além de se ter um ambiente fino e agradável, com um magnífico panorama sobre um cotovelo do Itajaí, come-se bem e barato. Codornas, marrecos, perus, coelhos, são servidos a preços muito inferiores aos de Rio, São Paulo ou Porto Alegre.

Também no “Toenjes” a comida é boa, sem ser cara, recomendamos os cremes (de aspargos, ervilha, palmito) e a canja. Para os paladares mais fortes ou complicados há o “Berliner Eisbein”, que pode ser depois arrematado com um “Apfestrudel”.

Culinária gauchesca

O churrasco e o galetto, como projeção da culinária gauchesca (o último é ítalo-riograndense) são encontrados em quase todos os restaurantes, mas sempre acompanhados de enorme séqüito. No “Continental”, por ex., este é o acompanhamento: 1) polenta; 2) farofa; 3) salada de repolho; 4) batata com maionese; 5) tomates; 6) pepinos; 7) arroz (no geral bom, soltinho). E umas fatias de pão.

A GENTE DE BLUMENAU (SC)³

Pesquisamos nomes em cinco cemitérios

Visando a obter elementos para auxiliar o estudo da ascendência étnica dos habitantes da cidade, visitamos cinco cemitérios: o Evangélico do Centro, o Católico, o Municipal, o Evangélico de Itoupava e o do bairro da Velha.

Examinamos os dizeres de 2500 lápides, nas quais predominavam nomes de família inteiramente germânicos, pois não chegaram a 300 os nomes genuinamente lusos (ainda estamos apurando o material). O maior número de patronímicos fixou-se no cemitério Católico (mais ou menos

150 em 500), e o menor no Evangélico do centro (1 em 500, dependendo ainda em nova conferição).

Os patronímicos e a miscigenação

A simplificação dos nomes, no geral os indivíduos adotam apenas o nome pessoal e o paterno, o que não permite fazer uma idéia a respeito da miscigenação. Essa simplificação se percebe nas lápides tumulares e em outras fontes; guias telefônicos e relatórios oficiais podem ser apontados como exemplo das mesmas. Talvez a melhor fonte seja o arquivo eleitoral; infelizmente não teremos tempo para examiná-lo. Aliás, a parte nuclear das nossas pesquisas já é por demais vasta, pois abrange ainda o nível de vida e acidentes do trabalho. As demais pesquisas são colaterais, e aproveitam o material extraído para o objetivo central.

Católicos e protestantes em números

Conferindo fichas de alunos pertencentes a sete escolas de grau médio e elementar (do Estado ou Município, pagas umas, outras particulares), encontramos 713 católicos, 276 protestantes (sobretudo evangélicos) e 14 de outras religiões.

No efetivo de 954 operários de 7 fábricas (os números totais mostram divergência, conforme a natureza dos dados, porque a pesquisa se torna por vezes mais extensa, no tocante a alguns aspectos. Registramos 656 católicos, 281 protestantes e 15 de outras religiões. No cômputo final a respeito de 2.029 pessoas: católicos 1.419 (69,9%), protestantes 579 (28,6%) e crentes de outras religiões 31 (1,5%).

Creemos que essas percentagens definem numericamente pelo menos os dois principais grupos: teríamos, assim, na cidade de Blumenau, 41.900 católicos e 17.100 protestantes, principalmente evangélicos.

Estancou-se o celeiro imigratório

Blumenau foi colonizada por imigrantes que, no decorrer de pouco mais de 100 anos, se expandiram numericamente, dominando sob o ponto

de vista demográfico o Vale do Itajaí. Contudo, aos poucos foi diminuindo a imigração, até que praticamente se estancou. Os estrangeiros, isto é, as pessoas nascidas em outras terras, são hoje apenas algumas centenas. Em 2.254 pessoas pesquisadas encontramos 20 alienígenas; 6 nas escolas, 13 nas fábricas e em estabelecimento bancário apenas 1.

Os gaúchos também andam por aqui

Na pesquisa referente à naturalidade encontramos 97% de catarinenses. Os filhos de outros Estados integram pouco mais de 2%, em sua maioria paranaense e gaúcha. Os rio-grandenses do sul preferem o oeste catarinense e paranaense onde encontramos no mínimo sete cidades com população em sua maioria gaúcha. Entre 1.300 pessoas residentes em Blumenau identificamos 17 gaúchos: 9 nos colégios, 6 nos bancos e 2 no exército.

Fiéis sobre duas rodas

Na missa de Domingo de Ramos, na Igreja de Itoupava Seca (Católica), estavam presentes 750 fiéis; na frente e ao lado do templo contamos 20 automóveis, 18 motos e lambretas e 405 bicicletas; Mais da metade da gente que assistia à missa locomovia-se sobre duas rodas. Também contamos a Procissão de Sexta-feira Santa, admirável espetáculo de fé, e ao mesmo tempo de ordem e disciplina, que se prolongava por mais de um quilômetro (os participantes desfilavam em duas fileiras laterais, de dois em dois), contamos quase 6.000 pessoas, sem incluir os assistentes das calçadas. Cor da pele dos desfilantes: 5.600 brancos (95,5%) e 260 pretos e pardos (4,5% - percentagens arredondadas).

As bicicletas do Vale

Várias publicações atribuem ao Vale do Itajaí cerca de 100 mil bicicletas, concentradas, sobretudo em Joinville, Blumenau, Itajaí e Brusque. As estatísticas que encontramos são precárias, o que em parte se explica porque as bicicletas não pagam imposto. Começamos a abrir uma picada, para auxiliar outras pesquisas: entre 1.000 operários pesquisados encontramos 80% com bicicleta e 20% a pé.

Gente da terra no Exército

Entre 207 soldados pesquisados (incluindo poucos oficiais, sargentos e cabos), mais ou menos 37%, são lavradores na vida civil. Também não é pequeno o número de tecelões fardados. Os soldados, lavradores na vida civil têm um peso médio superior aos dos soldados em geral (sempre do 23º Regimento de Infantaria).

Origem rural

Entre 2.270 pessoas pesquisadas, 1.865 sempre viveram na cidade (74,2%), enquanto 585 vieram do meio rural. As maiores percentagens de rurícolas encontram-se entre operários e militares.

Cor dos cabelos e da pele

Durante um culto na Igreja Evangélica de Itoupava Seca (mais ou menos 6 quilômetros do centro) estavam presentes 160 crianças de menos de 10 anos: 130 eram loiras e 30 de cabelos castanhos.

Na pesquisa referente à cor da pele, além dos dados contidos em fichas, que incluem cerca de 2.500 pessoas de todas as idades, contamos mais de 24 mil pessoas, em lugares e horas diferentes (mais de um terço da população da cidade). Entendemos, com as devidas reservas (até apuração final), que a percentagem de pessoas de cor, na área urbana, é de 4% em relação à população total.

A fábrica de chapéus

Em Blumenau, como acontece hoje em quase todas as cidades, os homens em imensa maioria andam sem chapéus. Contudo, há ainda um setor que abriga a cabeça: os homens que se transportam em bicicleta em bom número andam de chapéu. São trabalhadores que no geral fazem longos percursos, e não raro, sob a chuva.

Também outro uso generalizado é o das capas sumárias, improvisadas com plástico ou outro material impermeável. Sabendo da existência de uma fábrica de chapéus em Blumenau, fomos procurar colher informações sobre seu mercado de vendas. Infelizmente, encerra suas atividades⁴.

Técnica de 2.000 anos, dominada em menos de 10 anos

Nas fábricas de Blumenau testemunha-se a cada instante a capacidade do homem brasileiro, sem distinção de origens étnicas. A indústria do vidro, que na Europa constitui patrimônio de 2.000 anos de esforços e de cultura, no “vale verde” chegou a requintes magníficos de arte. Os operários técnicos da “Cristais Hering S.A.”, dos sopradores aos lapidadores, recebendo herança trazida pelos imigrantes, em menos de 10 anos se equiparam aos mais excelsos mestres.

Acidentes do trabalho

Na fábrica “Sul Fabril S.A.”, com 348 operários, ocorreram no ano de 1965 dezoito (18) acidentes de trabalho. Registraram-se 8 pela manhã, 7 à tarde e 1 à noite. Os ferimentos assim se distribuíam: nas mãos, 11; nas pernas, 2; nos pés, 2. Sintomas na coluna ou dores lombares 3. Predominaram os cortes, furos, esmagamentos e espetadas nos dedos.

Peso comparativo entre escolares, jovens civis, militares e operários

Eis alguns dados selecionados, fornecidos sem o rigor de trabalhos técnicos: “Pelotão” de jovens com muito peso – Pessoas de 19 anos – Entre os 10 soldados mais pesados encontramos a média de 74 quilos e 800 gramas; entre os 10 operários homens (sempre de 19 anos) mais pesados, 69 quilos e 900 gramas; entre as 10 operárias mais pesadas (sempre de 19 anos) – média de 60 quilos e 200 gramas. Soldado mais pesado do “pelotão” – 80 quilos; operário mais pesado – 79 quilos; operária mais pesada – 66 quilos.

Na massa de 1.000 estudantes pesquisados, com idades predominantes de 13 e 18 anos, os três com maior peso físico foram encontrados no Colégio Santo Antônio (14 anos 79 quilos), Sagrada Família (moça com 19 anos e 71 quilos e 800 gramas) e Colégio Pedro II (moço com 18 anos e 87 quilos).

Entre os 10 soldados mais pesados encontramos a média de 74 quilos e 800 gramas; entre os 10 operários homens mais pesados, sempre de 19 anos, a média é de 69,900; entre as 10 operárias mais pesadas, média de 60,200.

A “Turma” dos ultra pesados, entre 969 operários – Os 10 operários mais pesados (um em cada fábrica) apresentam a média individual de 90, 200 k. Dois têm 98 quilos: um na Eletro Aço, com 22 anos e 1,82 de altura, outro na Kuehnrich, com 1,74 de altura e 36 anos.

O fisco lambe os beiços em Blumenau

Compulsando os últimos dados estatísticos, concluímos que a gente de Blumenau (1965), paga aos três fiscos, por ano e per capita, Cr\$ 230.000. Quanto produzirá a cidade, por ano e por cabeça? Vamos investigar?

Estamos procurando estabelecer uma relação entre o que produzem as indústrias e quanto pagam anualmente de imposto. O resultado nos daria pelo menos uma boa senda.

NOTAS DE FIM

2 Os originais deste trabalho encontram-se na Biblioteca de apoio do A. H. J. F. S. (CR331.2596. P972a)

3 Fica aqui consignado o nosso agradecimento às direções das escolas Sagrada Família, Pedro II, Santo Antônio, Machado de Assis, Santos Dumont, Celso Ramos e Luiz Delfino, pelos valiosos informes que nos prestaram. E ainda, à direção das fábricas Eletro-Aço Altona S.A., Empresa Industrial Garcia S.A., Malharia Blumenau S.A., Cristais Hering S.A., Tecelagem Kuehnrich S.A., Sul Fabril S.A. e Porcelana Condessa S.A. pelos valiosos informes.

4 As notas que se seguem resultam de dados parciais, extraídos de fichas em início de apuração, e dependentes de mais acurada análise. Divulgamo-las, antes do trabalho definitivo, como homenagem a todos os que facilitaram a nossa tarefa, a começar pelo Prof. José Ferreira da Silva, pesquisador ilustre, que realiza o milagre de arrancar da poeira dos arquivos a história viva do vale do Itajaí-Açu.

Greve de 1919¹

Fragmentos da
nossa história local

1) *Gazeta Blumenauense*, 02/07/1919, ano 2 (38), nº. 26.

A luta entre o proletariado e o capitalismo, que desde o fim da guerra mundial está se desenrolando no mundo inteiro, chegou até a nossa Blumenau. Na sexta-feira da semana passada os operários da Empresa Industrial Garcia foram ao seu gerente apresentar algumas queixas e reclamações, e sendo estas rejeitadas, apesar de serem bem justificadas, como nos parece, todo o pessoal da fábrica deixou o trabalho. Até a esta hora o caso não foi resolvido, continuando a greve na mesma.

2) A primeira greve em Blumenau. *Jornal do Comércio*, 04/07/1919, ano 3, nº. 2, p.3.

Entraram em greve os operários da Empresa Industrial Garcia, exigindo aumento de salários e melhores condições de trabalho. As negociações entre grevistas e o gerente da em-

¹ Este levantamento e transcrição literal foram extraídos do jornal "**Gazeta Blumenauense**" - 1919 - existente no acervo do AHJFS e gentilmente repassados para publicação em Blumenau em Cadernos pela Mestre em História Ellen Annuseck.



presa até agora não deram resultado. Ontem, os trabalhadores, homens, mulheres e crianças fizeram uma demonstração pacífica pelas ruas da cidade, parando na Rua das Palmeiras, onde foram realizados discursos em alemão e português.

3) Fim da greve. *Jornal do Comércio*, 08/07/1919, ano 3, nº. 3, p.3.

Terminou a greve dos trabalhadores da Empresa Industrial Garcia após uma duração de oito dias, mediante um acordo que satisfaz ao justo pedido dos grevistas que, não resta dúvida, gozaram da simpatia geral do público.

4) *Gazeta Blumenauense*, 09/07/1919, ano 2(38), nº. 27.

Fomos procurados por uma comissão dos operários da Empresa Industrial Garcia que se acham atualmente em greve pacífica. Esses operários – rudes e simples homens do povo – vieram procurar-nos e pedir o nosso concurso não só perante os seus patrões, como principalmente perante a opinião pública, pois que tinham a impressão de que as pessoas de posição de destaque e que poderiam ter imparcialmente auxiliado harmonizar a sua questão, que estavam em lado opostos, isto é, ao lado do Sr. Mendel, gerente da fábrica, talvez por amizade ou relações sociais, pois desejavam provar que não entraram nessa greve levianamente nem perfidamente e sim levados pela necessidade.

Declararam-nos que na verdade tinham entrado num acordo, mas como já tinham sido ludibriados por várias vezes pelo Sr. Mendel, pediram que lhes dessem o que foi combinado por escrito, que o Sr. Mendel se negou a fazer, e informados pela comissão os demais operários, esses declararam unanimemente que continuassem em greve. Contataram-nos depois sobre os vencimentos das diversas categorias de trabalhos que despertou bastante o nosso interesse meiado de compaixão.

Para prova, aí vão alguns exemplos. Um operário tecelar que trabalhou durante um mês, de manhã cedo até às 8h da noite, chegou a ganhar nesse mês a horrenda quantia de 98\$000, nos dias comuns fazia 68 até 75 mil réis por mês, é pai de família, mora em casa alugada sem ter terras para

poder plantar. Outro trabalhou diariamente 16h durante um mês e fez... 140\$000. Um operário da fundição, homem forte, faz mais ou menos por mês 75\$000, tendo família, gasta só na venda – o filho do Sr. Mendel é testemunha – 80\$000 sem contar as compras de roupa e sapatos.

Moças de 16 a 18 anos de idade, trabalhando 10h por dia no ar infernal de uma fábrica de fiação, ganham 1\$700 por dia sem comida, sendo este o vencimento maior ganho por moças. Outros ganham de 1\$200 a 1\$600 por dia, conforme a ocupação, não faltando das crianças que, contra todos os preceitos de higiene, saúde e moralidade, ganham aí uma ninharia em lugar de freqüentarem as escolas, que uma direção verdadeiramente democrata e que tivesse uma parcela de sentimentos de afeição para os seus subordinados, já a teria fundado para os filhos daqueles que constantemente ajudam, com seu suor e fadiga, a enriquecer patrões e gerentes.

Soubemos mais, que as latrinas se acham em estado deplorável e anti-higiênicos, acontecendo o mesmo como é fornecida a água para beber, apesar de tantas reclamações. Igualmente os operários se queixam de pouca segurança contra acidentes nos aparelhos (teares), como a não-existência de uma só pessoa com prática de enfermeiro para dar os primeiros socorros ou a completa falta de ligaduras e outros artigos necessários para socorrer nos incidentes em fábricas desse gênero.

Tudo o que foi aqui exposto- e acreditamos que seja a verdade nua e crua-, achamos que o Sr. Mendel tenha todo o motivo para procurar chegar a uma fórmula que pudesse fazer patrões e operários, em vez de tratar esses homens de trabalho com desprezo, como se fossem os seus escravos. De passagem lembramos que o filho do Sr. Gerente Mendel tem perto da fábrica uma casa de negócio, onde se vende tudo o que o homem simples e modesto precisa comprar; é verdade que não se obriga ninguém a comprar aí, mas coitado daquele operário que deixasse de comprar aí, a sua eliminação do rol dos trabalhadores não deixaria esperar por muito tempo. Para a parte do “emprego de crianças”, “higiene” e “segurança” contra incidentes, chamamos a atenção da autoridade competente.

Aqui em Blumenau estamos esquecendo por completo o que no mundo inteiro se está passando; ignoramos porventura que em toda parte os operários procuram melhorar a sua sorte por meio de diminuição das horas de trabalho e aumento dos vencimentos, ganhando tanto para poder

sustentar os seus, simples, modesta, mas fartamente! Pois é o que os operários da Fábrica Industrial Garcia pretendem, e por ser justo o pedido desses homens rudes, a simpatia da grande maioria da população de Blumenau está com eles e deseja que os chefes da referida fábrica, os Srs. Heuer Irmãos e seus outros consócios, tomam sobre sua própria responsabilidade em meio de acabar com essa greve pacífica, evitando com isso conseqüências mais graves, que a permanência da greve por muito tempo poderia produzir.

O FIM DA GREVE

Depois de ter alcançado uma vitória completa, voltaram ontem ao trabalho os operários da Empresa Industrial Garcia. Numa reunião entre o conselho fiscal e a comissão dos operários foi estipulada uma nova tabela, sendo aumentados os vencimentos 30 até 50%. As horas de trabalho foram diminuídas, sendo concedido em princípio o dia de oito horas. Crianças com menos de 14 anos só serão empregadas até o dia 30 de setembro e receberão, nessa ocasião, uma gratificação correspondente aos vencimentos de dois meses. Todas as outras reclamações, como “segurança contra incidentes” e higiene, “foram aceitas pelo conselho”.

Correspondências

Tradução Curt Heise¹

Correspondências
&
Tradução

Erfurt 19 de Agosto de 1841²

Meu caro amigo!

Certamente eu já teria respondido a sua gentil carta de 29 de julho, mas inúmeros negócios evitaram que me tornasse senhor do meu tempo. De sua carta eu infiro com satisfação, que o senhor não está avesso a colaborar comigo no meu laboratório químico. Considerando que o senhor não dispõe de prática na área química em grandes empreendimentos, não é motivo de preocupação; eu fatalmente prefiro dizer ser este o principal motivo de minha inclinação por sua pessoa, dando-lhe preferência a outros pretendentes. Os critérios que eu estabeleço no que concerne ao meu empreendimento são preferencialmente de ordem técnica – isto é – profundos conhecimentos na área química, uma visão clara (espiritualmente falando) e um acompanhamento prático. E isto colocado, eu tenho sobejos motivos a acreditar que eu não me engano quando espero encontrar estes predicados em sua pessoa.



¹ Tradutor e colaborador da Revista Blumenau em Cadernos.

² Estas correspondências foram publicadas em alemão no periódico Braunschweigesches Jahrbuch für Landesgeschichte Band 84, 2003.

A par desta capacidade que lhe é peculiar, tenho certeza que não terá problemas ou dificuldades em se familiarizar com os nossos trabalhos, do que colegas seus. Com amplos conhecimentos, que já atuaram em diversos ciclos de elaboração, e que quanto mais a isto tenham se dedicado, encontram dificuldades em se desligar e se acostumar com novas situações. Justamente na extraordinária variedade de preparados se manifesta a diferença entre a minha fábrica em vias de conclusão e as demais, assim como da necessidade de constantes e profundos estudos e pesquisas, justificando o seu desenvolvimento.

Porém, o motivo acima caracterizado não representa o único que me induz a dirigir a você preferencialmente. A atividade prática e intelectual de uma pessoa, não reflete apenas o seu valor. A primeira pergunta sempre tem sentido moral; e esta pergunta, no caso presente, reverteu em seu benefício.

No que concerne ao seu problema de audição, que normalmente é acompanhado de problemas periféricos, eu torço para que, no caso presente não atinja contornos desagradáveis, afastando a possibilidade de provocar uma alteração no meu modo de pensar e encarar as coisas.

E agora com referência às demais condições já palpáveis, tomo a liberdade de fixar lapso de tempo no qual eu contaria com sua colaboração, isto é: Contar 6 anos após a Páscoa. A sua remuneração nos primeiros anos será fixada nos seguintes termos (entende-se sem moradia, aquecimento, luz e alimentação) 200, no terceiro e quarto 250, no quinto e sexto ano 300 REICHSTAHLER. Para anos posteriores, ou eventualmente já antes, lhe seria garantido uma participação na rentabilidade do estabelecimento, cujo montante é prematuro fixar antecipadamente. No entanto estas condições são fixadas para lhe garantir os acordos firmados, evitando que eu possa modificá-los. Todavia me reservo modificações em sentido contrário. O senhor menciona em sua carta que as condições para um contrato com validade por vários anos é perfeitamente viável, quiçá vitaliciamente, encontrando de minha parte incondicional concordância e aprovo sua temeridade.

Não pretendo antepor nada, ao contrário, lhe assegurar que tanto o seu quanto o meu empenho será sempre levado em alta consideração. Uma vez encarado de sua parte com autêntica sinceridade e confiança as-

sim como o é de minha parte, tenho certeza que ambos não se arrependerão do passo dado.

Se casualmente o senhor não puder concordar com minhas condições, só peço que não faça uso dos assuntos ventilados. Num caso em contrário tenho em mente lhe abrir o conteúdo de meus desejos quanto ao seu ingresso. Eu lhe comunico que o seu ingresso possivelmente não será possível antes do Ano Novo ou Páscoa; porém sou de opinião que seu auxílio já neste momento, seria de grande valia, razão porque desejo desde já vê-lo em minha companhia.

Acima de tudo aguardo sua explícita resposta positiva e permaneço no ínterim com a maior consideração. O seu atencioso.

H. Trommsdorff.

3). V. H. Trommsdorff/Erfurt

Erfurt, 18 de outubro do ano de 1841.

Meu caro Sr. Blumenau!

Ainda lhe devo uma resposta a sua prezada carta de 13 de Setembro do ano de 1841, da qual infiro com prazer que o senhor está decidido a prestar a sua colaboração ao meu estabelecimento. Referente a um ponto pouco claro concernente ao seu emprego, gostaria de destacar que os valores inerentes ao seu ordenado incluem alojamento, alimentação de aquecimento.

A sua residência estará localizada em um prédio novo; quanto à alimentação e outros pontos eventuais serão discutidos verbalmente entre nós. Eu finalizo com o pedido de me recomendar tão logo for possível, ao senhor conselheiro Brandes. Eu o cumprimento em clima de amizade e grande estima.

H. Trommsdorff

De: H. Blumenau, Braunschweig.

Braunschweig, 2 de Janeiro do ano de 1842

Meu caríssimo Sr. Trommsdorff!

Pela presente tomo a liberdade para lhe anunciar que na data de ontem cheguei aqui, vindo de Salzsüßen, e pretendo continuar a viajar para casa na terça-feira próxima. Considerando que consegui resolver parte dos meus assuntos pendentes e completá-los em seguida, estou em condições de encurtar a minha estada em Hasselfelde e, pretendo chegar a Erfurt entre os dias 16 e 17 do mês.

Vejo com grande ansiedade o momento que me transporta para sua agradável companhia, restando lhe pedir desculpas pelo atraso com que chego a Erfurt.

Com grande estima e respeito contínuo, o seu devoto

H. O. Blumenau

De H. Blumenau/Hasselfelde

Hasselfelde, 21 de Março de 1845.

Caro senhor e amigo!

(é uma desculpa pelo seu longo silêncio)

Com referência ao assunto patente, quer me parecer que também junto a V.S. ocorreu uma indesejável calma. Este fato eu deduzo do silêncio por parte de H. Hermann. Lamentavelmente o mesmo ocorre comigo (com referência às dificuldades tanto no patenteamento bem como nas potencialidades de venda). Também nas demais situações a verdade é tris-

te; o inverno me trouxe muitos dissabores, e as expectativas com ref. ao próximo verão, também não são as melhores. Apesar de ter feito uso constante da homeopatia, a minha visão piorou e meu problema de audição também não melhorou. Certamente o inverno deve ter colaborado bastante, mormente o reflexo da neve que prejudicou intensamente os meus olhos.

Assim que o tempo melhorar, procurarei um padre católico – que reside em Eichsfeld – e que segundo me contaram – comprovou muitas curas magnéticas, razão porque ele foi recomendado por um importante e credenciado médico.

Caso a cura via magnetismo não surtir o efeito esperado, o que deve ocorrer em cerca de 14 dias, eu viajarei a Berlin para consultar JUNGKEN e seguir as suas recomendações para o próximo verão, pois na atual situação da minha visão, não permitirá continuar os meus estudos. Porém o pior eu acho já ter superado – o inverno – pois a partir das 16 horas eu andava para lá e cá sem nada poder fazer, mesmo à luz. No verão há a possibilidade de circular fora de casa, mas que não supre a dificuldade causada pela falta de uma atividade normal. Peço a Deus que a situação da minha visão se modifique para melhor, pois do contrário o futuro me reserva uma situação terrível (a situação ditada pelas árduas condições climáticas).

Seu sempre amigo
H. Blumenau.

6 - De H. Blumenau/Hasselfelde

Hasselfelde, 8 de junho do ano de 1845.

Caríssimo senhor e amigo,

(Ref. assuntos de patentes. Ref. iodo metálico para experiências galvanofísicas).

O fato de o senhor ter concluído a fórmula de cálcio já me foi comunicado por “Keiner” (esta pessoa já citada por diversas vezes nas trocas de correspondências é o auxiliar de farmácia Franz Keiner e substituiu H. Blumenau no ano de 1844 na fábrica de H. Trommsdorf) e participo de sua alegria por esta realização.

Durante as últimas 6 semanas estive por diversas vezes na localidade de Birkungen, - ½ hora distante da cidade de Worbis, e usei o minel magnético. Lamentavelmente senti poucas melhoras, notadamente na minha audição, enquanto os meus olhos pioraram. Mas no fundo senti uma melhora, razão porque em poucos dias devo retornar a Birkungen para consultar H. Dechant Meyfing e continuar meu tratamento. Tive o prazer de observar notáveis progressos na área de magnetismo e isto em várias situações de doenças. H. D. Meyfing no tratamento de doenças nevrálgicas e reumatismo conseguiu verdadeiro milagre, fato confirmado pelo governo de Erfurt.

No período em que lá estive, H.D. tratou de surdos-mudos, de qualquer idade, ou seja, entre 4 e 34 anos e os recuperava sem exceção. Doenças como gota e reumatismo, em seu estado inicial obtiveram cura em poucos dias (3 a 4) e não raro em uma só seção que durava entre ½ até 2 horas. O fator em si é bem simples. Os magnetos (ferraduras bem robustas) são prensadas contra a parte afetada do corpo e uma outra é colocada na área periférica do coração. São trocadas entre duas até três vezes, lá permanecendo por ½ a 2 horas. Acompanhando o tratamento, é servido um copo de água magnetizado, cuja ação é eficaz, mas cujo preparo constitui segredo profissional de H. Meyfing.

Os surdos-mudos via de regra já sentem melhoras na audição após a primeira seção, terminando por restabelecer esta após 4 até 6 seções, chegando a ser comparada a aquela quando nasceu. A aferição é feita, colocando o instrumento sobre o ouvido conectado a um relógio. Pude observar numa catarata em evolução, onde o magneto conseguiu uma cura parcial. Quando eu viajei, a catarata já recrudescera o suficiente que a pessoa já caminhasse sem auxílio de um guia – e isto em apenas 8 dias. Eu achei isto fenomenal. Em 8 casos de catarata em estado adiantado, o magnetismo foi infrutífero, mas nos casos de Histeria, Coréia e outras doenças de massa,

H. Meysing conseguiu grandes e memoráveis sucessos.

Quanto ao desfecho de outras situações, o céu é que saberá, pois minha situação é nebulosa – preferindo pôr ordem nos meus sentimentos.

Seu dedicado
H. Blumenau.

7)- De H. Blumenau/Hasselfelde

Hasselfelde, 25 de Abril do ano de 1849.

Meu caríssimo amigo!

(ref. alguns envios de mudas).

Inicialmente queira aceitar os meus sinceros agradecimentos, e aí incluindo a sua digníssima esposa pela soberba acolhida que tivemos em sua hospitaleira residência. Se o senhor ou seus filhos por ventura nos honrarem com uma visita, podem estar certos que retribuiremos da melhor forma possível.

(Ref. a futuras remessas e mesmo pedidos de favores e experiências químicas).

O pedido já por mim anunciado ainda não foi formulado, mas em breve virei a sua presença. O pedido se refere a produtos que o senhor sempre mantém em depósito, com exceção de alguns produtos, mormente a uréia do qual trarei e em torno de $\frac{1}{4}$ a $\frac{1}{2}$ libra, caso o senhor tenha feito uma pequena redução em seu preço.

O produto deve ser bem cristalizado e de um bom aspecto. Além disso, talvez de 1 até 3 libras de Tanino bem branco, 1 libra de argent 1 até 2 arrobas (libras portuguesas) de baryta nitr, a mesma quantidade de estron

nítrica, 5 a 10 libras de clorofórmio, $\frac{1}{2}$ a 1 libra de ergotina, 5 a 10 libras de ferr.lactic, que também tem que ser extremamente branco, $\frac{1}{4}$ a $\frac{1}{2}$ libra de santonin, $\frac{1}{4}$ de libra de zinco valerian, 1 libra de ácido fosfórico glaciale, etc e diversos alcalóides, principalmente morfina, estriçnina e talvez cinchonina.

Os produtos pedidos são em sua norma um pouco altos e alguns ainda deverei reduzir, devido à necessidade de trazer ainda outros produtos. O senhor necessitará grande quantidade de frascos brancos, pois exigem uma embalagem segura, principalmente a uréia em frascos de 1 dracma, 2 dracmas e $\frac{1}{2}$ dracma. Já o tanino deverá ser embalado a base de 1, 2 e 6 onças. Clorofórmio, 2 onças; argent nitric., 1 onça ergotin $\frac{1}{2}$ onça, 1; ferr.lactic., 1 onça; 2,4, zinco valer, etc.

Solicito – lhe a especial fineza de guardar frascos com vedação perfeita, para acondicionar éter, clorofórmio e produtos semelhantes, com ênfase para colocar as rolhas num molho em álcool, impossibilitando desta forma que os produtos acima mencionados sofram a contaminação por cores.

Após a minha partida no mês de janeiro, me dirigi a Erlangen, depois através de Rudolfstadt, Neustadt na Orla, Halle etc. para encontrar o meu irmão em Berlim, onde, a contragosto perambulei durante 7 semanas, sem contudo alcançar algum êxito real ou encaminhasse algo de concreto.

Entreguei ao governo um memorial, e com isto deve ter suscitado algo, sem conseguir uma resposta conclusiva, e conseqüentemente tenho que me habituar a esperar. A importância do assunto deve ter merecido um reconhecimento, porém falta tempo e dinheiro, e a política acaba engolindo tudo. Os registros de pessoas foram muitos, mas não pode fazer uso destes.

Se eu até a minha partida tiver condições de visitar Erfurt, depende, pois o tempo disponível é exíguo e ainda tenho uma porção de coisas para fazer.

Passe bem, meu estimado amigo. Cumprimente a sua esposa. De seu amicíssimo e dedicado amigo.

Hermann Blumenau.

Os "Monges" – história e lenda

Enéas Athanázio¹

Autores
Catarinenses

Escritor incansável, Noel Nascimento exercita com idêntica segurança a história, a ficção, a poesia, a filosofia e a ciência jurídica. Dotado de agudo senso crítico, focaliza os eventos históricos por um viés inovador e às vezes surpreendente quando confrontado com historiadores ortodoxos. Além disso, escreve bem, num estilo muito pessoal e elegante, tornando a leitura um prazer. Comprovando sua produtividade, acaba de acrescentar à sua vasta obra mais três títulos. Trata-se de “A Nova Civilização” (Edição do Autor – Curitiba – 2004), “A Revolução no Brasil” (Edição do Autor – Curitiba – 2005) e “Contos Fantásticos” (Edição do Autor – Curitiba – 2005). Todos apresentados com o esmero de quem faz das letras uma atividade superior.

No primeiro deles, espécie de romance profético, o autor antevê o surgimento de uma nova civilização em plenos Campos Gerais, uma civilização “que é real, um sonho a realizar-se e não fantasia ou utopia. Aponto-a na direção do porvir, mas estou numa sociedade nova, de um mundo virgem nos primeiros estágios do desenvolvimento, em que ocorrera formidável misci-



¹ Escritor e Advogado.

genação a originar um novo povo” (p. 5). Essa Terra Prometida, um Brasil dos Campos Gerais, se vislumbra no hemisfério sul, alteada por uma cruz cintilante no céu, onde imperaria uma igualdade fraterna. E aí se desenrola a trama, não faltando os ingredientes romanescos que atraem as atenções de todos. Mas esse mundo novo não é apenas resultado do mero desejo ou dos desvarios da imaginação, mas real e palpável, cuja gênese já pode ser percebida no Brasil de hoje. O livro é uma mensagem de esperança, uma lufada de ar puro no ambiente depressivo de hoje.

Em “A Revolução no Brasil”, ensaio muito pensado e pesquisado, ele mostra como a revolução brasileira vem se realizando ao longo do tempo graças às conquistas do povo. Os fatos mais marcantes da história nacional, encarados de forma isolada, parecem independender dos outros, mas a interpretação correta revela que são elos de uma mesma corrente, como atos de um processo nem sempre percebido pelos historiadores. Tanto é assim que a muitos deles têm sobrevivido movimentos reacionários na tentativa de retornar ao **statu quo**, o que é impossível porque a história não se repete. E assim, passo a passo, penosamente, dolorosamente, vai acontecendo a revolução que levará o país ao seu verdadeiro destino. Como afirma ele, “a história não pára. É um expreso correndo em direção ao futuro. Mas historiadores pátrios têm-na visto estática... A história há de ser vista dinâmica, coincidente com a realidade em movimento. É nesta história que se desenrolam a revolução brasileira, a contra-revolução e as lutas sociais” (p. 7). Com essa visão humanista, vai ele analisando a realidade social brasileira, a revolução e a contra-revolução, os avanços e os recuos, perdas e conquistas, os eventos mais importantes, entre eles a grande guerra camponesa do “Contestado” (1912/1916), seus “monges” e o Império Sul Brasileiro que deveria abranger não apenas os três Estados do Sul mas também o Uruguai. Sua abordagem sobre esses temas merece um comentário.

“Monge – escreve ele – é o asceta plebeu e rebelde, visto no campo como um salvador, um enviado do céu. Não é padre nem frade, porém um líder místico que se destaca da massa dos vagabundos e desocupados dos latifúndios” (p. 75). Na região do “Contestado”, três monges perambularam, dois de nome João Maria, e o terceiro, José Maria, o monge da guerra. Graças ao misticismo imperante na região, foram sagrados santos, dotados de imaginários poderes sobrenaturais, os santos do povo, como tantos outros existentes no país para os quais os cientistas sociais não en-

contram explicação pacífica e traçam teorias sem fim. Ainda agora, graças a um livro recebido dos autores, tomei conhecimento de mais um desses santos populares, o motorista Gregório, em cuja honra foi elevado um altar onde se fazem orações e pedidos, cantam-se louvores e feitos, depositam-se ex-votos em sinal de gratidão. Pelo que relatam os autores, é um santo que ainda vai dar o que falar. Quanto aos dois João Maria, sempre tive a impressão de que são confundidos na memória popular e unificados numa só pessoa nas crenças do povo. Creio que essa tese já mereceu a aceitação de algum historiador. Quanto a José Maria, entrou em cena em Campos Novos, minha terra natal. “Recebido como salvador, José Maria instalou-se numa cabana no município de Campos Novos, para depois fixar-se em Curitiba, em cujo município fundou Taquaruçu, o arraial santo e rebelde para onde afluíam os camponeses” (p. 76). Como registra a história, José Maria e o comandante das forças legalistas, coronel João Gualberto, pereceram num **début** sangrento nas terras do Irani, que seria o verdadeiro estopim da guerra.

Esse reduto do Taquaruçu seria a capital do Império Constitucional Sul-Brasileiro, imaginado em todos seus detalhes, e que constitui um dos mais curiosos aspectos da guerra camponesa. “Em Caraguatá, um novo arraial, gêmeo de Taquaruçu, a outra virgem, Maria Rosa, filha do camponês Eliasinho dos Santos, transmitiu as ordens de proclamação da monarquia e de coroação de Rocha Alves como Imperador” (p. 79). É lançada uma “carta aberta à nação”, mal redigida e considerada ingênua, subscrita por Dom Manuel Alves de Assunção Rocha, o Rocha Alves, declarando ter sido proclamado Imperador Constitucional. A reivindicação material, no fundo, era a mesma de sempre: terra para plantar, colher, viver em paz (p. 80). O capitão Matos Costa, soldado que compreendia as reivindicações dos caboclos e que foi tão injustamente morto, declarava que “os sublevados eram espoliados nas suas terras, nos seus direitos e na sua segurança” (p. 81). Foi morto perto da estação de São João dos Pobres, hoje rebatizada de Matos Costa em sua homenagem. Depois de Taquaruçu e Caraguatá brotaram redutos revoltosos na região. Havia uma igreja, um quadro santo e muitos ranchos. Dali partiam os piquetes, atacando aqui e acolá, atirando de cima das árvores, realizando tocaias, numa guerra móvel que deixava aturdidas as forças governistas. Atacam Canoinhas, Papanduva e Itaiópolis. Em Calmon, queimaram a serraria da Lumber, provocando um

fogaréu que iluminou as noites do sertão, e degolaram os que julgavam inimigos. Ainda conheci, nessa localidade, o chamado poço dos jagunços, onde diziam ter sido encontrados esqueletos sem as cabeças, vítimas das degolas. Na sua fase final, a guerra se transformou em puro banditismo. Adeodato, que alguns chamavam Leodato, foi o mais destacado bandoleiro dessa fase e sua fama perdurou na região ao longo das gerações. “A grande resistência acabou degenerando em simples ações de bandoleiros e a constituir um caso de polícia. As famílias camponesas fugiam para as cidades, aos milhares, abandonando os arraiais. Então as forças policiais dos Estados do Paraná e Santa Catarina, com auxílio de vaqueanos, terminaram a chacina, triste fim do Império Sul-Brasileiro” (p. 86).

Maior e mais duradouro movimento revolucionário da história nacional, o “Contestado” exigiu grande esforço dos governos federal e dos Estados de Santa Catarina e do Paraná para ser debelado, além de ter provocado enormes gastos e ceifado milhares de vidas. A expulsão dos posseiros pelas Cia. Lumber, o desemprego que sobreveio à conclusão da ferrovia e o misticismo exacerbado constituíram o caldinho ideal para a chamada “guerra do novo mundo.” A região que lhe serviu de palco ficou empobrecida e durante muitos anos o assunto foi escamoteado, enquanto as fontes para estudo e as testemunhas desapareciam. Hoje, porém, há um renovado interesse pelo assunto.

Em “Contos Fantásticos” o autor reuniu várias peças de ficção, embora todas, ou quase todas, tenham algum fundamento histórico. Dentre esses contos, “João Maria” se enquadra melhor nos temas deste artigo, merecendo um comentário. Percebe-se desde o início que o personagem é o segundo João Maria, uma vez que há referência ao primeiro, “um outro velhinho, o Agostini, que morara antes dele na gruta (da Lapa), mas não fizera guerra, nem história, só folclore, fora mais um tipo de frade e não propriamente tudo que se entende por monge” (p. 19). Ele voltara à gruta para esquecer a guerra, ali fazia uma parada em sua interminável caminhada. Corriam versões a respeito dele: era Anastás Marcaf ou Johana Ieshona, nascido na Galiléia, ou um espião argentino a observar o Sul, ou então um simples andarilho, sem paragem ou identidade, como tantos outros seres que cortam os campos, furam os matos, palmilham os caminhos, sem cansaço e até sem comida, intoxicado de chimarrão e fumo forte. “Poucas vezes lhe faltavam pinhão, mel e verdura. Bem que se lambia ao tomar café

com leite e bolinhos de trigo que lhe davam nas fazendas. (...) Se os curiosos perguntavam quem era, tinha a resposta pronta na língua: - Sou um homem como vocês, estou cumprindo uma sentença” (pp. 22 e 23). Para dormir, fincava três varas no chão, formando um triângulo, e ali dentro dormia, livre de cobras, bichos, águas da chuva e outros males. Juntar terras e terras, dinheiro e muitos bens materiais à custa do trabalho alheio é crime, dizia ele, apregoando a vinda de pestes, desgraças, doenças e violência. Nas cidades só há ambição e hipocrisia, os filhos da mata precisam ficar na Casa Verde (a própria mata).

Suas lendas e profecias corriam mundo. “Os povoados em que fora maltratado, João Maria disse que iriam “rolar para trás” e, de fato, foram sumindo. Antevira: um dia Curitiba vai se tornar tapera, a cidade de Lages sofrerá uma praga de borrachudos” (p. 28). Ouvi dizer, desde criança, que ele também havia praguejado minha terra em virtude de maus tratos sofridos. Mas as pragas, por sorte, não pegaram. Previu – desta vez com precisão – que o desmatamento acarretaria imensas enchentes, que o ronco dos pássaros de ferro (aviões) seria ouvido nos ares e que outro monge, José Maria, “vir[a continuar a minha guerra” (p. 30). Plantava cruces nos morros, com seus braços abertos, e afirmou que seu túmulo seria cavado pelos índios no cerro do Taió. E seu sucessor apareceu, dizendo-se irmão e pregando a guerra justa, conduzindo os crentes para a insurreição cabocla, a mais sangrenta e duradoura de nossa história.

Mas – como diz o autor – “santo não morre. João Maria protege a Casa Verde. Guiado pelo bordão inseparável, vagueia nas veredas da história” (p. 33).

O passeio pelas obras de Noel Nascimento, das quais tentamos dar uma amostra, é agradável e produtivo, desvendando facetas curiosas de nosso Estado e de todo o Sul.

Contatos com o autor comentado: Alameda Cabral, 246/131 – 80410-210 – Curitiba.

A ilha que virou península

Organizado por Sílvio Coelho dos Santos, Aneliese Nacke e Maria José Reis, foi lançado, no ano passado, o livro-álbum “São Francisco do

Sul – Muito além da viagem de Gonneville”, edição bilíngüe português/francês, publicado pela Editora da UFSC com apoio e patrocínio de outras entidades (Florianópolis – 2004 – 250 págs.) Em tamanho grande, com numerosas ilustrações, fotos e reproduções de documentos, o livro tem uma apresentação gráfica impecável e esmerado efeito estético. Como sugere o título, a obra se propõe a revelar que a cidade de São Francisco, outrora situada numa ilha hoje transformada em península, tem muito mais em seu passado que o curioso episódio envolvendo a viagem do explorador francês e seus desdobramentos, abordando também muitos aspectos do presente e fazendo projeções sobre o futuro da cidade. Trata-se, enfim, de uma coletânea de ensaios que retratam a mais antiga aglomeração urbana catarinense, sua história, organização, cultura, manifestações artísticas, vida social, econômica, política e outros tantos aspectos, numa visão abrangente e curiosa.

Ressalta o livro as relações afetivas e históricas daquela cidade com a França, lembrando os episódios que a isso conduziram. Faz um estudo sobre os Carijó, primitivos habitantes, sua cultura e a situação atual. Realiza um mergulho na história e investiga a ocupação pré-colonial da região e as múltiplas histórias da ilha até os dias de hoje. São destacados os principais intelectuais da cidade e examinada a contribuição de cada um. A importância do porto para a região e o Estado, a arquitetura, os prédios ilustres, os sambaquis, as artes, a vida social, os cartões postais e muitos outros aspectos merecem exame, fornecendo uma visão ampla, fundamentada e agradável da antiga cidade, seu povo, dramas e comédias.

Três eventos marcantes merecem ser lembrados por sua curiosidade e pelo que têm de inusitado. O primeiro só poderia ser a já mencionada visita do capitão francês Binot Paulmier de Gonneville, há quinhentos anos, em 1504, a bordo do navio “L’Espoir”, aportando na ilha e convivendo com os habitantes da estranha terra. Decidindo regressar à França, depois de abastecidos e executados os consertos do navio, levaram como convidados um dos filhos do rei Arosca, o jovem Içá-Mirim, que os franceses registraram como Essomericq, e o índio Namoa, mais idoso, com a promessa de trazê-los de volta. Namoa faleceu em viagem e Essomericq, muito doente, foi batizado como Binot, tendo Gonneville como padrinho. Em terras francesas, o índio Carijó se adaptou muito bem, casou e teve quatorze filhos, e até recebeu uma patente, parte dos bens e o nome de Gonneville, seu fiel

protetor. Foi considerado príncipe e convidado do governo francês, tendo falecido com mais de noventa anos. A viagem de regresso jamais aconteceu.

Em segundo lugar, cumpre lembrar o Falanstério do Saí, na atual Vila da Glória. Em 1842, o médico francês Benoit Jules Mure, inspirado nas doutrinas de Fourier, tentou ali uma experiência socialista, dando início ao falanstério, habitação coletiva que propiciaria aos moradores a justiça social sonhada pelos utopistas. Depois de marchas e contra-marchas, tal como aconteceu com a Colônia Cecília, no Paraná, a experiência fracassou, embora deixando vestígios. Foi a única tentativa de criar um falanstério no país.

Por fim, uma palavra sobre o Canal do Linguado. Em 1934 foi aterrado o canal em sua totalidade para a passagem da ferrovia, uma vez que o fechamento parcial apresentava problemas. A ilha se tornou península e as conseqüências hoje são graves, criando um problema sério, herdado pelos francisquenses, decorrentes de atos praticados sem as devidas cautelas. As gerações de hoje terão que resolver um problema criado no passado, como tantas vezes acontece. Se é verdade que a estrada de ferro trouxe benefícios, também é inegável que gerou problemas de difícil ou impossível solução, alguns de conseqüências trágicas (desmatamento, assoreamento de rios, latifúndio, queimadas, desorganização social, violência etc.).

Desde a Babitonga

Vinte e cinco anos são um quarto de século, período em que muita coisa importante pode acontecer, mudando inclusive o destino de povos e nações. É um lapso de tempo em que muitas vidas surgem e prosperam, enquanto outras fenecem sem chegar à maturidade. Muita gente nasceu, cresceu e se diplomou nesse período, integrando hoje as mais diversas categorias profissionais. Escritores, poetas, artistas e músicos deixaram o universo dos anônimos, produziram e lançaram suas obras, e agora formam entre os reconhecidos e consagrados. Vinte e cinco anos não são vinte e cinco meses e, muito menos, vinte e cinco dias.

Mas foi há exatos vinte e cinco anos, num recanto à beira da Babitonga, que nasceu o “Grupo Literário A ILHA”, reunindo um punhado de rapazes e moças que amavam a Literatura, com o objetivo de batalhar pelas letras e pela cultura, incentivando escritores, poetas e artistas para que produzissem cada vez mais e melhor, publicando e divulgando suas obras de todas as formas possíveis. Sem qualquer ajuda, oficial ou não,

afrontando o desinteresse e até a hostilidade de alguns, puseram-se em campo e jamais deixaram de agir. Promoveram encontros de escritores e poetas, lançamentos de livros, palestras, reuniões para debates, exposições, iniciativas criativas e variadas. Publicaram nesse período inúmeros livros, individuais e coletivos, além do suplemento A ILHA, que nunca deixou de circular, vencendo todos os obstáculos e dificuldades. As circunstâncias impuseram a mudança de sua sede, primeiro para Joinville e depois para Florianópolis, de sorte que o Grupo acabou se transferindo de uma ilha para outra. Isso, no entanto, não afetou a unidade e a disposição de seus integrantes, cada vez mais irmanados no seu ideal.

Num Estado em que todas as associações de escritores fracassaram, desaparecendo sem deixar vestígios e sem influir no meio cultural, o “Grupo Literário A ILHA” é um exemplo admirável de persistência e continuidade, merecendo o reconhecimento público de quem tem acompanhado sua luta de longos anos. Alegro-me por tê-lo prestigiado e aplaudido desde o início e faço votos de que continue assim, ativo e dinâmico, pelo tempo afora, sempre liderado pelo incansável Luiz Carlos Amorim, a quem felicito pelo grande evento – as Bodas de Prata da entidade que inspirou.

B. Camboriú, maio de 2005.

Meus campos gerais

Durante três dias andei pelos Campos Gerais. Em pleno verão, eles estão verdejantes e floridos, exibindo a plenitude da grandeza. Fui observando as coxilhas e as canhadas, os rios e os córregos, os morros e os vales. Lugares bem conhecidos, alguns inalterados como se tivessem parado no tempo, outros quase irreconhecíveis em virtude das modificações imprimidas pela mão do homem, mais ainda pelas estradas asfaltadas que os cortaram em variadas direções. Longe, longe, no horizonte distante, campos e céus se misturam numa mancha azulada. E a saudade, devagarinho, foi enchendo o peito e uma leve melancolia invadindo a alma. Como dizia Guimarães Rosa, pela boca de Riobaldo, “toda saudade é uma espécie de velhice.”

Diversos lugares trouxeram lembranças que pareciam mortas e agora ressurgiram fortes dos misteriosos escaninhos da memória. Nesta estrada, ainda de chão batido, quantas e quantas vezes trilhei, percorrendo cada uma das curvinhas coleantes do trajeto. Aqui neste riacho que desliza

sob um mato fechado eu costumava parar, bebendo de sua água límpida e observando os minúsculos lambaris velozes que ali nadavam. Agora, com a rodovia, parece ter diminuído, virou um filete d'água desmoralizado por uma ponte de concreto. Mais além, naquela baixada, havia imenso banhado, daqueles conhecidos como tremedal (porque atolava os animais) e agora desaparecido. As máquinas lavraram seu solo úmido, virou plantação, e está seco. Aqui – observei – em outros tempos existiu um cemitério, desses recantos humildes onde descansavam as pessoas da fazenda, algumas anônimas e esquecidas. Agora, integrado à lavoura, talvez contribuam para adubar a soja.

Pela direita, naquela baixada, permanece um capão de mato que sempre admirei pela perfeição. Tão redondo que parece obra de Burlle Marx, embora seja nativo. Solitário, ele se destaca na campanha verde, preservando em si um mundo insuspeitado. Nas noites frias e chuvadas, nele se abriga o gado, em suas copadas busca repouso a passarada e muitos ninhos ali são construídos. Pelo seu chão macio, farejando, animais noturnos buscam alimento, protegidos pela escuridão. Talvez alguns fantasmas se arrisquem a aparecer. Como dizia meu amigo Evaristo, o campo é um mundo. Repetindo, sem saber, as palavras de Riobaldo sobre o sertão.

Lá adiante, muito além, aquele emaranhado de mato indica o início do Taimbé. Ali começa o perau empinado e inçado que desce para o rio, lá em baixo, aquele que separa regiões tão próximas e ao mesmo tempo tão diferentes. Seguindo em frente, no alto do coxilhão, avisto a igreja solitária ao lado de um capão que não existia. O mato cresceu! Nele o vento que corre livre faz uma zoadá forte, sacudindo de leve as copadas, e as palavras ecoam de um jeito estranho no interior do pequeno templo. Tudo ali parece um deserto só, mas é impressão enganosa. Para todos os lados existem viventes, homens, mulheres, crianças, criações, bichos, pássaros, insetos e...os que vivem na lembrança. Estes, aos poucos, desfilam pela minha cabeça e eu me pergunto onde andarão. Olho, observo e sinto até cansar. Depois, sem pressa e sem vontade, começo o retorno, deixando atrás de mim os meus Campos Gerais.

Para proceder a assinatura da Revista ou sua renovação, assim como receber números antigos ou tomos completos encadernados, procure-nos.

Abaixo informamos nossos preços:

- Assinatura nova: R\$ 70,00 (anual = 6 números)
- Renovação da assinatura: R\$ 55,00 (anual = 6 números)
- Tomos anteriores (encadernados com capa dura): R\$ 80,00
- Exemplares avulsos: R\$ 10,00 (edições dos anos 70 a 2003)
R\$ 15,00 (anos 60)
R\$ 20,00 (anos 50)
- Encadernação R\$ 30,00 o volume (até 1997, um volume para cada tomo. De 1998 em diante, dois volumes por tomo.
- Tomo completo encadernado: R\$ 120,00 (para tomos de 1998 em diante). Para tomos de anos anteriores, solicitar orçamento.

() Sim, desejo assinar a revista *Blumenau em Cadernos* para o ano de 2005 (Tomo 46). Anexo a este cupom, a quantia de R\$,00 (..... reais) conforme opções de pagamento abaixo.

Formas de pagamento:

- () Vale Postal - Fundação Cultural de Blumenau - Blumenau em Cadernos
- () Depósito no BESC - conta 77.995-2 - Agência 003. Após o pagamento, passar FAX do recibo de depósito com o nome do depositante, para nosso controle.
- () Cheque - Banco: Número do Cheque:

Dados do Assinante:

Nome: _____
Endereço: _____
Bairro: _____ Cx. Postal: _____
CEP: _____ - _____ Fone para contato: _____
Cidade: _____ Estado: _____

Assinatura

Arquivo Histórico José Ferreira da Silva

Caixa Postal 425 - Cep 89015-010 - Fone: (47) 326-6990 - Fax (47) 222-2259
Blumenau (SC) - E-mail: arquivohistorico@fcblu.com.br



FUNDAÇÃO
CULTURAL
DE BLUMENAU



Prefeitura de Blumenau

Unidades
Culturais

Arquivo - Histórico
Prof. José Ferreira da Silva
arquivohistorico@fcbu.com.br

Mausoléu
Dr. Blumenau

Museu
da Família Colonial

Centro Cultural
da Vila Itoupava

Biblioteca Pública
Dr. Fritz Müller

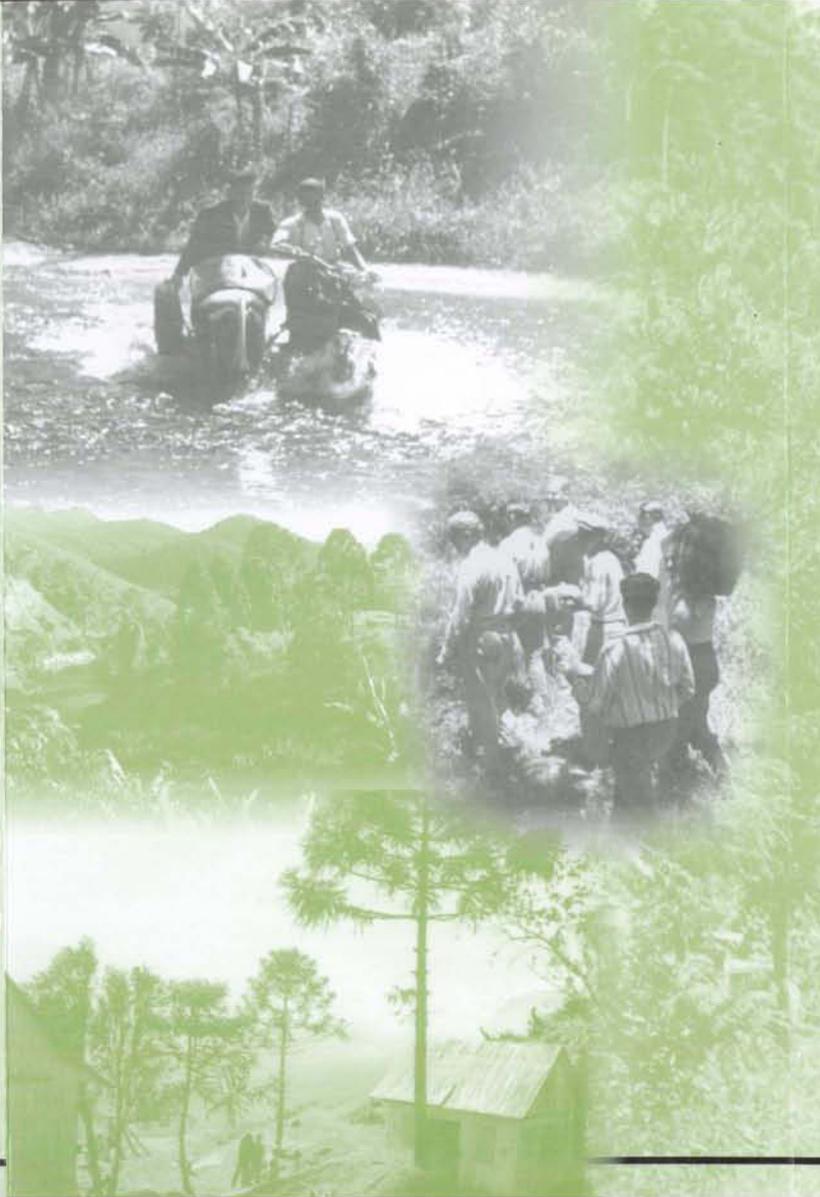
Museu
de Arte de Blumenau

Galeria
Municipal de Arte

Centro de Publicação,
Documentação e
Referência em Leitura

Editora
Cultura em Movimento
editora@fcbu.com.br

www.fcbu.com.br



ISSN 0006-5218

BLUMENAU em Cadernos

BLUMENAU
em Cadernos

TOMO XLVI
Maio/Junho de 2005
Nº 5/6

Apoio Cultural:

Genésio Deschamps

Victória Sievert

Willy Sievert (*in memoriam*)

Buschle & Lepper S/A

Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A

Eletro Aço Altona S/A

Hildegard Rossmark Schramm

43 S/A Gráfica e Editora



TOMO XLVI
Maio/Jun 2005
NÚMERO 5/6

